

JOAO CARLOS SOARES [ZUIN 84

SERGIO MILLIET: O PARADOXO DE UM INTELECTUAL CRITICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Sociologia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade de Campinas, sob a orien-
tação da Profa. Dra. Walquiria [Gertrudes
Domingues Leão [Rego. J. G.

Este exemplar corresponde à
redação final de dissertação
de Mestrado defendida e apro-
vada pela Comissão Julgadora
em 02/02/1994.

Walquiria

CAMPINAS

FEVEREIRO/1994

Z84s

21048/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

AGRADECIMENTOS:

A Walquiria Gertrudes Domingues Leão Rego, pela educação recebida desde os tempos de graduação e por ser mais que uma orientadora.

A Élide Rugai Bastos pela formação, ajuda e incentivo em todas as horas. Pelo ato de fé.

Aos funcionários da secretaria de Pós-graduação do IFCH, pela atenção e gentileza, principalmente para a Esmeralda.

A CNPQ pela bolsa de estudos.

Dedico este trabalho para a minha família, pela ajuda quando as energias faltaram. Agradeço a cada um pela lição de amor e compaixão recebida.

Para Mariela e o futuro, com todo o amor que pode haver numa promessa de felicidade.

Abreviaturas usadas nas citações das principais obras de Sérgio Milliet:

R - Roberto
MR - Marcha a ré
E - Ensaios
RC - Roteiro do Café e outros ensaios
DC - Diário Crítico
SH - O sal da heresia
PM - Panorama da Moderna Poesia Brasileira

As referências completas estão na bibliografia ao final do volume.

SUMARIO

APRESENTAC^{AO} - v

CAPITULO I - TEXTO E CONTEXTO: DO MOVIMENTO MODERNISTA AS REVISTAS DE COMBATE.

Novas idéias, novos atores, 11. Do caráter destrutivo, 21. Identificação com São Paulo: a procura construção do destino, 32. As revistas dos anos vinte: o diálogo indireto, 45. A geografia de São Paulo: o fim do sentimento de disponibilidade, 54. Notas, 66.

CAPITULO II - DO DIARIO CRITICO AO ENSAISMO DOS ANOS TRINTA.

No labirinto do tempo: a consciência política absorvida, 81. A consciência do mal-estar, 92. Um curto período de felicidade: os intelectuais e o Departamento de Cultura, 107. A sociologia como pressuposto teórico da atividade crítica, 121. Notas, 132.

CAPITULO III - O DIARIO DO "HOMEM-PONTE".

O ato crítico no clima da segunda guerra mundial, 152. Pressupostos históricos do "homem-ponte", 167. O Homem-ponte, 178. Notas, 213

UM PONTO DE CHEGADA - 220.

NOTAS- 223

CRONOLOGIA - 224

BIBLIOGRAFIA - 225

APRESENTAÇÃO

Sergio Milliet da Costa e Silva nasceu em 20 de Setembro de 1898, e faleceu em 9 de Novembro de 1966 na mesma cidade de São Paulo. Filho de uma família de comerciantes passou a infância e primeira juventude na Europa onde se formou em Ciências Económicas e Sociais na Universidade de Genebra. Ao longo de mais de quarenta desses sessenta e poucos anos viveu com a consciência dividida entre a cultura européia e os problemas particulares da formação da cultura brasileira, múltipla por excelência nas suas raízes e valores. De volta ao Brasil em 1924, tendo participado anteriormente em 1922 da Semana de Arte moderna, desenvolveu uma intensa atividade cultural e intelectual em São Paulo. De certo modo, sua trajetória intelectual se confunde muitas vezes com as principais mudanças ideológicas e estruturais que sofria a cidade de São Paulo desde o início do século vinte. Absorvido pelo espírito de libertação promovido pelo modernismo, partilhou e exerceu tal estado de ânimo nas várias revistas de cultura que marcaram os anos vinte como Klaxon, Estética e, de forma mais assídua e determinante em Terra Roxa e outras Terras. Durante os emblemáticos anos trinta, não se esquivou das questões políticas e sociais, aproximando-se delas através da esfera cultural do Partido Democrático onde dirigiu o jornal Diário Nacional. Com os resultados da revolução de 1932, retira-se desiludido e amargurado

da política partidária, integrando-se de corpo e alma nos projetos de criação das instituições culturais, como a Escola Livre de Sociologia e Política, a Universidade de São Paulo e o Departamento de Cultura. Agindo sempre nos bastidores, partilhava com ansiedade da função renovadora que a cultura poderia desempenhar na cidade de São Paulo e posteriormente no resto do país. Para Sérgio Milliet, em terra onde a cultura significava prestígio e somente servia como ornamento de classe, tudo ainda estava por vir a ser realizado.

Na sua concepção de mundo a cultura deveria promover no conjunto da sociedade brasileira a função histórica de humanização das relações sociais e de criar espaços que possibilitassem a produção de novos valores e idéias. Entretanto, na sociedade onde o movimento das marés é comandado pela lógica da política autoritária e golpista, nunca pôde assistir o desfecho que imaginava do processo de renovação cultural, a construção efetiva da nação. Em boa parte, encontrou na estrutura do ensaísmo a arma de combate que julgava ser a mais eficaz na sociedade brasileira. Nos meados dos anos trinta, Sérgio Milliet inicia o desenvolvimento de uma técnica de escrever que se aproximava da tradição do ensaísmo ético. Nos primeiros ensaios, principalmente os que estão contidos nos livros *Marcha à ré*, *Ensaaios* e *Roteiro do Café*, podemos observar a fluência da sua formação cultural européia em assuntos que versavam de cenas do cotidiano local até questões sobre a formação da cultura na sociedade brasileira. E foi no ensaio que conseguiu desenvolver sua principal contribuição para a democratização da cultura, o conjunto dos *Diários Críticos* onde encontramos sólidas resenhas da produção artística e literária juntamente com observações

de ordem política e social.

Em sua trajetória, podemos também demarcar uma forma particular de refletir e agir mediante aos problemas da sociedade brasileira, a reflexão que se opera a partir dos acontecimentos ocorridos no passado recente. Na abordagem de suas várias obras, sempre encontramos a tendência de rever o que se passou consigo e com a sociedade em que vivia. Para Milliet, rever era algo mais que uma mera recordação passageira de uma lembrança ou de um sentimento. Na estrutura de seu ato crítico, a recordação do passado era numa tentativa de esclarecer as desventuras e tragédias sofridas ou acompanhadas. Na sua vida, vários acontecimentos foram decisivos para a formação da sua personalidade e marcaram como cicatrizes o seu espírito. É possível dizer que a barbárie presenciada na Suíça durante os anos da primeira guerra mundial e o movimento modernistas de 1922 formaram decisivamente o seu modo de ser, norteando seu comportamento intelectual. Assim, o ato crítico de recordar o passado recente é uma constante em sua vida e obra.

Um outro motivo claramente exposto no conjunto de seus livros é a tragédia do intelectual enclausurado entre as novas formas e feições da sociedade brasileira e a impotência de sua identidade social. Se olharmos convenientemente os seus livros publicados, desde os poesia e romance até os ensaios, esse é o mote por excelência de Sérgio Milliet. Não se tratava de uma falta de empenho nos problemas do momento, mas de um do tipo de intelectual sem perspectiva de realização efetiva de seus desejos, que era contido tanto pelas circunstâncias políticas quanto por uma falta de potência própria para

levar adiante a revolução que ajudava a operar na cultura. É verdade que em muitos aspectos foi a estrutura de poder da sociedade brasileira que impossibilitou o desfecho de seus projetos e a pouco fôlego de suas idéias. No estudo crítico de sua trajetória intelectual, há um significativo descompasso entre a sua contribuição na esfera da política e o que desenvolveu na organização da cultura. Veremos, pois, como o intelectual que não encontrava dentro de si a força histórica para objetivar suas idéias nas estratégias da política partidária, buscava recriar a potência necessária para conduzir a organização da cultura muito além dos limites precários de sua situação social. Nessa contradição reside, a meu ver, a maior virtude e o limite de Sérgio Milliet nos quarenta anos de sua trajetória intelectual. Nas suas palavras, tal drama era enquadrado na seguinte fórmula: "a tragédia do intelectual burguês, apertado entre as pontas do terrível dilema, a demissão e o suicídio". Essa fórmula que usou repetidas vezes para expor as suas próprias desventuras, também serviu para designar a dura trajetória percorrida por Mário de Andrade, Paulo Duarte, Rubens Borba de Moraes e outros amigos no final dos anos trinta e início da década de quarenta. O conjunto da vida e da obra de Sérgio Milliet pode ser sintetizada nessa frase, pois nela estão contidos os limites da sua produção cultural na sociedade brasileira.

No curso desta dissertação, como se verá, procuramos seguir algumas idéias esboçadas por Antonio Candido nos artigos escritos sobre Sérgio Milliet, em especial "O Ato Crítico". Nesse artigo, o autor retoma a idéia apresentada em 1944, no inquérito organizado por Mário Neme denominado de Plataforma de uma Geração, de que Sérgio

Milliet seria uma espécie de "homem-ponte" entre o movimento modernista e a nova geração de críticos que surgia na revista *Clima* e nas páginas literárias dos principais jornais paulistanos. Ao nosso ver, nessa idéia está presente de forma emblemática a representação que melhor define o tipo de intelectual desempenhado por Sérgio Milliet. Como hipótese que estrutura nosso trabalho, esperamos poder demonstrar a importância de Sérgio Milliet na organização da cultura na cidade de São Paulo num intervalo temporal que vai da primeira guerra até o final da segunda guerra mundial. Nesses anos, encontramos com maior vigor, o teor da contribuição de Sérgio Milliet: o valor do esclarecimento contido no pensamento crítico.

Tomando por empréstimo uma expressão de Lukács, poderíamos dizer que na sua vida intelectual, Sérgio Milliet procurou encontrar e, em larga medida, ajudar a formar a consciência moral do burguês, de um tipo que não existia de forma autêntica na sociedade autoritária que mantinha com vitalidade os traços do passado escravocrata. Em uma palavra, na sua trajetória encontramos uma vontade de promover argumentos na direção de administrar justiça e moral nas relações sociais que estruturavam a sociedade.

Durante e após a Primeira Guerra Mundial, numa Europa demasiado rica em massas de pensamentos e em formas de vida descompensadas, inseguras e grávida de desastre, escritores distinguidos pelo instinto e pela inteligência encontraram um processo mediante o qual a realidade é dissolvida em múltiplos reflexos da consciência (...)

O violento ritmo das modificações causou uma confusão tanto maior quanto não era possível vê-las em conjunto; levavam-se a cabo simultaneamente em muitos campos da ciência, da técnica e da economia, de tal forma que ninguém, nem os que tiveram papel diretor em alguns desses setores isolados, podia prever ou julgar as situações que em cada caso resultavam em conjunto. As modificações também não ocorreram uniformemente em toda a parte, de tal forma que as diferenças de nível entre as diferentes camadas de um mesmo povo e entre os diferentes povos se tornaram, quando não maiores, pelo menos mais perceptíveis. A difusão da publicidade e o estreitar-se dos homens na terra, que se tornara menor, aguçaram a consciência das diferenças dos níveis de vida e de visão, mobilizaram os interesses e os modos de vida que foram incentivados ou ameaçados pelas novas mudanças. Em todos os cantos do mundo surgiram crises de adaptação que se amontoaram e aglutinaram; levaram para as perturbações que ainda não acabamos de sobreviver.

AUERBACH, *MIMESIS*

CAPITULO I

TEXTO E CONTEXTO:

DO MOVIMENTO MODERNISTA AS REVISTAS DE COMBATE

Pois jamais houve experiências tão desmoralizadoras como as estratégias pela guerra de trincheiras, as econômicas pela inflação, as físicas pelas fome, as morais pelos donos do poder. Uma geração que ainda fora à escola de bonde puxado por cavalos viu-se desabrigada, numa paisagem onde tudo, exceto as nuvens, havia mudado, e em cujo centro, num campo de forças de explosões e correntes destruidoras, estava o minúsculo e frágil ser humano.

Benjamin, W. *Experiência e Pobreza*

1914-1918. Para vários intelectuais, como Oliveira Vianna e Elias Canetti, o início do século XX deve ser situado na eclosão da primeira guerra mundial. O fato de intelectuais de diferentes países e concepções de mundo pensarem o mesmo, já revela a dimensão dramática do tempo: para os que vivenciaram os anos de destruição brutal das riquezas e dos homens, foi impossível deixar de refletir o sentido que a cultura e a sociedade moderna adquiriram. Mais do que um mero marco na historiografia, os anos de guerra mundial revelaram o início de um novo ciclo na história da humanidade. Para os que sobreviveram à tragédia, o tempo cobrou de suas memórias um imperativo enigmático: o de decifrar o sentido da destruição e o significado que, a partir de então, a vida podia ter.

As gerações que vivenciaram o clima cultural da primeira guerra mundial puderam sentir o quanto o homem recaiu brutalmente no primitivismo e na barbárie. As esperanças orgulhosas no aperfeiçoamento sempre contínuo do progresso e dos modelos culturais, cujo processo conduziria o homem na melhoria crescente da vida e da civilização, foram aniquiladas pelas novas formas que tomaram os

conflitos de interesse na modernidade. A conquista implacável do outro, do inimigo do dia, pelo uso de novas técnicas de dominação e de coerção, marcou o tom de agressividade e de destruição dos países imperialistas, como da própria cultura.

A transformação dos homens em partículas das gigantescas máquinas de guerra, indicava, na realidade, o processo de impotência cada vez maior dos indivíduos na sociedade moderna. A ameaça da morte, o medo do presente, a uniformização das roupas e da própria vida cotidiana, a angústia da luta pela sobrevivência nas trincheiras e nas cidades, as jornadas de trabalho intermináveis nas indústrias de armamentos, enfim, os diversos imperativos coletivos impostos pelas instituições sociais foram interiorizados em todos que respiraram a nefasta luz da onipotente atmosfera de destruição.

A reflexão sobre o sentido e as conseqüências da guerra mundial está presente em autores como Lukács, Freud, Benjamin, Apollinaire, Adorno, Karl Kraus, Thomas Mann, Ortega y Gasset, Alain, Canetti, entre outros. Em cada um, não importando aqui a forma e a profundidade da análise, encontramos o sentimento de perplexidade, de espanto e de desespero diante das terríveis experiências que presenciaram. Em alguns, a questão da guerra está centrada na sensação de *ocaso* da cultura européia; nos valores artísticos, nas conquistas científicas, no crescente domínio sobre a natureza, na moral e na ética que serviam de modelo de civilização para o resto do mundo, mas que, não obstante, impulsionaram o único objetivo da guerra: a morte e a destruição. Conseqüentemente, a principal questão do dia está posta em como pensar uma reconstrução da sociedade se as normas, valores e conquistas foram

transformadas em ruínas pela carnificina promovida pelos gases venenosos? No processo de empobrecimento da vida e no fracionamento moral dos indivíduos reina soberana a atmosfera de esgotamento e de incerteza.

No clima de desespero do momento, talvez seja Freud quem colocou a questão central sobre a primeira guerra mundial e suas conseqüências na organização da cultura e nos indivíduos, ao afirmar que:

A guerra enlodou nossa excelsa equanimidade científica, mostrou em crua nudez nossa vida instintiva, desencadeou os espíritos malignos que nos habitam e que supúnhamos dominados definitivamente por nossos impulsos mais nobres, graças a uma educação multissecular. Cerrou novamente o âmbito de nossa pátria e voltou a tornar longo e vasto o mundo restante. Nos quitou muito do que amávamos e nos mostrou a caducidade do que acreditávamos estável. (1)

Na frase de alto teor sintético, a Europa deixa de ser uma segura e agradável "ilha de cultura" e de valores morais e científicos. Em tom de lamento e de decepção, a abordagem revela a profunda alteração do estado de ânimo dos indivíduos na modernidade, imersos na penosa sensação de insegurança de viver num mundo que poderia alcançar uma situação melhor. Na Europa devastada, não seria mais possível acreditar no devir do progresso sempre positivo e crescente. A agradável ilusão de se viver numa época feliz e definitiva deixa de existir, dando lugar à psicose e à neurose generalizada. A guerra desacreditou a ciência e a educação, impôs uma dura adaptação aos indivíduos no novo princípio de realidade, censurou a alegria e os desejos, restringiu a possibilidade de amar e viver dignamente. Em uma palavra, a guerra mundial transformou os homens e a Europa, abalou e

rompeu identidades, revelando a fragilidade dos valores e das concepções de mundo em voga. É possível dizer, que os anos de destruição produziram um novo tipo de homem e uma nova forma de se viver, no duplo aspecto do tempo: simultaneamente plenamente desejado e temido.

Na Europa em ruínas, a Suíça simbolizava um dos poucos lugares onde ainda era possível viver sem o medo da morte violenta e cruel. Para muitos, a Suíça foi um verdadeiro recanto da paz e da vida livre dos temores e sacrifícios impostos pela guerra. Todavia, se a guerra não penetrou efetivamente na vida cotidiana, devido à política de neutralidade, não deixou de ser sentida e refletida em seus horrores. A presença da morte estava corporificada nos feridos, mutilados e espiões amontoados nos hospitais e nas ruas de Genebra e Zurique. Logo, mesmo como uma "ilhota" de paz, a vida na Suíça era alterada em novas formas de sentir e experimentar a dor e o sofrimento do homem.

Na Suíça, onde a guerra contida na porta da sociedade pela política lançava seus resultados no interior da cultura, vivia o brasileiro Sérgio Milliet da Costa e Silva, aluno da Escola de Comércio e, em seguida, na Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da Universidade de Genebra. Em seus anos de estudos, nosso autor vivenciou experiências e adquiriu valores que se prolongaram em sua vida, impondo uma permanente reflexão e reelaboração do passado. Na sua trajetória, inscrita numa movimentação pendular entre a cultura européia e a brasileira, ingressamos no terreno que nos interessa sobremaneira: o do empenho civil do intelectual numa sociedade mal-formada e autoritária, na qual o sentimento de mal-estar e a angústia

da impotência fazem parte da complexidade da matéria local. Acompanhando-o, penetramos no difícil processo de formação, afirmação e realização do intelectual, principalmente, quando faz parte de seu destino a compreensão da lógica do prudente "pouco a pouco" para poder sobreviver.

Começamos do início. Para Sérgio Milliet, "a guerra e a máquina mudaram a mentalidade dos homens. Quatro anos de selvagem carnificina e outros muitos de impotente desgraça diante da invasão inventiva que destruíam aos poucos a poesia dos campos e despersonalizava as artes interiores, fizeram dos indivíduos seres mais ou menos insensíveis e brutais. A luta pela vida completou a metamorfose e a ciência se encarregou de dismantelar os mais sólidos sistemas filosóficos" (2). Escrito em 1936 no seu livro *Marcha à ré*, a análise procura repensar o que se passou consigo próprio e as conseqüências da guerra na vida cotidiana. As transformações subjetivas e as rupturas objetivas são sentidas tanto na crescente insensibilidade dos homens como no uso da ciência para a construção de novas forças destrutivas. A presença da primeira guerra na memória de Milliet revela um traço marcante da sua personalidade, presente até mesmo nas atividades profissionais que exerceu: a necessidade de reviver as dores sofridas no tempo para tentar promover uma cicatrização das feridas do seu espírito.

No curso da primeira guerra, Milliet participou ativamente de grupos políticos e literários, como a constelação de escritores e refugiados políticos da revista *Le Carmel* organizada por Charles Baudouin, que marcaram a sua juventude norteando valores e idéias contrárias à maré reinante da época, ou seja, daqueles que defendiam

entusiasticamente a destruição. É com reverência e carinho que relembra o contato direto com Romain Rolland, Stefan Zweig, Karl Spitteler e da influência literária de Charles Péguy, Alain, André Gide, Apollinaire e outros, ao longo de sua vida. A reverência é explicada pela importância desses personagens no cenário europeu, na luta que travavam pela defesa do indivíduo e de seus direitos fundamentais, no combate à guerra e na busca de uma nova sociedade harmônica e estável. O contato físico e a influência desses homens está presente nas produções literárias do jovem Sérgio Milliet, em seus livros de poesia *Par le Sentier*, *En Signant*, *Le départ sous la pluie*. Em cada um, o motivo central é a ruptura brutal da atmosfera cultural européia. A desejável "época feliz" do progresso material e espiritual desapareceu, dando lugar ao clima tenebroso das bombas e dos gases da morte. Na conjuntura onde reina implacável o sentimento trágico da vida, os poemas nostálgicos e sofridos de Milliet procuraram, impotentemente, valorizar os desejos e sentimentos sacrificados no turbilhão do presente.

Em *Le départ sous la pluie*, publicado em 1919 pela editora "Jean Violette", Sérgio Milliet desenvolveu uma reflexão mais amadurecida e aprofundada da guerra e da própria poesia. Seus poemas, escritos num tom de sofrimento e de dor, buscam entender o motivo pelo qual a vida não pode ser plenamente vivida, amada e desejada. Movimentando-se por quadros penumbristas, onde o poeta não sabe se está vivendo um sonho diurno ou noturno - pouco importa - ou sonha estar desperto, Milliet escreve sobre o amor despedaçado e as dificuldades insuportáveis de

seu cotidiano. Nas sombras da vida em ruínas, sua poesia procura descrever a fragilidade dos desejos e da felicidade numa atmosfera insensível e cruel. Logo, não é à toa que o sonho está presente em todos os versos, pois é na satisfação onírica que tenta desesperadamente sobreviver, de forma efêmera, à aridez de sua época.

No primeiro momento da trajetória de Milliet, nossa hipótese vai na direção de que em *Le départ sous la pluie* existe uma impotente procura das possibilidades do amor e dos desejos nos homens que acabavam de sair de uma das mais terríveis experiências da modernidade. Se não exagero, há uma nítida intenção em colocar a presença da morte, da dor e da destruição, lado a lado, com o sonho e esperança de felicidade e amor. Assim, a expectativa do renascimento da vida impunha ao autor uma difícil tarefa: a de recordar as felicidades e as dores do passado para entender a lógica do presente. A recordação do passado recente conduz a pergunta do que restou da felicidade e da alegria já vividas, no presente esgotado pela morte de milhares de pessoas e pela ampla destruição de valores. Em seus poemas, Milliet busca entender o que a guerra tem feito nos homens; seu interesse, portanto, é o de saber qual é o lugar que a felicidade pode ocupar num mundo fragmentado e cruel.

Nos poemas de *Le départ sous la pluie*, a expressão da linguagem torna-se violenta procurando, como uma granada, atingir em múltiplos pontos o que restou da sensibilidade na vida cotidiana. No verso *Les yeux perdus au loin* retrata a agonia do indivíduo debilitado e sem diretrizes:

Et je me sens si pauvre et si pareil au naufragé
qui vit, dans l'immense désert de son rocher,
des souvenirs amoncelés en sa mémoire. (3)

No processo de empobrecimento da vida, resta ao indivíduo recompor na memória as experiências que já não pode mais vivenciar. Contudo, a recordação do passado pode se transformar numa fonte criadora, a partir da crítica e da contestação da atmosfera que os homens estão submetidos e submissos. A busca da restauração da chamada "época feliz" da humanidade é romântica, mas também pode ser vista como uma luta em favor da realização das promessas de felicidade, de liberdade e de igualdade que ainda não foram concretizadas na sociedade moderna. A primeira guerra mundial revelou a face cruel do processo de dominação da natureza e dos próprios homens, demonstrando que os sentimentos e valores poderiam ser pulverizados a qualquer momento. O clima de autodestruição que marca a cultura moderna, aparece no verso "*Quitter la vie atroce*", onde Milliet reclama a necessidade de liquidação definitiva de todas as forças de destruição que impeçam a construção da vida justa e humana:

Quitter la vie atroce et meurtrière
quitter l'amour, quitter la haine, quitter
les champs de blé et les roses trémières,
ah! tout quitter,
- les préjugés, les vanités! -

j'aime la sort de ces vainces
qui sanglotent longtemps, le front lourd
le front vide. (4)

Na ruptura com a vida violenta e falsa, com os sentimentos preconceituosos e destrutivos, enfim, com o passado, o presente é refletido, criticado e avaliado em suas possibilidades. O mal-estar do agora aparecia na seguinte questão: como reerguer a vida após o uso indiscriminado dos gases mortíferos? Para os que viveram a guerra, como pensar na nova sociedade, sem levar em conta os dez milhões de

mortos? Como amar e estar apto para a felicidade na realidade caótica e bestial? Logo, por onde quer que olhe o poeta vislumbra a onipotência das novas técnicas de destruição e de morte. Impotente, seu refugio é a memória que alimenta o sonho do homem assustado e mutilado. Não é por acaso que suas últimas palavras são de tristeza e melancolia:

Mais le matin j'ai vu le rêve s'effacer,
l'amour se transformer en verbe périssable.
et j'ai compris des lors qu'il fallait comparer
la vanité du rêve aux mobiles du sable. (5)

Assim, no tempo em que o sonho é impotente e frágil para alçar vôo em direção de uma aventura comum, o amor despedaçado e a solidão do homem na multidão comprovam que algo vai mal na humanidade. O jovem poeta teve a virtude de enfrentar o medo, procurando entender o que impedia o florescimento da vida e do sonho. Nessa tarefa, vislumbrou a realidade em múltiplos aspectos, cores e motivos, alguns desejáveis e outros assustadores. Na atmosfera que define como "tout a passé, tout est fini, tout a sombré"(6), sua poesia teve a coragem de relembrar a felicidade e a alegria de amar, as dores e as angústias, colocando no mesmo plano os desejos e o medo da aniquilação que pairava no ar. Nessa indissolúvel contradição, a poesia adquire a forma de uma arma de combate, agressiva na linguagem e na exposição dos temas, numa tentativa exasperada para evitar que renasça no presente a tragédia do passado recente.

No sentimento generalizado de perecimento da vida, a necessidade espiritual de mostrar-se como um homem fragmentado, possibilitou o desenvolvimento do processo de negação do mundo em crise. Aos sobreviventes restavam o protesto diário contra aqueles que lucraram

com a guerra. Para o grupo literário da revista *Le Carmel*, a arte estava associada com a moral num programa que manifestava "muito maior importância ao conteúdo humano do que à preocupação estilística", de modo que "todo esforço de sinceridade, de liberação formal, de despojamento de preconceitos, era por nós encarado com exageros e entusiasmo" (7). Na aparente simplicidade de tal programa de ação, que parte do sentimento de indignação para a afirmação intransigente na edificação de um mundo mais justo e humano, a arte procura tornando-se a expressão das renovações sociais que buscavam o novo.

Em linhas gerais, a formação cultural de Sérgio Milliet na Suíça foi profundamente marcada pelos acontecimentos da primeira guerra mundial e pela adesão à poesia moderna. Num depoimento dado nos anos trinta, Milliet promove uma síntese explicativa do que a estada européia representou na sua vida:

Um dia, tive a emoção de ser convocado para a casa do poeta Henri Mugnier. E dessa reunião surgiu a minha primeira ambição literária (...) A guerra mundial de 1914 foi outra circunstância que contribuiu para a minha perseverança na literatura (...) E que então se reuniam em Saconnex D'Arve, na casa de Charles Baudouin alguns espíritos brilhantes como Romain Rolland, Stefan Zweig, Henri Spiess, Carl Spitteler, Ivan Goll, Jean Violette. Pintores e escultores de nomeada como Hodler, Vibert e Fehr (...) O cenáculo caracterizava-se por uma preocupação de humanismo, de objetivismo, que marcou profundamente meu espírito. (8)

Sua vida na Europa foi também marcada por alterações e experiências sociais importantes, como a estada rápida na Alemanha do pós-guerra onde esperava sobreviver melhor na difícil realidade do marco desvalorizado. No curto período que viveu em Hamburgo sentiu o que era a desintegração social, a fome e a miséria, e o drama da perda

total de referências e do desespero da sociedade devastada. Nesse momento começa a sentir que é chegada a hora de regressar ao Brasil, para a cidade de São Paulo. Com o fim dos estudos e com dificuldades de sobreviver na Europa em ruínas, que recém iniciava o difícil processo de reconstrução, parte rumo ao inseguro regresso.

Um ciclo seria fechado, sem que as experiências vividas deixassem de cobrar de sua memória o direito de existência.

1 - Novas idéias, novos autores

Os anos imediatos do pós-guerra foram caracterizados pelo sentimento obsessivo do novo, do desejo incontido e da necessidade de renovação ampla do presente, que atingiu de forma avassaladora a moral, a política, a arte e até mesmo as relações familiares. Os indivíduos que vivenciaram os quatro anos de renúncias e angústias, nos quais sacrificaram intensamente a satisfação da própria subjetividade em favor dos imperativos nacionais, com o final da guerra, entregaram-se euforicamente na aparente atmosfera de plena liberdade. Vistos em conjunto, os anos vinte foram determinados pelas construções de novas relações sociais e identidades que surgiam em meio ao generalizado colapso dos valores morais e normas sociais. Vale dizer, foram anos de rupturas e revanches, nos quais as necessidades obsessivas de satisfação dos desejos e impulsos encontravam-se na mais completa licença nas principais cidades européias, onde a insanidade

das relações sociais atingiam a perversidade e a insolência *. Mais do que uma maior possibilidade objetiva, nos anos vinte a disposição subjetiva para a alegria, o divertimento e o prazer era uma exigência compensatória que imperava e irradiava dos mutilados e fatigados indivíduos.

Compreende-se que assim tenha sido. No pós-guerra, um sentimento de que tudo poderia ser feito tomava conta dos homens sobreviventes e ex-combatentes que, paradoxalmente, despertavam das terríveis experiências mais insensíveis e dilacerados em emoções e sentimentos. Uma sensação elevada de si mesmo coexistia com a profunda debilidade do indivíduo em nomear e compreender o que realmente ocorreu consigo e com a sua sociedade. Na esfera da família, o crescente conflito entre pai e filhos indicava o processo de desmantelamento e perda de poder e influência paternal no campo visual da família moderna. Na Alemanha, dois exemplos dão conta da dimensão da ruptura em questão, o teatro expressionista todo voltado para o conflito impetuoso do filho contra a autoridade e a tirania do pai e, o surgimento da expressão "sociedade sem pai"(9), cujo sentido explosivo reflete as profundas transformações individuais e estruturais do pós-guerra. Logo, nos anos

* Escrevendo sobre as profundas mudanças na estrutura da sociedade alemã do pós-guerra, Stefan Zweig afirma que: "Berlim transformou-se na Babel mundial (...) Rapazes pintados, com bustos artificiais perambulavam pela Kurfurstendamm e não apenas profissionais: todos os estudantes queriam arranjar dinheiro, e nos bares em penumbra podia-se ver altos funcionários públicos e grandes financistas cortejando marinheiros bêbados sem o menor pudor (...) No meio do colapso geral de valores uma espécie de insanidade tomou conta precisamente da classe média, que até então conservara-se inabalada em sua ordem. Mocinhas orgulhosamente gabavam-se de serem pervertidas; suspeitar-se que se fosse virgem aos dezesseis anos seria considerado uma desgraça em qualquer escola de Berlim". A respeito, conferir Peter Gay in *A república de Weimar*, p.148-149.

vinte a delirante procura do novo estava associada ao dismantelamento de toda autoridade, norma e valor moral, enfim, de um modelo de sociedade.

No clima de instabilidade social e emotiva, as gerações que cresceram com as sucessivas perdas de referências morais e identificações lançaram-se explosivamente no combate a tudo que fosse visto como causa da miséria do presente. Os sentimentos de saturação e de profunda decadência dos valores fomentavam uma sensação ambígua no destino do homem moderno. Ao mesmo tempo, que acreditava poder construir uma nova possibilidade de vida, sentia a presença assustadora do poderoso espectro da destruição que pairava no ar. O nascimento do novo não poderia eliminar na consciência do homem a dura realidade do passado recente. Uma espécie de estranhamento imperava no cotidiano dos anos de pós-guerra: tão difícil era se livrar do peso insuportável das experiências vividas como olhar para o presente em busca do novo sem resguardar-se, de algum modo, da ameaça de repetição do clima de destruição e morte. Assim, o ato de esquecimento do que se passou e a reflexão crítica da guerra faziam parte da dupla corrente dos anos de pós-guerra. Eram, portanto, atitudes que procuravam **transcender** a dura realidade, seja através da indiferença e da evasão individual, seja no árduo entendimento do que restou da vida no presente sem rumo.

Para aqueles que realizaram a tarefa de pensar o tempo, um sentimento generalizado de espanto conduzia-os à necessidade de dar nova forma à matéria estranha e opaca que, plasmada nas ruínas do cotidiano, parecia esterilizar toda palavra que não fosse forte o

suficiente para romper o seu "encantamento ameaçador". A velocidade das rupturas e das transformações estruturais tornavam a sociedade moderna mais enigmática, assustadora e carente de sentido. Na desordem do tempo, o espanto parecia ser a principal mediação que unia os homens no multifacetado desejo de novidade, que se aplicava à coisas mais opostas. Por um instante histórico, a realidade estilhaçada dos países europeus e da Rússia revolucionária tornavam possível o estado de ânimo de libertação nos homens que desejavam a recomposição da vida através da invenção de novas formas de viver. Como afirma Sartre, sintetizando a atmosfera de liberdade e de euforia que serviria de base para o surgimento das vanguardas artísticas francesas, "em 1918, estávamos em festas; podíamos fazer fogos artificiais com vinte séculos de cultura e acúmulo econômico" (10). Com o despertar do longo pesadelo, uma espécie de "novo renascimento" espiritual surgia com o clima de euforia, proporcionando o livre desenvolvimento de novas estéticas que se propunham a encontrar uma nova rota que acompanhasse a velocidade das técnicas e do tempo. Logo, um momento histórico no qual o desejo do novo era refletido em diferentes estilos, temas e interesses que aprofundavam e incendiavam a cultura nos países europeus, e que possibilitariam que novas "festas de liberação" fossem realizadas nos países que gravitavam na órbita do capitalismo mundial.

No tempo em que tudo foi drasticamente alterado e dilacerado pela novas técnicas de coerção e de destruição, exceto as nuvens que pairavam acima do frágil corpo humano como disse Walter Benjamin, a renovação da vida era desejada e sentida, mas não plenamente

realizada. A difícil invenção construtiva do novo, mesmo no campo da arte, pode ser sentida na reflexão de Sérgio Milliet, recém chegado da Europa, sobre o modernismo como um espírito que exprimia o duplo aspecto do tempo:

E só depois do armistício dos 14 pontos é que, juntamente com o direito dos povos, se cogitou novamente de poéticas. Seguiu-se à guerra um período de alegria, de sarcasmo, de saudades insaciáveis de gozo, que levou a geração às maiores e mais deliciosas excentricidades. Daí o dadaísmo, o expressionismo e outros ismos (...) A guerra fora um inferno de cinco anos que arruinou o mais enraizado sentimentalismo. Um Cendrars de após-guerra, sem braço, de rosto recortado, não pode mais se comover com galanteios fáceis enxertados na cabeça dos sonetos de colarinho engomado.

(11)

O tratado de Versalhes e a criação da Sociedade das Nações estimulavam a sensação prazerosa de uma nova vida num mundo novo, no qual a paz estaria garantida e regulamentada pelas normas do direito internacional estabelecida pelos vencedores. Todavia, nos anos de "paz de cemitério", as marcas de sofrimento e de mutilações nos feridos e mortos estavam irremediavelmente presentes na memória dos sobreviventes. A morte de Apollinaire e de Péguy, para ficarmos no campo da bandeira francesa, e as marcas dolorosas e irreparáveis do conflito no corpo de Cendrars e milhares de outros, tornavam comum a questão: como exprimir uma poesia ou um ensaio sem levar em conta a matéria violentamente transformada ou aniquilada pelas forças destrutivas? A atmosfera dupla do tempo, simultaneamente desejado e temido, acelerava a formação de uma ampla contestação da racionalidade e das certezas dos anos de *belle époque*. Para os que vivenciaram a tragédia, como seria possível permanecer racional e emotivamente

estável e normal numa sociedade que durante cinco anos promoveu, incentivou e conduziu impiedosamente os seus indivíduos à queda em massa, e em perfeita ordem, no abismo da loucura e da irracionalidade?

Para Sérgio Milliet, o exemplo do infortúnio pessoal de Cendrars, que sentiu na carne a ação violenta do tempo, serve para demonstrar o amálgama de temor e ânsia de libertação que caracterizava o estado de espírito dos homens no pós-guerra. De certo modo, em seu texto estrategicamente chamado 'Tendências', publicado na série 'O mês modernista' do jornal *A Noite*, procura refletir o modernismo como um espírito do tempo marcado pelas profundas alterações mundiais. É com esse argumento que afirma:

Em França e na Europa a batalha estava ganha. Aqui no Brasil, começamos mais tarde. Semana moderna. Ataque dos jornais. Campanha Pintosérvica. Klaxon.(12)

No clima de embate, uma espécie de espírito de luta contra o anacrônico influenciava os jovens artistas brasileiros a romper com o passado e o imobilismo do provincianismo cultural e ideológico. Rompimento que significava um processo de identificação com a vanguarda artística européia e uma concomitante refutação do local, do normativo modo de ser e da forma atrasada e estéril de como se deveria exprimir poeticamente. No argumento de Antonio Candido, estava em curso o duplo processo de "desrecalque localista; assimilação da vanguarda européia "(13), cujo programa de ação, de modo geral, estava inscrito nas palavras de combate e de disputa acirrada de posições. É possível dizer, que os modernistas travaram nos anos vinte uma espécie de guerra de trincheiras contra os defensores da ordem passadista e do

parnasianismo. Uma verdadeira luta pela existência, onde cada objetivo tinha de ser conquistado diariamente a partir do direito a expressão e veiculação da nova arte e das novas idéias estéticas nos jornais e periódicos.

Na frase de Milliet, todos os passos ou batalhas são marcados e valorizados, desde a influência das vanguardas artísticas européias, passando pela realização da semana de 22 até a materialização das idéias numa revista que serviria de cavalo de batalha próprio e autêntico. É importante ressaltar que o modernismo é entendido como um espírito de combate e de destruição das idéias que mantinham a cultura local no atraso e na esterilidade. Não é por acaso, que usam constantemente palavras como luta, batalha, conflito, destruição, entre outras, para designar o movimento e o clima cultural da época *. Novos atores que entravam em cena euforicamente munidos com as novas idéias de libertação do verso, das descobertas do inconsciente pela psicanálise de Freud, dos novos estudos antropológicos que valorizavam o primitivismo, da velocidade das invenções técnicas que encurtavam a distância entre os países, como do próprio tempo.

No mundo ocidental, as perspectivas sobre o futuro estavam contidas no centro da questão, principalmente depois do malogro da idéia da construção de uma civilização universal e homogênea tendo

* É claro que o movimento modernista não pode ser explicado somente como um processo de renovação estética originado pelo clima internacional de ruptura de valores aberto pela primeira guerra mundial. O movimento também está articulado com os vários acontecimentos sociais e políticos que alteravam o ano de 1922 como a fundação do Partido Comunista Brasileiro, as greves operárias, o movimento dos tenentes. Assim, esses acontecimentos surgem no bojo da crise da velha República controlada pela ordem oligárquica estão articulados em torno do desejo generalizado de modernização.

como fulcro a hegemônica cultura européia. A crise generalizada nos principais países europeus e a falta de diretrizes fomentavam a idéia de subversão e de contestação desenvolvida pelos movimentos radicais. Logo, vivia-se num tempo aberto difícil ser vislumbrado, no qual as diversas correntes de idéias e interesses reivindicavam a direção e a criação da nova realidade.

A questão da falta de diretrizes e a crise da hegemonia mundial, aparecia no livro *España Invertebrada* de Ortega y Gasset, coletânea de ensaios publicados em 1920 e reunidos na forma de livro em 1921. O motivo central do livro é a necessidade urgente de renovação cultural e política na desordem e no esgotamento do tempo. Escrito com os olhos voltados para desvendar as origens do estado atual da decadência espanhola, suas reflexões transcendem a esfera do nacional e atingem o drama da temporalidade mundial, principalmente, ao afirmar que os principais países europeus:

Não servem de modelos para uma renovação porque eles mesmos se sentem antiquados e sem futuro incitante. Talvez tenha chegado a hora em que terá mais sentido a vida em povos pequenos e um pouco bárbaros. Permita-me que deixe agora inexplorada esta frase de contornos sibilinos. (14)

Suas palavras, escritas no clima de incerteza do agora e marcadas pelo tom de decepção pela decadência da cultura européia, soariam como um bálsamo se fossem ouvidas e lidas pelos que não dispunham, até então, de ânimo e fôlego para entenderem a sua própria realidade. No tempo marcado pelo contorno sibilino do que poderia vir a ser, a carência de certezas e de diretrizes impunha ao europeu mutilado a necessidade de renovação da vida. Se não forcamos a mão, a imposição

de ser outro, de lidar e reformular as questões sociais e econômicas, proporcionava uma aproximação da periferia em direção ao centro do processo mundial de inquietação de idéias e valores. Se estamos corretos, a idéia de desrecalque localista está inscrita na temporalidade obnubilada e confusa pelas rupturas do passado recente. Assim, nossa idéia vai na direção de que, mesmo não participando e vivendo efetivamente a primeira guerra mundial, era impossível não ser obrigado a refletir a atmosfera carregada de incertezas e de destruições que se deslocava rapidamente dos países europeus para o resto do mundo.

Com as sucessivas perdas de segurança e de reconforto material e espiritual dos valores das "épocas felizes" do passado, a agonia do presente caótico e sem rumo conduzia os jovens escritores e artistas brasileiros a tomarem parte nas correntes internacionais de renovações da vida e da sociedade moderna. De tal estado de espírito, nada mais característico do que a sensação prazerosa de identificação com o dever internacional que estimulava a participação na construção do novo mundo - um exemplo característico, é a trilogia sinfônica de Villa-Lobos "A guerra", "A vitória" e "A paz" composta em 1919 para comemorar a assinatura do Tratado de Versalhes, possivelmente, com o mesmo ímpeto que os vencedores reais do conflito (15). Não se pode entender de outro modo, por exemplo, a ênfase na conduta e no destino do homem moderno que aparece na frase de Gilberto Freyre pronunciada em 1924 numa conferência na Paraíba, onde afirma categoricamente:

Não se passa impunemente através de uma época como aquela por onde passou nossa meninice ou nossa adolescência: 1914-1918(...) Estamos, todos os que

seguimos o ritmo deste século, que nascemos dentro dele ou com ele, no mesmo barco: prende-nos uns aos outros, talvez mais do que as nossas pátrias simplesmente políticas, consciência de experiências e de destinos em comum. O excepcional dessas experiências e desses destinos impõem-nos o dever de pensar e de agir, quanto possível, acima da mediocridade. (16)

Na frase de alto teor sintético, o drama da temporalidade promovia o dever comum dos homens de evitar a repetição do clima de destruição e morte. A idéia do destino e das experiências em comum, transformava o sentimento histórico de inferioridade e de mal-estar em estímulo e auto-valorização necessário para dar seqüência ao desejo de refletir as questões da realidade nacional e mundial. De certo modo, esse espírito de participação somente parece vir à tona em circunstâncias catastróficas na história da humanidade. Estranha coincidência temporal, que permitia aos homens de cultura dos países atrasados e dependentes a licença em combater, discutir e experimentar em seu próprio solo e com novo estado de ânimo as novas diretrizes da cultura. Para Gilberto Freyre, a sua geração estava condenada a viver o ritmo do século, não podendo se esquivar do concreto, da responsabilidade em investigar e repensar o tempo. Assim, a tarefa dos homens de cultura, homens seletos que devem pensar e agir acima das massas e da mediocridade, é a de procurar frear a velocidade avassaladora das destruições que pareciam não ter mais fim nem origem. Na catástrofe planejada e executada com o requinte da lógica, todo sobrevivente traz em si uma inquietação perturbadora e dramática sobre devir.

Um espírito de inquietação e contestação de posições tomava forma

e criava força para agir "mesmo no edênico Brasil" (17), como aponta a ironia de Mário de Andrade. No ritmo do tempo, assustador pelo perigo que pairava no ar mas intensamente desejável pelas conquistas técnicas, nada poderia permanecer como era antes de forma estável e segura. Assim, um novo espírito de destruição tomava conta da racionalidade e da sensibilidade dos homens modernos. Em escala mundial, tal espírito assumiria diversas formas e interesses nas experiências cotidianas de cada nacionalidade.

2 - Do caráter destrutivo

Na Europa dos anos vinte, os movimentos de vanguarda radicais possuíam como alvo a destruição da ordem das autoridades, normas e valores morais que eram identificados como responsáveis pela miséria do presente. Na frase de Max Ernst, sobre a concepção da arte no pós-guerra, podemos sentir a profunda ação do tempo nas experiências vividas:

Dadá foi antes de mais nada uma atitude mental...
nosso objetivo era a subversão total. Uma guerra
medonha e sem sentido logrou-nos cinco anos de
nossas vidas. Nós vimos tudo o que nos foi apre-
sentado como bom, belo e verdadeiro mergulhar num
abismo de ridículo e vergonha. O trabalho que eu
produzia naqueles dias não se destinava a agradar,
mas a fazer as pessoas gritarem.(18)

Uma arte do desespero, onde o indivíduo mutilado e sem forças coletivas sobrevive impotente na dança de um tempo sinistro. Para Max Ernst, a guerra não destruiu somente as promessas de felicidade e

liberdade, nem apenas os valores morais e as conquistas materiais; ela privou uma boa parte da vida que havia e poderia haver no interior de cada ser humano. As atrocidades cotidianamente vivenciadas ou ouvidas, com o passar dos dias ou dos anos, eram esquecidas a ponto de se tornarem mais um mero quadro do real, sujeito como todos os outros quadros, à desvalorização rápida e ao tédio. Para nosso interesse, importa destacar o caráter destrutivo como uma sombra que acompanhava os sobreviventes, assumindo o lugar do vazio que imperava na vida privada e nas relações sociais. Na cultura que promoveu abusivamente a própria destruição, não se poderia esperar outra companhia para a consciência dilacerada dos homens modernos.

No terreno do modernismo brasileiro, nos interessa avaliar a influência do "espírito destrutivo" usado para a ampla revisão dos tradicionais critérios de valor. Tentarei, assim, mostrar que o modernismo no Brasil é marcado desde o início por um sentimento trágico, profundamente vinculado ao clima mundial de destruição. Uma etapa destrutiva, poderíamos dizer, em que o rompimento com o localismo mostrava as dificuldades do novo em terras calcinadas pelo fogo tenaz emanado do elitismo e do autoritarismo. Desse modo, seguiremos nos argumentos de Gilda de Mello e Souza, partindo da idéia de que o nacionalismo da metade dos anos vinte atuaria como uma força social capaz de promover a superação dos primeiros anos de destruição. Nas suas palavras:

(...)o Nacionalismo constituiu, na década de 20, a solução mais adequada que os modernistas brasileiros encontraram para superar o período experimental das vanguardas, sem romper, no entanto, com algumas das suas conquistas fundamentais (...) A rapidez com que se efetuou entre nós a substitui-

ção de um programa estético europeu por outro nacional teve a vantagem de evitar o prolongamento da etapa destrutiva, que na Europa se expressou sobretudo pelo Dadaísmo e o Surrealismo, e que teve conotação fortemente individualista.(19)

Uma superação marcaria a passagem da etapa destrutiva, do caráter extremamente internacional, para a procura do entendimento da realidade brasileira, etapa de estudos originais e desejosos de criarem uma cultura própria. Na tradição do termo, a superação está relacionada com a **experiência** desenvolvida e acumulada na concretude do tempo; assim sendo, no caso do modernismo no Brasil, convém então, desde o início, entender o singular processo de identificação e assimilação das vanguardas européias para depois relacionar o sentido da superação, do que foi negado e conservado, nas idéias desenvolvidas na realidade local. Nesse sentido, procuramos estudar o modernismo, partindo principalmente da ótica de nosso autor, através das idéias desenvolvidas nas revistas do momento e na recordação crítica efetuada ao longo de sua trajetória. Se na compreensão de uma experiência, importa saber o seu resultado, a ordem da crítica pode estar tanto no entendimento da evolução do estilo e do assunto, como na recordação que procura assimilar e renovar o passado. Nossa tarefa, portanto, é a de refletir a superação da etapa destrutiva do modernismo através do prolongamento e do desdobramento das experiências ocorridas, nos atos vividos e nas recordações críticas.

Partindo do pressuposto da leitura retrospectiva, em 1941 Sérgio Milliet publica na *Revista do Arquivo Municipal* seu ensaio "O Sal da Heresia", composto de diversos temas, dentre eles um estudo sobre a contribuição da prosa de Antonio de Alcantara Machado no modernismo

paulista. Procurando assinalar os homens mais representativos do movimento, bem como a heterogeneidade dos valores e idéias, afirma que o modernismo encarna um espírito do seu tempo:

1922 é um ano marco em nossa história literária. Pois se tudo não vem de 1922, como querem os mais apaixonados, quase tudo termina em 22. E uma nova fase começa(...) Ora, os homens da geração anterior à de 1922(...) acreditavam na lei dos três estados, quando a verdade estava na etnografia primitiva desmoralizando as teorias sociológicas antiquadas; ainda se apegavam às rígidas concepções do bem e do mal quando Summer já escrevera suas observações sobre a relatividade dos costumes, revivendo as velhas teses esquecidas de Pascal e de Montaigne. Era possível dizer isto cantando? Era possível continuar no soneto? Não, ou o poeta matava o soneto ou o soneto matava o poeta. E matar o soneto foi a árdua tarefa de 1922, muito mais dura que imagina a geração moça de hoje. É muito mais meritória. (20)

O modernismo é, aqui, entendido e valorizado como um espírito de destruição, de rompimento com a vida sem conflitos e calma cantada pelo parnasianismo. Atento aos movimentos gerais de revisão das idéias e dos valores, Milliet procura mostrar o confronto entre o novo, desenvolvido pelas novas teorias antropológicas e pelas modernas técnicas artísticas, e o atraso local marcado pela sobrevivência do positivismo de Comte e sua lei dos três estados. Como afirmara no artigo escrito em 1925, não era mais possível continuar preso na forma estéril e atrasada do parnasianismo na realidade inteiramente transformada pela brutalidade e violência da primeira guerra mundial. O "espírito do século", expressão que usa para caracterizar a afinação da prosa de Antonio de Alcantara Machado no tempo, revela a necessidade de uma nova mentalidade e uma nova forma de se equacionar os problemas do momento. Logo, como "espírito do século", o modernismo

realiza em 22 a experiência fundamental para mudar o curso da cultura no Brasil atrasado e provinciano. É, portanto, um marco histórico na medida em que os espíritos modernos, que procuravam a todo custo a afinação da arte local com as melodias radicais européias que revolucionavam a arte, refletiam o desejo de compor e criar de acordo com o ritmo do tempo, mas no interior de sua realidade.

É com espírito de combate que Milliet procura caracterizar o fogo aceso em 1922 e nos anos posteriores pelos modernistas, contrários a geração anterior que mantinha a direção da cultura e determinava o sentido do gosto e da moda artística. Como representante do novo, da nova aurora que anunciava a reconstrução do mundo, os modernistas acreditavam realizar uma tarefa fundamental:

(...)os próprios valores humanos se modificavam em função das transformações econômicas e sociais que sofria o mundo desde a primeira grande guerra. 1922 não foi um movimento formalístico, gramatical; não foi um novo sistema de pontuação; não foi uma simples guerra civil literária, foi uma revolução, uma luta encarniçada entre duas concepções de mundo.(21)

Situando o movimento no interior das transformações e rupturas mundiais, para Milliet não se pode entender o modernismo apenas como reforma na linguagem e na forma artística. Segundo Milliet, pensar dessa maneira é tomar a parte pelo todo, reduzindo os motivos pelos resultados. No seu argumento, é fundamental traçar a linha da mediação entre o caos promovido pela primeira guerra mundial e o advento do espírito moderno de contestação e destruição. Logo, o movimento de 22 é consequência de um profundo estado de debilidade e perda de

referências mundiais, onde a sensibilidade dilacerada e a crise da racionalidade impunham a necessidade absoluta de ampla renovação cultural.

Como afirma Antonio Candido, na mesma linha do raciocínio de Milliet, para a sua geração, principalmente a do grupo *Clima*, o modernismo "interessava sobretudo como atitude mental, ao contrário de hoje, quando interessa mais como criação de uma linguagem renovadora" (22). O que significaria, portanto, a idéia de "atitude mental" de Antonio Candido, que é próxima, senão similar, da expressão "espírito do século" de Milliet ? Se não for um exagero, os dois críticos procuram demonstrar que o peso insuportável do início dos anos vinte, da realidade mundial exasperada, forçava o destino da geração dos homens de 22 rumo a participação na criação de uma nova mentalidade.

Se deixarmos de lado as conseqüências da guerra na formação e na memória dos que a vivenciaram, como podemos entender a totalidade nebulosa que marcava o período? Como seria possível conceber a pintura de Max Ernst e a crítica mordaz de Karl Kraus (23), dos que precisavam gritar para não morrerem asfixiados na atmosfera sem vida da Europa; e, de que modo podemos entender o sentido das rupturas efetuadas pelos modernos?

No início dos anos 40, uma década extremamente rica em depoimentos, Mário de Andrade realiza uma palestra cujo tema era um balanço sobre o modernismo e o clima cultural da semana de 22. Numa frase significativa diz que:

Não. O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequen-

tes, foi uma revolução contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. E as modas que revestiram este espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa. Quanto a dizer que eramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica.(24)

Procurando demarcar posições e valores do modernismo em São Paulo, a crítica de Mário de Andrade corre na mesma direção que a de Sérgio Milliet. Ambos, entendem a origem do modernismo como espírito de destruição, de tomada de posição a favor de novos valores, da atualização da arte e da criação da cultura nacional. Em tom sarcástico, procuram afirmar que o aspecto inevitável do novo só não era pressentido pela inteligência nacional da época, que fazia vistas grossas para não perder seus postos de direção na cultura. Para Mário de Andrade, "uma força universal e nacional muito mais complexa que nós"(25), como afirma no início da palestra, rompia e arrastava a segurança e a passividade da vida e dos valores na sociedade moderna. Um influxo de destruição inevitável, que abalava profundamente a arte ornamental e a falsa solidez dos sentimentos e da racionalidade nos homens. Uma "força fatal" que chegava no Brasil com atraso, mas que imprimia uma nova dinâmica na vida cultural, mudando e transformando valores e concepções de mundo.

Na atmosfera mundial exasperada, os modernistas efetuavam, ao mesmo tempo, uma tomada de posição internacional e nacional, isto é, assimilavam o teor crítico e radical dos movimentos artísticos para mudarem, de algum modo, a realidade atrasada em que viviam. Um duplo acerto de contas que revela a sempre árdua tarefa dos homens de

cultura nos países periféricos. Acertar os ponteiros do relógio nacional com a hora mundial, foi a analogia encontrada por Oswald de Andrade para nomear a necessidade que imperava oculta na mentalidade dos homens de cultura. Um desejo que possui, como todo, várias formas de sublimação, mas que nunca deixava de incomodar e cobrar seu direito de existência. Acertar o passo com o atual e romper com o anacrônico, duplo desejo, que encontrava na agonia e no esgotamento do ideal de civilização o momento certo de ação e afirmação.

No depoimento de Sérgio Milliet para a enquête desenvolvida por Edgar Cavalheiro nos anos 40, uma espécie de balanço de idéias chamado *Testamento de uma geração*, uma frase revela o olhar atento do crítico que teoriza o modernismo pela idéia de transplante cultural:

Através do oceano, com os primeiros cargueiros que reiniciaram as viagens comerciais entre o velho e o novo mundo, desembarcaram em São Paulo os livros dos modernistas franceses. Apollinaire, Cocteau, Cendrars, Max Jacob; chegavam, e, coisa admirável, ao mesmo tempo as obras dos simbolistas, dos defuntos simbolistas, principalmente começavam a ser lidas entre nós.

De modo que:

Toda essa educação artificial, formalista, vazia demagógica, retórica, campeava desenfreada, dentro das fortificações solidíssimas dos preconceitos de toda espécie. Uma carapaça de tartaruga cobria o humano, recalcava-o, impedindo quaisquer soluções de expansão ou expressão.

Tínhamos que quebrar tudo, destruir, matar, enterrar, cremar. Foi o que fizemos de 1921 até 1932, mais ou menos. (26)

A retomada do mercado mundial do café e os efeitos da guerra na dinâmica interna da economia traziam para o Brasil as novas idéias sobre a sociedade moderna e a arte. A noção de transplante de idéias que aparece nas entrelinhas de Milliet, procura assim, demarcar a

filiação dos jovens artistas com o espírito moderno de libertação. É através do sentimento de desrecalque que procuraram virtudes novas em coisas nacionais afirmando, sem a tradicional dose de vergonha e mal-estar, a individualidade recém-descoberta. Seu raciocínio coloca questões importantes como a contraposição do atraso local e a constante renovação espiritual e material estimulada a cada vinda de cargueiros. Para nosso objetivo, interessa a adoção ampla da idéia de destruição e de libertação que tornava possível materializar na cidade de São Paulo uma nova forma de pensar e definir a realidade local. É importante notarmos também que Milliet não fala Brasil quando traça a mediação entre as idéias européias e a cultura local. No seu argumento, a cidade de São Paulo adquire dimensão nacional.

É preciso destacar a linguagem agressiva e mordaz mantida após vinte anos para caracterizar o teor que fundamentava o ideário dos modernistas paulistas. Destruir, quebrar, lutar, combater, enterrar e matar foram palavras de ação na língua arrojada dos primeiros modernistas. Caracterizam uma nova forma de ser e de se portar diante do clima mundial dos anos vinte marcados, sobretudo, pela velocidade assustadora das transformações culturais, políticas e dos inventos técnicos que alteravam os limites da realidade. O novo mundo descoberto e recriado pela ciência e pela arte estimulava o sentimento eufórico dos artistas brasileiros que procuravam ler e assimilar o teor explosivo de libertação presente nos livros contidos entre as mercadorias dos navios de carga que promoviam a normalidade do comércio mundial.

De certo modo, a linguagem agressiva amplamente utilizada pelos

primeiros modernistas denota um programa de destruição adotado no clima cultural do tempo moderno. Os livros dos modernistas franceses, inclusive de alguns escritores já falecidos nos campos de batalha da primeira guerra mundial, serviam como incentivo à luta que deveria ser aqui também efetuada. Num balanço panorâmico sobre o modernismo, escrito nos anos 50, Sérgio Milliet procura ressaltar o clima cultural geral que catalizava a ânsia de libertação presente nos modernistas brasileiros:

A vida mudara, a sensibilidade se exasperara, o mundo atravessara um período de violenta convulsão, e as soluções literárias que os poetas tinham à sua disposição continuavam as mesmas que haviam servido para o canto do sossego, das sutilezas mortas, da vida assentada de antanho. E essas formas inadequadas, esse continente que não se ajustava ao conteúdo, aguardavam tão somente quem as destruísse. Alguma coisa devia surgir. Esse clima não era apenas nosso, mas aqui se manifestava com algum atraso. Por isso as primeiras revistas e os primeiros livros que nos chegaram da Europa ao findar a guerra de 1914-1918 constituíram uma revelação. E um incentivo à luta. Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, os mais inquietos dos que então se iniciavam, começaram a ler Apollinaire, Cendrars, Cocteau, a estudar as novas pesquisas rítmicas e a compreender que era preciso libertar de uma vez a poesia das convenções a que estava amarrada. E o exemplo europeu, francês principalmente, veio assim influir de modo preponderante na evolução da nova poesia. (27)

Como se pode ver, Milliet procura definir o modernismo no interior do movimento da história, ressaltando as influências de espírito, de estado de ânimo de libertação e contestação das antigas amarras que prendiam o homem na crença do progresso evolutivo e seguro. Dos cargueiros vindos da Europa, desembarcavam novas vozes que exprimiam desejos e sensações de um mundo novo. Idéias que flutuavam,

tais como os cargueiros, sobre um mar tempestuoso e irreverente. Contudo, para Milliet, a chegada dos livros de poesias das vanguardas francesas juntamente com o dos simbolistas demonstrava o atraso brutal da poesia e da mentalidade no Brasil. O espírito de luta e de combate das vanguardas européias deveria ser atualizados e, em larga medida, criado no interior da sociedade brasileira. Procurando ser mais exato, os modernistas tratavam de construir um estado de ânimo de libertação voltado para o combate amplo e variado na esfera da cultura.

Na frase de Milliet, encontramos também uma certa analogia oculta que serve como indicação para o entendimento da sua própria trajetória, afinal, nosso autor regressou para o Brasil num dos primeiros cargueiros que reiniciavam o percurso no pós-guerra. Um difícil regresso, como já dissemos, em que se sentia um estrangeiro em sua própria pátria. Para sua fortuna, na cidade de São Paulo, foi rapidamente acolhido por uma nova constelação de escritores e artistas, com os quais pôde assumir uma certa identidade social. Quando parte da Europa, no final de 1921, trouxe consigo uma frase paradigmática escrita por Romain Rolland, numa carta de despedida, na qual afirma que "a Europa não merecia saudades" (28). Foi com essa sensação de ampla perda de referências que partiu para o Brasil numa aventura em plena disponibilidade.

3-Identificação com São Paulo: a procura da construção do destino

A participação de Sérgio Milliet na Semana de Arte Moderna é restrita a alguns versos recitados. Da semana de 22 afirma ser apenas um admirador da modernidade de Mário e Oswald de Andrade, o que soa como uma modéstia e discrição, uma prática constante do seu espírito, pois já era moderno antes mesmo de regressar para o Brasil. De certo modo, a curta estada de Milliet, da semana até o final de 22, pode ser representada como uma adaptação física e mental a lógica particular da sociedade brasileira. Nesse curto período, inicia o estudo mais profundo da língua portuguesa, mas ainda mantém certo gosto por ser identificado como um estrangeiro. Essa mistura de sensações marcaram o ano de 22, onde "via-se estrangeiro em seu próprio meio, encantado tão só pelo exotismo tropical de flores, odores, rumores, exatamente o que não deveria espantá-lo"(29), como escreveu posteriormente em seu romance *Roberto*. Um estrangeiro, que escrevia e assinava poesias modernas em francês, que ficava deslumbrado com o trópico, que olhava a miséria nas ruas com medo e que sonhava com uma vida com finalidade e sentido.

No romance *Roberto*, uma espécie de diário pessoal que retrata o diálogo de um jovem num tempo turbulento que fragmentava a mais sólidas certezas, escreve em torno das principais experiências vividas por si mesmo nas diversas constelações culturais que participou. Dividido em quatro partes, infância, adolescência, cristalização e epílogo, seu romance é, na verdade, um constante acerto de contas com o passado, onde cada capítulo está vinculado com o outro exigindo

compreensão e superação. Descrevendo as aventuras e as desventuras de Roberto na Suíça e em São Paulo, atinge uma força maior do que se propôs no prefácio, de escrever "um livro sem intenções". No seu livro, muito embora procure desde o início negar ser um romance autobiográfico, podemos acompanhar a formação da sua personalidade em meio aos movimentos da história. É importante notar a presença permanente do momento real, dos problemas concretos que exigem posicionamento, ação e superação. Em Roberto, a mobilidade é a regra do estilo, que procura envolver os personagens no interior da história. É assim, na Suíça, em torno dos cenáculos literários e da militância política em Genebra, como também, no seu regresso em 1921 para a cidade de São Paulo. Mobilidade tanto geográfica como da reflexão, do espírito inquieto que busca permanentemente em cada lugar o seu destino.

No diálogo com o seu tempo, *Roberto* pode ser lido como um diário, no qual o autor procura desesperadamente reviver as várias facetas que possuiu principalmente na passagem da juventude para a fase adulta. Nas suas páginas encontramos frases importantes que revelam os desejos e ambições dos modernistas no clima cultural que viviam. Assim, escreve a respeito da constelação dos poetas que se reuniam no final do ano de 1921:

Apesar de tudo S. Paulo não desiludia. Certos por-
menores o chocavam. O conjunto porém resistia à
crítica. Só carecia ao organismo em formação uma
consciência mais sólida de sua entidade racial e
geográfica. Aquela mocidade brilhante, confusa en-
tretanto na sua orientação livresca, aspirava a um
ideal que a guiasse. Nisso pelo menos se irmanavam.

A pátria era grande demais e por demais desconhecida para ser bandeira de suas ambições. Faltava unidade aos 8 milhões de quilômetros quadrados.(30)

A falta de diretrizes seguras impunha a tarefa de procurar saídas nacionais para os problemas concretos da realidade local. Uma necessidade que unia os modernos no desejo de renovar e superar o provincianismo e os preconceitos morais contidos no interior dos menores atos e idéias praticados nas relações sociais. Na avidez de entendimento da realidade brasileira, o ecletismo presente nos modernos desempenhava um duplo papel; ao mesmo tempo que as idéias mais contraditórias eram assimiladas e utilizadas na construção de um programa de ação, o diálogo livre, sem preconceitos, possibilitava a superação de complexos de inferioridade históricos. A incorporação do humor, do irracional, da tradição e dos aspectos da vida moderna na realidade local revelavam aos modernistas a difícil compreensão da sociedade brasileira. É interessante como, para Milliet, São Paulo ora adquire dimensão nacional ora é visto como estado modelo, que destoa do emaranhado de atraso e esterilidade do resto do Brasil. Na falta de uma unidade efetiva, o ideal de modernização deveria ser conduzido por São Paulo; essa idéia aparece como um desejo latente do paulista, na frase:

Impunha-se o enfeixamento das energias num programa de ação que tivesse por mira atingível uma idéia de política suficiente, uma pátria mais circunscrita e portanto mais ao alcance da mentalidade média.

Brasil, era, para quase todos os brasileiros de São Paulo, uma terrível abstração.(31)

Uma frase lapidar, que demonstra uma dificuldade profunda dos modernos em entenderem a dimensão da nacionalidade, o sentido de ser brasileiro. O tema da nacionalidade ressurgiu com certa violência em 1926 na revista *Terra Roxa e outras terras*, convergindo em diferenças de posições e idéias. Sem entrar ainda nesse tema extremamente polêmico, desejamos indicar o dilema do momento: a profunda hostilidade da matéria (32), composta por temporalidades antagônicas e interesses nunca efetivamente defendidos em projetos nacionais, impunha a necessidade do conhecimento árduo e estafante para poder penetrar no interior de seu enigma. Os modernos passaram da fase destrutiva para a construtiva, pois na realidade brasileira não é preciso se aprofundar muito na matéria para ser obrigado, rapidamente, a tomar posições políticas e pessoais. A cada simples debruçar nos problemas presentes no cotidiano, a matéria revolvida projeta aos olhos o passado vivo da destruição e a brutalidade da dominação. Nosso autor é sensível o bastante para nomear a falta de conhecimento do Brasil denominada de uma "terrível abstração". Um enigma que persistiria ao longo da trajetória de Milliet, nas viagens entre a Europa e o Brasil, e que o acompanharia em suas reflexões e posicionamentos. Quando afirma que o Brasil é uma "terrível abstração" para os brasileiros de São Paulo, revela o dilema de um processo de modernização que abafou a participação popular, criando e conservando uma estrutura política de dominação tão velada quanto sufocante. Na contradição presente em sua idéia, uma verdade salta aos olhos. Afinal, o que é a nacionalidade, e onde a sentimos presente nos nossos atos e reflexões?

Como mencionamos anteriormente, a passagem por São Paulo em 1922 foi extremamente fecunda para nosso autor, que encontrou um certo ideal a ser valorizado e perseguido juntamente com os modernistas. Um outro ponto que deve ser valorizado, é a aproximação fecunda que desenvolveu com Mário de Andrade. Mais do que uma amizade, a relação entre ambos foi estabelecida num intenso debate que os enriqueceram profundamente. Quando Milliet regressou para a Europa no final de 22, é com Mário de Andrade que desenvolveu um diálogo ativo e fundamental para a sua formação intelectual. Um período extremamente importante, que queremos nos deter para estabelecer a ponte que liga Milliet com a cultura brasileira. Ao nosso ver essa ponte poderia ser chamada Mário de Andrade.

As cartas de Mário de Andrade para Sérgio Milliet representam um documento importante que retrata as contradições e oscilações do movimento modernista, bem como a situação difícil do intelectual sempre endividado e sujeito aos pequenos favores para manter a sobrevivência em dia. No total de doze cartas escritas entre 1923 e 1925, encontramos um processo de formação intelectual mútuo e fraterno, onde o incentivo para o conhecimento é dividido e apoiado, desde empréstimos de pequenas parcelas de dinheiro até o debate sobre a arte moderna. Como as respostas de Milliet para Mário de Andrade não foram encontradas, o diálogo deve ser reconstituído nas idéias debatidas e refletidas por Mário de Andrade no Brasil. A partir delas poderemos esboçar o sentimento de nacionalidade crescente em Milliet e incentivado, senão desenvolvido, por Mário de Andrade.

Numa das primeiras cartas, Mário de Andrade menciona para Sérgio Milliet o clima cultural no Brasil, procurando ressaltar a efervescência e a luta entre os modernos e os passadistas:

Se queres encontrar meio onde os moços se dedicam por alguma coisa, além das próprias vaidades, vem para cá. A luta é talvez mais áspera ainda, pois nos falta o que os franceses têm de sobra: público universal; mas é uma luta por idéias, por uma necessidade... Por uma ilusão? Que importa! é ser iludido, ser infantil. Criança e Poeta. Foi mesmo por isso que pus no meu Carnaval "Poeta-Palhaço, louco, juiz, criancinha". Somos nós. (33)

Na carta de Mário de Andrade, escrita um ano após o lançamento de *Klaxon*, o tema da luta pelo modernismo continua sendo o motivo, bem como a falta de um público leitor. Permanece, portanto, a vontade de representar a época de 20 em diante, como estava escrito no manifesto de lançamento de *Klaxon*. Continuidade, que revela a dificuldade do novo em construir uma dinâmica orgânica na matéria atrasada e dominada pela força das elites. Na sociedade, que procura esterilizar toda atitude contestatória, o poeta assume a diversidade de facetas e atitudes produzidas na realidade desconectada e carente de sentido. A corrida atrás de uma ilusão, que nada tem a ver com mera futilidade pois já não havia mais clima nem tempo para isso, retrata a vontade reprimida com violência, e que procura a sua realização de seus alvos nas diversas brechas e fissuras da sociedade atrasada.

Na falta de espaços e de liberdade real, o sonho assume importância fundamental no difícil dia a dia do poeta e do artista. Uma luta mais áspera que a travada pelas correntes radicais na Europa aguardava o modernismo. Isto é pressentido Mário de Andrade, pois na

realidade brasileira o intelectual e o escritor são formados no diálogo surdo, sem nexos sociais efetivos, que debilita a força das idéias em seu alcance especulativo.

Impotente, seu destino natural parece ser o empobrecimento comum na normalidade e na produção oficial. Talvez, o que Mário de Andrade procura afirmar para Milliet é a necessidade de manter em si a porção infantil, lúdica e divertida para não sucumbir na poderosa artificialidade que circunda o real. Uma idéia que vê a força da arte moderna na irracionalidade daqueles que a vida ainda não deformou a sensibilidade e a esperança. No inconsciente e na espontaneidade está, para Mário de Andrade, a chave que pode abrir as portas da renovação que dê sentido ao presente.

Uma carta que também revela o teor da luta dos modernistas, da procura de posicionamento e afirmação na cultura paulistana. Na continuidade da correspondência, Mário de Andrade escreve para Milliet chamando-o para assumir posto e destino na batalha pela reformulação da cultura, afirmando que:

Vem pra cá, trabalhar, ter destino, ser brasileiro,
ser futurista, ser revolucionário às escondidas e
chassisista da Vienense às claras. Não há nada melhor
que o Brasil quando se recebe músicas de Stravinski
e cartas dos amigos.(34) *

Enumerando os vários motivos para o regresso, Mário de Andrade procura dar um tom mais humorado para o destino de *ser brasileiro*.

* A Confeitaria Vienense era o ponto de convivência dos intelectuais e artistas na cidade de São Paulo. Na frase de Mário de Andrade a Confeitaria Vienense possui o status de lugar de encontro da inteligência numa comunidade.

Mesmo assim, na frase alegre, a realidade restrita não deixa de ser posta na posição fugitiva e multifacetada do escritor revolucionário às escondidas e frequentador às claras da boa vida dos chás e das confeitarias. De certo modo, com larga ironia, delimita o campo de ação do artista, situando-o aquém da violenta contestação e muito além da mentalidade normativa e controladora da ordem. Uma posição ao meio termo, que, se por um lado define uma espécie de esterilidade no jogo das forças políticas, por outro lado, demonstra o empenho em renovar e definir novos valores no campo da cultura. Um duro empenho, poderíamos dizer, de negar e conservar a matéria local ao mesmo tempo que procura encontrar o seu posto na realidade.

Em 1924, Mário de Andrade escreve uma longa carta repleta de problemas e posicionamentos que marcam uma nova ruptura no pensamento modernista; é a fase da superação do internacionalismo e da tomada de posição nacional, do desejo de construção da cultura própria e autêntica. Desse modo, afirma para Milliet argumentos voltados na direção da necessidade de participação no novo programa de ação; toda escrita num tom didático e envolvente, onde procura colocar o amigo no meio dos problemas brasileiros, diz que:

A França, como as outras civilizações européias que vieram da Renascença, está num fim de civilização, fim de raça, fim de progresso, decadência que se manifesta principalmente por uma perfeição subtilíssima, educadíssima e fraca. FALTA AR!(...) O que se nota principalmente, Sérgio, é isto: Uma grande, infinda, dolorosa perplexidade. Ninguém sabe pra onde ir. Querem caminhar pra frente mas ninguém sabe onde está a frente porquê tudo foi destruído e no meio de ruínas iguais não se percebe de que lado estão o Norte e o Sul.(35)

Época de decadência, de perplexidade e de falta de diretrizes seguras marcam, para Mário de Andrade, a imposição da hora atual do nacionalismo, dos estudos sobre a tradição e a cultura popular. No tempo em que "falta ar" na atmosfera mundial, a única saída é manter-se preso na particularidade de cada país; o oxigênio para Mário de Andrade está presente em cada cultura, na geografia, na formação racial e na tradição. Se poucos valores conseguiram manter-se de pé após a onda destrutiva da guerra mundial e dos anos seguintes, a vida pode ser tanto vivida com intensidade no Brasil, como na Itália ou qualquer outro país. O coeficiente da destruição igualava os países no mesmo drama da renovação; caberia, então, encontrar cada um o seu rumo e o seu destino. Desse modo, afirma que, no Brasil o caminho deve seguir o ritmo próprio da vontade e do desejo pois já estamos livres de obstáculos históricos:

Agora livres, pelo exemplo dos europeus, vamos seguir o nosso caminho que é todo diverso do da Europa desinteressante (...) Confesso-te: a Europa com todos os seus atrativos e artes refinadíssimos não me causa agora senão um grande fastio, uma fadiga e um bocejo (...) A humanidade não tinha mais para onde progredir. Recomeçou de novo. Nós hoje estamos num período caótico, período de povo, período de selvagens, de primitivos (...) Olha a Rússia, a Alemanha, a Itália, a Espanha. O mundo está nesse período de descivilização. Nem cultura nem filosofias. Período selvagem de crença pura, de fé, de credence, de esperança. As artes pra interessarem têm de se tornar impúrias. Têm de interessar por coisas relativas à vida, ao homem, à terra. (36)

Liberdade possibilitada pelo exemplo dos radicais europeus que desenvolveu o espírito de feição anti-européia e de desejo pelo

nacional; no paradigma de Mário de Andrade, o novo exige o acerto de contas com o atual, com o instável e caótico presente. No período de transição entre a barbárie da guerra e a reconstrução da sociedade, o antigo ideal de civilização perde interesse e deixa de encantar o pensamento, mesmo nos países periféricos. O atual exige vida, força, realidade e a arte não pode se esquivar de tal desejo nem dos problemas do concreto. Se na Europa o modernismo caminhou para a artificialidade e a esterilidade, no edênico Brasil a luta ainda está na aurora do dia, que teima em não nascer. Com esse espírito afirma:

Aqui é diferente. Não há capelas. Há brigas. Há insulto. Calúnia. E o modernismo teve solução. A perplexidade d'ai não existe aqui porque um problema resolveu todas as hesitações. Problema atual. Problema de ser alguma coisa. E só pode ser, sendo nacional. Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abasileirar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem, porque hoje só valem artes nacionais. O francês é cada vez mais francês, o russo cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam, humanamente falando. Nós só seremos universais no dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer pra riqueza universal(...) E o é ainda é atual porque damos um sentido interessado à nossa arte e nos livramos da arte pela arte, de De Esseinte, de Dorian Gray. Aqui no Brasil tens o teu destino. O homem só é feliz no dia em que atinge o seu posto e realiza o seu destino.(37)

Na frase, o ideal de civilização mundial e homogênea está perdido, pois a civilização européia está esgotada e o drama do francês não é o mesmo que o do russo, nem do brasileiro. De certo modo, na idéia de Mário de Andrade o mundo tornou-se mais vasto e cada país tenta por si mesmo superar o tempo que também está esgotado.

senão destrocado pela guerra mundial. Assim, a luta dos modernos deve ser alterada e traçada nas estratégias de construção, de criação efetiva da nação e da cultura. Na superação da fase inicial de destruição, o nacional aparece como enigma que encobre a própria identidade dos homens de cultura. Não é por acaso que Mário de Andrade associa a realização do homem, a sua felicidade subjetiva e objetiva, com a da sociedade em que vive; tanto o homem de cultura como a nação devem encontrar o seu destino através da identificação plena com os seus valores próprios e autênticos. Com isso, queremos ressaltar que a superação da fase destrutiva é acompanhada pela construção da nacionalidade e da identidade do homem de cultura. No final da carta, Mário de Andrade se despede afirmando a necessidade atual de serenidade e estudos para a realização mútua, do homem e da cultura:

Eu, ninguém precisou de me vir dizer que o Brasil era interessante. Eu não tenho vergonha de afirmar, escrever letras, de estudar e de me apoiar na lição dos maiores.(38)

Uma consciência de ser brasileiro e de afastar os sentimentos de inferioridade e mal-estar, prevaleciam em Mário de Andrade e anunciavam a nova aurora voltada para os estudos mais organizados e afinados com as carências da realidade local. Das cartas, podemos esboçar a figura fundamental de Mário de Andrade na formação de Sérgio Milliet; é através dos incentivos do amigo que amadurece a idéia de ser brasileiro e de procurar o seu posto na realidade local.

Da Europa Sérgio Milliet enviava para Mário de Andrade livros dos modernistas franceses, em especial Péguy, e servia como divulgador de poemas modernos em algumas revistas belgas. Entre ambos, podemos

indicar o forte vínculo das letras, da moral e do dever de participar dos problemas de seu tempo. Numa carta para Murilo Miranda, Mário de Andrade afirma o profundo vínculo que havia entre ele e Sérgio:

Li *Roberto* em letra de forma e achei o livro excelente. Mas imagino que as principais razões da excelência não de forçosamente escapar a vocês, de outra geração, bem mais marcada já pelos problemas do mundo. Vocês não. Tiveram tempo de viver essa disponibilidade fraudulenta, até de si mesmo, que foi o estádio psicológico da nossa geração imediatamente pós-parnasiana, ou antes, pós-simbolista. O Sérgio, o *Roberto* são protótipos que acabaram se refugiando da vida no estrito cumprimento do dever. (39)

Na confissão de Mário de Andrade, um dever oculto aparece como imperativo e tábua de salvação para a sua geração. Procurando caminhar no terreno perigoso da suposição, acreditamos que o dever afirmado representa o sentimento de responsabilidade na condução construtiva do pensamento. Responsabilidade que surge da sensação de desmoronamento iniciada com a guerra mundial e aprofundada com a crise na cultura européia. Nas palavras de Mário de Andrade, a necessidade de refúgio sentida por Milliet, comum a outros modernistas, parece indicar o tempo ameaçador e constritor de vontades que faz parte da cultura moderna. Desse modo, o uso dos modernistas do humor, do poema-piada, da agressão, do espírito de destruição simbolizam algumas das formas de sobrevivência do indivíduo no interior da sociedade moderna. No Brasil, a geração de Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Manuel Bandeira que foi educada e cresceu com o ideal de civilização europeu, viu-se de uma hora a outra desabrigada e solitária em meio a sua própria cultura, que se

revelaria mais enigmática e cruel que as destruições e mortandades causadas pela primeira guerra mundial. Assim, órfãos de uma determinada concepção de mundo e de cultura, esses homens receberam uma herança que não vinha precedida de nenhum testamento. Como afirmou Milliet, "esse século que começa com a primeira guerra mundial em 1914...foi um duro golpe no mito do progresso porque revelou a defasagem existente entre o progresso material e o progresso moral" (40). A impossibilidade de encobrir e remediar a extensão da catástrofe aberta pela destruição transformava o destino dos homens numa espécie de contemporaneidade que enlaçava a todos que presenciaram o que se passou. No descompasso do progresso apontado por Milliet aparece cristalizado alguns dos dilemas da era moderna, como o sentido das conquistas técnicas e as perspectivas sombrias da vida numa época permeada por todos os lados pela ilusão e simulacro.

Nos dois anos de estada na Bélgica e na França, nosso autor participou do grupo literário *Lumiére* em que servia como "agente de ligação entre o grupo de São Paulo e os escritores europeus", cuja real acréscimo parece ter sido o de "assustar os passadistas brasileiros embasbacados" (41), como afirma o próprio Rubens Borba de Moraes. Para nosso interesse, importa agora estudar os poemas e ensaios enviados por Milliet para as principais revistas brasileiras do momento, *Klaxon*, *Ariel*, *Revista do Brasil* e *Estética*. Nessas revistas poderemos sentir o início da sua entrada em definitivo na cultura paulista.

4 - As Revistas dos anos 20: o diálogo indireto

Na revista *Klaxon* de 1922, a produção poética de Milliet é toda voltada para o clima europeu dos anos vinte; logo, são poemas que falam sobre a miséria da vida atual, da velocidade das rupturas, dos sonhos não vividos e armazenados aos montes na memória, das novas vontades e desejos promovidos pelas transformações estruturais e pelos novos inventos modernos. Um poeta moderno, que mantém o vínculo visceral com alguns grupos de vanguarda na Bélgica e na França, e que escreve poemas em francês, desenvolvidos em torno da dinâmica do tempo moderno. Em *Klaxon*, escreveu em quase todos os números, enviando poemas e algumas resenhas sobre novos poetas e escritores europeus.

Sua produção poética está inscrita na temporalidade ainda assustadora, mas plenamente desejável dos anos de pós-guerra; todavia, podemos sentir o diálogo conflituoso entre o passado recente e presente em temas como, *misère*, *voyages*, *rêverie*, *visions*, *la guerre*, que estão interligados com o sentimento de espanto, de vontade e de ação. Em "*Réviere*", por exemplo, Milliet procura situar o lugar da sensibilidade no presente marcado pela velocidade, afirmando que:

Ah! le siècle automobile
aéroplane
75
Rapidité surtout RAPIDITÉ

Mais moi je suis si ROMANTIQUE
Ses yeux
ses yeux
ses yeux caméléons...
C'est bien le meilleur adjectif.(42)

No século iniciado pela violenta ruptura, a velocidade das transformações mundiais imprimia um novo sentido que deveria ser intuitivo pela sensibilidade e desvendado pela racionalidade. Em uma palavra, o século que é marcado pela velocidade que alterava limites geográficos e abolia relações sociais, criava novas formas de sentir e de viver a vida. No poema de Milliet, a vida aparece metamorfoseada, dividida entre novas formas e sensações. O poeta parece perguntar se ainda é possível ser romântico num tempo veloz, desenfreado e drasticamente avassalador? Logo, na atmosfera que foi violentamente modificada, o que os olhos podem manter fixos para posteriormente possuir com autenticidade? Se não forcamos a mão, no poema de Milliet, no século das crescentes conquistas técnicas e científicas, o homem é reduzido ao ser dividido, fragmentado e mutilado. No interior dos olhos camaleônicos, que pode vir a ser outro indefinidamente, está oculto o amplo desentendimento que produz a promessa de infelicidade, que parece não tardar a chegar.

Em "La Guerre", o poeta escreve com os olhos marcados pelo espanto e decepção do que vivenciou. Uma espécie de poema visual, onde procura descrever o que estava ao alcance dos seus olhos, partindo do seu estado de ânimo que foi violentamente alterado e dividido em emoções e sensações antagônicas. No início, retrata a alteração dramática do cotidiano, da linguagem beligerante dos jornais e das revistas, e do desespero das pessoas na atmosfera caótica, para depois vascular os espaços que serviam de refúgio para os sentimentos na

atmosfera total da guerra. Assim, partindo das pequenas alterações que sente no seu cotidiano vê a guerra tomar a forma do todo, no tempo em que não seria mais possível evitar ou fugir. Nessa atmosfera, a sensibilidade é profundamente modificada, dilacerada, mas pouco a pouco, anestesiada pelos horrores diariamente cometidos e comentados sem reflexão:

Et puis la bataille de la Marne
On respira profondément
et pendant que quelques mois on y pensa souvent
et puis plus rien
que l'état des petites miseres
qui se resserra insensiblement
et peu à peu devint
l'état des grandes miseres
Mais on y était déjà habitué (43)

Para o poeta, o tempo imprimia em cada um dos sobreviventes o destino de guardar na memória acontecimentos como as batalhas de Marne, Champagne, Somme, os 10 mil enforcamentos praticados nos quatro anos de guerra. Nos seus versos está em questão quem ou o que poderia permanecer como era antes, após a barbárie da guerra? Em meio a impossibilidade de poder nomear os acontecimentos brutais do passado recente, os sentidos pareciam exprimir mais verdades do que o próprio pensamento. É o que deixa a entender em "Visions", um título altamente sugestivo, sobre a instabilidade do cotidiano, dos sentimentos e do período. Com um tom que beira o irracionalismo, descreve o estado atual do seu espírito, solto numa atmosfera aberta e sem barreiras aparentes:

acumulados, o espaço na consciência dilacerada e impotente.(45)

Na revista *Ariel*, nosso autor escreveu resenhas e ensaios chamados "Cartas de Paris" a respeito dos principais acontecimentos da arte moderna na Europa e sobre a recepção dos brasileiros que foram expor seus trabalhos como Villa-Lobos e Brecheret. Um documento importante que revela o olhar atento e crítico de Milliet para com o modernismo, procurando informar o que de novo surgia na Europa. Numa das cartas afirma que:

O progresso material não parece ter influído muito nos nossos costumes literários, acanhados e provincianos como nos tempos da proclamação da República. Mas isso não me leva ao desânimo. Tenho um amigo que costuma dizer: "Desde a invenção das locomotivas, o gado olha com a mesma estupefação rancorosa o desfilar do comboio"(46)

Escrito em 1924, o ensaio de Milliet é endereçado aos críticos brasileiros do modernismo, incapazes de entenderem a ampla renovação de normas e valores que o modernismo procurava representar. No artigo que escreveu em Paris sobre a recepção da música de Villa-Lobos, Sérgio Milliet chama a atenção para manutenção dos antigos padrões promovido pela mesmice sempre-igual do meio artístico brasileiro, avesso a transformações e cultivando, com resistência, a noção de arte como imitação da natureza. Assim, procura acentuar as novas tendências para a construção artística:

Não é possível desejar-se maior consagração para o brasileiro. Quem conhece o atual movimento artístico e sabe a significação dos nomes que o acompanham, pode medir a altura alcançada. É curiosa e digna de nota aquela profecia de um cronista do *Diário* que, durante a semana de Arte Moderna em São Paulo, previa o nome de Villa-Lobos ao lado do russo, tido hoje como o maior gênio musical de seu

tempo. Será igualmente curioso vermos os que via-ram a mesma Semana, aplaudirem o maestro consagra-do, de volta ao seu país. Apesar da pencha de parisianismo, renovar-se-á a história de todo novo movimento estético.(47)

A apresentação de Villa-Lobos juntamente com Stravinsky num mesmo concerto, representava um acontecimento importante para a luta interna que os modernistas ainda disputavam com os defensores da velha ordem do gosto e da arte. Sérgio Milliet valoriza ao máximo o acontecimento, procurando demonstrar a sintonia, a afinação, e o início da construção artística própria dos modernistas nacionais no ritmo das artes modernas no mundo. Não se tratava de cópia ou imitação passiva; os modernistas, já adaptados à dinâmica do tempo, superavam a fase do empréstimo e partiam para a resolução dos problemas locais.

Uma etapa construtiva, e não mais meramente destrutiva, marcava o período para Sérgio Milliet. Assim, na revista *Ariel*, nosso autor valoriza a produção artística brasileira pelo grau de independência que começava a adquirir nas principais obras e posicionamentos. Nesse sentido que afirmara em 1925 no artigo "Tendências", já citado anteriormente, que o movimento modernista desenvolvia uma nova tonalidade e um sentido próprio:

O livro de Mário de Andrade *A escrava que não é Isaura* é muito recomendável, assim como os ensaios de Epstein. Entretanto, depois daqueles livros, o modernismo já evoluiu consideravelmente para tomar, depois da sua fase destruidora, uma orientação francamente construtiva. Já Oswald de Andrade citou uma frase de Jean Cocteau, que me parece definir extraordinariamente bem o momento literá-

rio atual:

"rien ne ressemble davantage à une maison en ruines, qu'une maison en construction." (48)

Na frase de Milliet, o modernismo brasileiro passa a correr na rua traçada pelo seu ideário interno. Uma casa em construção simbolizava o modernismo; uma feliz analogia, que retrata bem o momento, no qual a tarefa deve ser iniciada a partir do alicerce da construção, isto é, no acerto de contas com a matéria local. Desse modo, os temas da tradição, da cultura popular, dos valores nacionais e da própria identidade do escritor são alçados ao posto de assunto que deve ser trabalhado, refletido e formado pelo modernismo. No processo de superação dos textos iniciais como *A escarava que não é Isaura*, os modernistas dirigiam o olhar com maior atenção para a realidade local. Desse modo, a construção do novo passava pelo olhar atento, único caminho seguro para a afirmação, que buscava os sentidos da nacionalidade e da cultura.

Em *Estética*, Milliet publicou poesias dos livros "13000 a dúzia", "Poemas Análogos" e um trecho de "Naturezas Mortas", nos quais já trabalhava com motivos nacionais. Na revista de 1924, os temas de sua criação indicam uma entrada em cena cada vez mais a par dos problemas nacionais, como procuramos indicar nas entrelinhas da correspondência com Mário de Andrade. Assim, no poema "São Paulo" descreve o progresso na paisagem urbana e, ao mesmo tempo, afirma a força passada dos bandeirantes; surge, aqui, um tema importante na crítica e na poesia de Sérgio Milliet, a reflexão e a reavaliação do papel do paulista na

cultura nacional. O tema do regionalismo e da função dos paulistas no direcionamento cultural e político surgirá em *Terra Roxa e outras terras* de 1926; todavia, em *Estética* podemos sentir que esse é o motivo que direciona nosso autor na cultura local:

Dos violoncelos dos viadutos
sobe a sinfonia da circulação
São Paulo!
A rua S. João cheira a café
Confundem-se os estilos nessa riqueza sem cultura
agricultura
apicultura
Que loucura!
Longínquo o desafio dos trens e das usinas
O sol faz brilhar multicolor a bandeira das ruas
Inevitável associação de idéias;
Bandeirantes!
Mas para que conquistas?
Spaghetitis nacionalistas
avassalaram nosso Ipiranga
Ironia dos "Independência ou Morte"! (49)

Uma poesia urbana construída no interior das fibras da cidade que está em movimento crescente. Na série de imagens sobrepostas o poeta procura ressaltar a formação variada da matéria em movimento que vê no cotidiano. Uma cidade que vive no ritmo da economia cafeeira e que apresenta aspectos de cidade grande e cosmopolita, com estrangeiros e trabalhadores que circulam nas ruas. Um poema que mistura o sentido do tempo, colocando a tradição dos bandeirantes na cidade que já possui viadutos, por onde circulam a riqueza poderosa do café. Tradição e modernismo, uma mistura estranha que parece ser contraditória se não marcarmos o desejo dos modernos de conduzir e desmembrar a mata virgem da cultura local. Como procuraram afirmar no manifesto de lançamento de *Klaxon* e explicitaram em *Terra Roxa e outras terras*, o destino da

revista era resultado de um ímpeto coletivo:

Parece que este jornal, ao nascer, dá prova de uma coragem digna de Anhangüera: destina-se a um público que não existe. O seu programa é isso mesmo: ser feito para o homem que lê (...)
Entre nós, o fenômeno é singular: não é o leitor à procura de um jornal, mas o jornal à procura de um leitor. Ensinemos o leitor a ler.(50)

Em tal programa, poderia ser outra a figura que encarnava o ideal do espírito moderno de criação, luta, combate e destruição impiedosa do atraso? O bandeirante, arriscamos dizer, não simboliza apenas a tradição do aventureiro, do desbravador e do conquistador, para os modernistas paulistas a figura do bandeirante simboliza um projeto de construção da cultura que partiria de São Paulo para o resto do Brasil. Um projeto que propunha a construção do novo tipo de homem brasileiro e de uma nova cultura; um processo que resultava num imperativo que assumiria novas facetas e alterações na metade dos anos vinte e início da década de trinta.

Nas revistas que citamos, onde não demonstramos senão uma parcela mínima de suas extensões, limitamos o quadro na questão do processo de formação de Sérgio Milliet, na procura de seu destino e de seu contato com a matéria local. Uma relação que, como procuramos indicar, é fruto dos diálogos estabelecidos com Mário de Andrade e outros. Um período de experiências estéticas, nas quais Sérgio Milliet tomava contato com as dificuldades do homem de cultura numa sociedade atrasada, onde a difícil, senão inexistente, relação com o mercado de trabalho impunha sérias conseqüências na vida pessoal e na produção

artística. No diálogo com Mário de Andrade, procuramos indicar o estabelecimento de uma amizade sincera tecida na concordância do dever, e que se estendeu de forma fecunda na produção artística de ambos; com isso, esperamos ter marcado a "força fatal" que os conduzia a produzir e a viver numa cultura que os deixava repletos de dívidas e humilhações. (51)

Na revista *Terra Roxa*, ocorre uma alteração gradual no ideário do modernismo, de modo que os principais problemas giram em torno da formação da cultura nacional, questão debatida em todos os números entre Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Antonio de Alcantara Machado. Acreditamos que a revista *Terra Roxa* foi criada para dar algumas respostas às recentes contradições sociais e políticas, principalmente após os acontecimentos de 1924. Assim, nas suas colunas assistimos uma substituição das questões estéticas por motivos políticos, bem como os primeiros choques de idéias entre os modernistas. É o que procuramos desenvolver, tendo como eixo a participação de nosso autor.

5 - A geografia de São Paulo: o fim do sentimento de disponibilidade

Em meados de 1924, no ano marcado pelas rupturas políticas internas, Milliet retorna definitivamente para o Brasil, assumindo o papel de secretário e de administrador das revistas *Terra Roxa* e *outras terras* e *Revista do Brasil*. Participando do agrupamento que reunia Antonio de Alcantara Machado, Paulo Prado, A.C.Couto de Barros, Mário de Andrade, entre outros, inicia uma nova fase na sua vida,

voltada para o jornalismo e a crítica de poesia. Uma época preparatória em que dava forma ao desejo de participar da construção de uma nova sociedade.

No primeiro número de *Terra Roxa*, Milliet escreveu um artigo sobre o livro "Raça" de Guilherme de Almeida, e causou o início de um debate fervoroso que envolveu Mário de Andrade e Antonio de Alcantara Machado. Afirmando que o livro resultava num importante trabalho sobre a brasilidade, uma categoria que achava fundamental, Milliet conclui que:

Pode-se criticar 'Raça', sob o ponto de vista mesquinho dos modernismos franceses e italianos. Eu nego, porém, qualquer valor a essas críticas, porque o nosso modernismo tem de ser diferente. E Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais: paulista.

e, após citar um trecho do livro:

Todo esse pedaço é profundamente nosso, de São Paulo. Isso não é um defeito, porque só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo do seu país. (52)

Na idéia de Milliet, a importância do livro de Guilherme de Almeida está no assunto da brasilidade que, embora o autor não tenha trabalhado conscientemente, aparece em temas como a composição racial e o caráter. Para Milliet, a brasilidade representa a questão central do momento porque o modernismo deve ser escrito e possuir assuntos locais. O aspecto normativo está relacionado com o processo de superação do internacionalismo da primeira fase, como procura demonstrar na sucessão de identidades e valores. Quando afirma que só se é universal sendo nacional e só se é nacional sendo regional, entende que o processo de formação da cultura nacional deve ser

conduzido pelo estado de São Paulo. Todavia, interessa o que está imperando oculto por detrás da valorização extrema do sentimento paulista; não podemos esquecer que *Terra Roxa* foi concebida no clima de enervescência da revolução de 1924, e é claro que representa uma posição política. No jogo de imagens entre o regional, o nacional e o universal, é a dimensão do Brasil que está em causa. Os acontecimentos de 1924, que são reflexos da incômoda modernidade industrial e social, abrem novas perspectivas no pensamento e na arte, onde as partes entram em choque com o todo disforme. Em busca de clareza e de objetividade, mas também movidos por interesses particulares, os modernistas refletem em vários ângulos a intrincada questão nacional.

No segundo número, Mário de Andrade escreve um artigo chamado de "Carta Protesto", onde afirma o total desacordo com a posição de Milliet, e que citamos na íntegra pelo seu teor contundente:

Sérgio Milliet. Estou ficando o homem das cartas ...Porém, a culpa é de você. Que história é essa, Sérgio, meu amigo, de falar, na sua crônica sobre poesia do número passado, que "só se é brasileiro sendo paulista"! Protesto. É pena que já não tenha saído o número 4 da revista *Estética* porque lá eu verifico que vou perdendo cada vez mais e completamente a noção dos limites estaduais...Em que sentido simbólico heróico grandiloquente e errado você está empregando a palavra "paulista"! Eu não nego um valor enorme sobretudo no passado dos meus coestaduanos, porém carece tomar cuidado com os símbolos e com os sentimentos perniciosos. Como símbolo o paulista é também aquela besta reverendíssima da guerra dos Emboabas, ainda por cima arara e corvado. É o homem que não soube tornar fecundo o ouro sem conta de Minas. É o homem que abandonou toda uma região porque, sem providências de tratamento, sem bom senso e carinho, ela não dava mais café. É ainda o homem...bom inda é cedo para comentar o o procedimento dos paulistas durante a Isidora e a

gente vive em estado de sítio. Porém eu, que vivi na rua observando os revoltosos e legalistas, tenho muito que contar sobre a psicologia do paulista. E a nossa riqueza e progressos atuais, você já reparou como eles nascem do acaso, de circunstâncias climáticas e geológicas? Você já meditou naquelas frases verdadeiras da Paulística de Paulo Prado sobre a decadência do caráter paulista? Você e outros me chamam de sentimental e de romântico porque gosto de gemer no verso e no pinho o amor melado e carinhoso do brasileiro e porque grito "Vem minha gente" pros brasileiros sem limites estaduais da nossa terra. Pois me parece, Sérgio companheiro, que o sentimentalismo não está em gemer, gozando os desejos que nascem no corpo e no espírito, porém em se deixar levar por vaidadinhas rompantes e afirmativas perigosas. Perigosa como a de você que é desnacionalizante e irritante e errada. O Brasil é um vasto hospital. Amarelão de regionalismo e bairrismo histórico. Visão de miope sem futuro e sem presente. Cuidado com o saudosismo! É sintoma de decadência. Sérgio, você errou, Sérgio. Te abraço, Mário de Andrade.(53)

Na carta, o Brasil está em questão, sendo repensado, refutado e avaliado em suas contradições. Para Mário de Andrade, o erro de Milliet está em valorizar demasiadamente o papel e a função de São Paulo no processo de formação da cultura e da nação. Um tema complexo, em que Mário de Andrade apresenta todos os aspectos negativos do paulista. Como apontou Eduardo Jardim de Moraes, Mário de Andrade "apresenta a mesma posição do criticado" pois "seus propósitos são nacionalistas, nas seu fundo revela os traços de arraigado 'paulistanismo'"(54). Um aspecto que chama a atenção é o modo como Mário de Andrade se refere a Revolução de 1924, a *Isidora*, com ironia mordaz e com desprezo pela falta de força e decadência do paulista. De certo modo, o argumento utilizado reflete o desejo de vitória dos

paulistas, cujo sentido não era outro que o processo de 'paulistanização' do Brasil. Numa carta para o mesmo Milliet, de 1924, retrata a revolução para o amigo na Europa, nas seguintes palavras:

(...) estes dias de pós-revolução não permitem alegria total. A gente começa a pensar sobre o Brasil, destinos do Brasil, o horror da aventura passada e não há como livrar-se de idéias acambrunhadoras (...) O prejuízo não foi tanto físico e epidérmico. Mas por dentro, Sérgio, foi um desastre. 20, 30, quantos anos de atraso ? Ainda não se pode imaginar bem. E o vexame sobretudo.(55)

Ao compararmos as duas reflexões de Mário de Andrade, poderíamos dizer que há uma divergência explícita entre a experiência vivida e a teorização. Na carta escrita para Milliet, o tom de amargura é nítido bem como a agonia de ver aprofundar o atraso cultural na realidade brasileira pelo resultado da revolução. Vergonha, decepção e mal-estar são as sensações de Mário de Andrade sobre o desfecho da revolução. Na carta protesto, a desvalorização do paulista aparece na falta de pulso para ajudar a realizar o desfecho desejado de 1924. Nas duas cartas, podemos dizer que Mário de Andrade, como os demais modernistas paulistas, pensavam o Brasil partindo de São Paulo. Uma dificuldade que se justifica e se mantém presente durante a trajetória dos modernistas.

Na seqüência da polêmica, no terceiro número aparecem os artigos de Milliet e Antonio de Alcantara Machado como respostas críticas para Mário de Andrade. Milliet escreve que " o nacionalismo é um princípio e não um fim. O fim só pode e só deve ser geral, e nunca particular. Mas quem nunca teve nada precisa começar pelo começo, eis porque o nacionalismo nos é urgentemente necessário" e acrescenta " na minha

crônica falava de Guilherme que, só podia ser brasileiro sendo paulista. Isto é, sendo ele. Se se tratasse de um carioca diria: ele só é brasileiro, sendo carioca". O que parecia ser uma forma de concordância com a crítica de Mário de Andrade, pois defende a integração e fundamental importância do nacional, revela no seu final a valorização plena do artigo ao lado de Antonio de Alcantara Machado, que é uma contundente resposta a favor do "paulistanismo". No artigo "Colher direita" Antonio de Alcantara Machado afirma que :

Nunca mais repita, nem brincando, que a nossa riqueza e progresso nascem de circunstâncias climáticas e geográficas. Nada disso (...) A riqueza é do paulista. O progresso também. O meio excelente produziu o homem forte que fez a civilização estupenda. Sérgio acertou quando escreveu que só se é brasileiro sendo paulista. Quis insinuar com isso que é preciso fazer de cada brasileiro um paulista injetando-lhe as qualidades deste (...) O Brasil quer filhos que sejam bandeirantes na vontade e na audácia. Você não quer? Então já é outra coisa.

Mas acho que você também quer. Você contestou a frase do Sérgio pelo simples prazer de contestar. O ambiente anda carregado. Pura atmosfera do morro do Pinto. De metro em metro, de minuto em minuto barulho grosso. Atoa, sem motivo algum, tem havido agressões, desacatos, arranca-rabos.(56)

Na terceira parte do diálogo, a posição de Antonio de Alcantara Machado é mais arraigada no sentimento de paulistanismo que a do próprio Sérgio Milliet. Uma concepção de mundo que revela o projeto de construção da brasilidade via São Paulo e suas instituições econômicas e políticas. O que nos chama a atenção é o uso da linguagem carregada e explosiva que os modernistas usavam para criticar uns aos outros. As polêmicas entre Mário de Andrade, Milliet, Menotti Del Picchia, Antonio de Alcantara Machado e outros, revelam a existência das

subcorrentes do modernismo que eclodirão nos anos imediatos da revista. Como dissemos anteriormente, na hostilidade da matéria local, não é necessário escavar em demasiada profundidade para ser obrigado a se posicionar ideologicamente. Com maior exatidão, mesmo na superfície das questões já existe uma violenta carga de dramas explosivos prestes a explodir com o primeiro pavio aceso. É o que nosso autor efetuou com o artigo sobre a brasilidade e o paulistanismo de Guilherme de Almeida. As posições defendidas por Antonio de Alcantara Machado revelam as inflexões e conflitos de interesse que giravam em torno da questão nacional, e que seriam desdobradas no início dos anos trinta.

Em *Terra Roxa*, os agrupamentos de escritores e artistas entravam em cena munidos com seus interesses políticos. Desse modo, a revista não representa um momento apático e sem perspectivas, ao contrário, acreditamos que os germes e embriões da chamada segunda fase do modernismo já estão presentes no ideário de Milliet, Mário de Andrade e outros. A presença do humor e do poema-piada nos vários números da revista não pode ser identificada como falta de interesse pelas questões sociais e políticas ou como um mero divertimento. A rapidez dos movimentos que transformavam a sociedade brasileira devido ao processo de industrialização crescente, como a duplicação do número de operários, as greves, as disputas de poder no seio da elite econômica, os movimentos dos tenentes, modificavam a realidade e exigiam sua compreensão. Na revista *Terra Roxa*, alguns desses temas aparecem nas entrelinhas dos editoriais e artigos. Olhando convenientemente, a transição da sociedade provinciana para o ritmo da cidade erguida pelo

café está contida no projeto difuso de progresso, que não sabiam bem onde chegar, mas que sempre partia de São Paulo para o resto do país.

No discurso de Paulo Prado agradecendo a revista pela aquisição da carta de Anchieta, o teor do profundo sentimento paulista é exposto sem meias palavras:

Sabíamos que a semente do jesuíta tinha frutificado esplendidamente em mil milhões de cafeeiros espalhados nas 25000 fazendas de S. Paulo. Com um insignificante esforço dessa força que se ignora a si mesma e que é tudo e nada é, poderíamos encher de preciosidades, como em armazéns ou tulhas, todas as salas deste edifício, para aqui transportando os documentos da Torre do Tombo, de Évora, de Simancas de Servilha. (57)

Na frase exagerada de Paulo Prado, onde o café parece adquirir o poder de comprar o mundo, uma desejo de poder é revelado com toda a clareza e nitidez. Quando escreve o que o paulista é e o que pode vir a ser, se compreender a força que possui para comandar o progresso, como outrora, revela a dimensão do conflito pelo poder. Passado e presente estão fundidos no mesmo raio do desejo romântico, mas atualizado, de desbravar, dar caráter e sentido para a unidade nacional. No mesmo teor, Anchieta é identificado por Paulo Prado e outros, como um modernista da sua época. Logo, o passado é repensado, colorido por novas idéias e interesses, para, assim, dar novo sentido ao presente desordenado.

Para Paulo Prado, no momento conturbado de crise política e moral, "o pequeno grupo que redige a revista *Terra Roxa e outras terras* é a vanguarda do espírito moderno brasileiro". Contudo, uma vanguarda que já não era mais unitária e se dividia em agrupamentos antagônicos. A diversidade de ideais no espírito moderno, aparece no

artigo de Milliet sobre o livro "Toda a América" de Ronald de Carvalho; é com alegria que descreve o estado de ânimo de libertação que começa a aparecer em vários autores, tornando, assim, um sentimento que se possui e não mais se deseja ter:

A nova geração brasileira pode orgulhar-se de possuir poetas e escritores iguais a Ronald, Mário, Guilherme, Couto, Oswald, etc ... Pode orgulhar-se de um espírito como o de Paulo Prado, de uma pintora como Tarsila (...) Ronald revela o que nós já pressentíamos: somos independentes. E revela o que o público ignora: a diversidade de inspiração dos modernistas (...) Todos são iguais porque são livres e brasileiros e isentos de influências imediatas.(58)

No momento de pessimismo e de crise, o movimento modernista adquiriria o direito de ser livre e de efetuar com liberdade a escolha do tema e do modo como discutir o assunto. Milliet valoriza o sentimento de independência na poesia como na pintura, na música e no ensaio revelando uma visão ampla do espectro do modernismo na vida cultural. Um traço marcante na sua personalidade é a capacidade em valorizar o que está por vir, procurando em cada autor o potencial que possui ou pode possuir. No movimento em que não há líderes ou chefes, como escreveu no artigo, sua posição é a do cavaleiro andante que coloca a sua existência em prol de uma tarefa superior. No momento, sente que é preciso tornar o espírito do modernismo uma idéia viva, pulsante no interior da cultura. E nesse sentido, que comentou no livro de Ribeira Couto a presença do assunto nacional nas idéias dos modernistas:

Para Menotti, Cassiano e outros o brasileiro está na plumagem das araras, no cheiro das matas, no "novariorquismo" da Avenida Paulista. São fato-

res meramente exteriores, cuja importância é muito relativa. Nossos arranha-ceus nunca farão de nós uns 'americanos'.

Para Mário de Andrade o brasileirismo está na língua que falamos e num complexo racial de que ele dúvida. Talvez seja Mário quem esteja com maior parte da razão.

Para Alcantara o brasileirismo está no encanto regional dos bairros italo-brasileiros. Está na nossa compreensão bastante rastaquera e cômica das coisas; na nossa mentalidade superficial e prática. Dai essa diversidade de opiniões, brigas e pancadaria. Entretanto eles se completam. O brasileiro está na mistura disso tudo.(59)

E, depois de afirmar que as maiores realizações do modernismo no Brasil está na pintura de Tarsila e na música de Villa-Lobos, conclui dizendo que a brasilidade "é uma verdadeira obsessão para quase todos" e, com certa ironia, "felizes os que escapam a ela!" A produção de Milliet na revista pode ser entendida com a ajuda da frase acima, que resume em grande medida tanto o seu interesse como o próprio modo de realização.

Uma obsessão em interrogar o Brasil, desenvolvida ao longo da revista de forma variada e com interesses distintos. Caberia aqui, o entendimento da revista como a protoforma de um projeto ideológico mas, para nosso objetivo, ficaremos numa reflexão de pequeno voo sobre o título e as perspectivas mais notórias. O próprio termo *Terra Roxa e outras terras* já traz em si a ambiguidade política presente nos modernistas; é notória a alusão eufórica à São Paulo, *terra roxa* onde o progresso material pode ser visto nos arranha-céus, nos viadutos, nos trens elétricos. Todavia, o complemento do título, *outras terras*, nos conduz a outra perspectiva, a da formação da nacionalidade, das

outras terras que fazem parte do território e da federação. Uma dupla dimensão que se revelaria presente nos modernistas quando refletiam as questões políticas e culturais.

Na associação de terras é indispensável pensar no sentido do todo, principalmente no processo de modernização em curso. Desse modo, acreditamos que na revista existe uma progressiva concretização de um desejo de criação da cultura que está vinculada com o clima político do momento. Como procuramos demonstrar nas análises de Milliet, Mário de Andrade, Antonio de Alcantara Machado e Paulo Prado, o desejo de formação da nacionalidade adquiria forma política, projetando uma nova dimensão no presente. Nos debates e nas contradições dos modernistas sedimentavam, rapidamente, as divergências entre os participantes da semana de 22; os problemas concretos do presente estimulavam a tomarem posições, rever valores, exorcizar ou valorizar o passado. Enfim, o momento exigia participação e posicionamento no curso do presente.

Um outro aspecto importante é o uso do verbo *ser* no processo normativo da formação da identidade. Poderíamos dizer, que na revista as formas verbais conjugadas refletem o contraditório processo de formação e afirmação da identidade social dos homens de cultura. No interior do processo, os modernistas, agindo pessoalmente mas com afinidades comuns, formulavam idéias sobre o tempo presente negando ou afirmando o passado. Nada mais claro que o dilema presente na frase de Paulo Prado sobre o paulista "força que se ignora a si mesma e que é tudo e nada é"; um desejo, portanto, de *ser* e realizar o seu destino no confronto com as forças contrárias de outras terras. Um projeto de construção de hegemonia que seria desdobrado na década seguinte (60).

No momento conturbado pela crise, Mário de Andrade escreve um pequeno, mas significativo, artigo intitulado "ad petendam pacem", onde afirma que:

Pra nós, gente tamoia nova do país e desprezados marabás da inquietação, tomara que o santo arran-je uma paz mais permanente que a deste gesto rápido e amoroso...Então é possível que o nosso muchirão modernista ajude a criar pros futuros futuros desta terra que nos deu mǎi e cobres, uma existência sincera.(61)

Uma ironica procura de paz, pois sabe que vive no interior do tempo contraditório e de uma cultura carente de sentido. Aos desprezados marabás da inquietação a pesquisa e o estudo eram identificados como tarefa, destino e necessidade para seguirem no rumo do desejo de construção do novo. Para a geração que vivenciou as rupturas estruturais da primeira guerra mundial, que afirmou os valores modernos e uma nova aurora na cultura mofada pelo atraso, o passo seguinte, a realização dos desejos de entendimento do caráter, da tradição, do passado brasileiro, significavam um novo sentido para a vida no presente.

Assim, o ato de realização do modernismo pode ser escrito no paradigma de Milliet sobre a sua geração, na qual "viver não é nada: o difícil é saber viver". Um saber viver cujo enigma deveria ser decifrado pelo conhecimento do real, único caminho para poder tornar-se livre.

NOTAS

(1) Freud, S. - *Lo perecedero* in *Obras Completas*, tradução de Luis López Ballesteros y de Torres, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1981, t.II, p.2119 s.

(2) Milliet, S. - *Marcha a ré*, Rio de Janeiro, José Olimpio, 1936, 1ªed., p.86 s.

(3) Milliet, S. - *Le départ sous la pluie*, Editions du Groupe Littéraire "Jean Violette", Geneve, 1919, 1ªed., p.71.

(4) Idem, ibidem, p. 73. A respeito da idéia de "vida humana e justa", acreditamos que Milliet, vivendo na Europa num meio intelectual profundamente crítico da primeira guerra mundial, tenha extraído essa concepção humanista de Romain Rolland. Para entender um pouco da atmosfera em que trabalhava Romain Rolland, recorremos a Lukács:

A luta contra as forças imperialistas, destruidoras de toda humanidade possível, reacionárias não só no plano social e político, senão também moral e espiritualmente, começa muito antes da eclosão do fascismo; aproximadamente, com Anatole France e Romain Rolland.

Ver Lukács, G. in *Thomas Mann*, Barcelona-México, Grijalbo, 1969, 1ªed., p.145.

(5) Idem, ibidem, p.114.

(6) Idem, ibidem, p.9.

(7) Milliet, S. - *O Sal da Heresia*, in *Revista do Arquivo Municipal*, Departamento de Cultura, LXXVI, 1941, p.30 s.

(8) "Sérgio Milliet", reportagem de Silveira Peixoto, revista *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 24/08/1939, p.49.

(9) A expressão "sociedade sem pai" é Paul Federn criada em 1919 durante o clima eufórico da revolução russa e do final da primeira guerra mundial. Mais tarde, a mesma expressão é retomada por Alexander Mitscherlich como um conceito dialético que procura entender o processo de dominação comandado pelo Estado na formação e no controle do aparelho psíquico dos indivíduos. Numa sociedade de "irmãos", onde todos estão plasmados em alguma manifestação de massa, a socialização integral, manifesta na adaptação violenta e nos melhores bens de consumo, acaba gerando, na realidade, uma desenfreada debilidade social do ego, que se direciona para uma destruição sem limite. A respeito ver *Vers la Société sans Pères*, traduction de Maurice Jacob, Paris, Gallimard, 1969, 1ªed., p.330 s.

- (10) Sartre, J.P. - *Qu'est-ce la Littérature?*, Situations II, Paris, Gallimard, 1968, p.259.
- (11) Milliet, S. - "Tendências", in *Brasil; primeiro tempo modernista 1917-1929*, Marta, R., Ancona Lopes, T.P., Soares de Lima, Y. Documentação, São Paulo, IEB, 1972, 1ªed., p.240.
- (12) Idem, ibidem, p.241 s.
- (13) Candido, A. - "Literatura e Cultura de 1900 a 1945" in *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Editora Companhia Nacional, 1976, 5ª ed. p.121.
- (14) Ortega y Gasset, J. - *España Invertebrada*, Revista de Occidente, S.A., Madrid, 1979, 11ªed., p.10 s.
- (15) Sobre o acontecimento cívico-musical organizada por Villa-Lobos, ver José M. Wisnik, *O Coro dos Contrários*, p.30 s.
- (16) A respeito do discurso de Gilberto Freyre ver Edgar Cavalheiro (org.) *Testamento de uma geração*, Porto Alegre, Editora Globo, 1944, 1ªed., p.8 s.
- (17) Andrade, M. de - "Elegia de Abril" in *Aspectos da Literatura brasileira*, 1974, 5ªed., p.186.
- (18) Sobre a frase de Max Ernst ver Nicolau Sevcenko, in *Revista Presença*, nº5, 1985, p.119.
- (19) Mello e Souza, G. - *Exercícios de Leitura*, São Paulo, Duas Cidades, 1980, 1ªED., p.276 s.
- (20) Milliet, S. - *O Sal da Heresia*, p.50 s.
- (21) Idem, ibidem, p. 50.
- (22) Candido, A. - "Clima" in *Teresina etc.*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 1ªed., p.160 s.
- (23) A respeito da crítica mordaz de Karl Kraus dos acontecimentos ocorridos na primeira guerra mundial, conferir os ensaios de Elias Canetti em *A Consciência das Palavras*, tradução de M.Suzuki e H.Caro, São Paulo, Companhia das letras, 1990, 1ªed., p.43 a 55 e 251 a 275.

Para nosso interesse, sugerimos uma comparação da semelhança da sensação e do desespero presente em Max Ernst e Karl Kraus. Comentando o clima de loucura em que Karl Kraus escreveu o livro *Os últimos dias da humanidade*, Canetti afirma que "nessa guerra, como escreveu muito tempo depois, houve 10 mil enforcamentos. Se ele não gritar sufocará". A atitude de combater a realidade em ambos, mostra o peso insuportável do presente e o esvaziamento do sentido das palavras e dos atos. Mais do que nunca, *todo dito acarretava num cruel desdito*.

- (24) Andrade, M.de - "O Movimento Modernista" in *Aspectos da literatura brasileira*, 5aed.,p.235.
- (25) Idem, ibidem,p.231.
- (26) Milliet,S. - "O meu depoimento" in Edgar Cavalheiro (org.) *Testamento de uma geração*, p.240-241.
- (27) Milliet,S. - "Dados para uma história da poesia modernista (1922 a 1928)" in Revista *Anhembi*, v.1, ano 1, nº1, 1950, p.68 s.
- (28) Milliet,S. - "Romain Rolland" in *Ensaio*, São Paulo, Brusco, 1938, 1aed.,p.190 s.
- (29) Milliet,S. - *Roberto*, São Paulo, Niccolini & Nogueira, 1937, 1aed.,p.139.
- (30) Idem, ibidem, p.144.
- (31) Idem, ibidem, p. 145.
- (32) Uso aqui a expressão de Lukács "hostilidade da matéria" contida no livro *Breve Histoire de la Littérature Allemande*, Les Editions Nagel, France, 1949, p.61 s.
- (33) Andrade,M.de - Cartas a Sérgio Milliet, in Paulo Duarte - *Mário de Andrade por ele mesmo*, São Paulo, Hucitec, 2a ed., 1985, p.289 e 290.
- (34) Idem, ibidem, p.296 e 297.
- (35) Idem, ibidem, p.299 e 300.
- (36) Idem, ibidem, p.300.
- (37) Idem, ibidem, p.301.
- (38) Idem, ibidem, p.301.
- (39) Andrade,M.de - *Cartas a Murilo Miranda e Alvaro Lins*, p.14.
- (40) Milliet,S. - *Diário Crítico*, 2aed. São Paulo, Martins, 1985, vol.5, p.105 e 106.
- (41) Moraes, R.B.de - "Sérgio e a sua geração" in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo*, vol.XXXI, 1972, p.60.
- (42) Milliet,S. - *Reviere*, Klaxon, nº6, 1922, p.7.
- (43) Idem, ibidem, - *La Guerre*, Klaxon, nº7, 1922, p.6.
- (44) Idem, ibidem, - *Visions*, Klaxon, nº5, 1922, p.5.

(45) A respeito do papel do sonho na construção poética do momento, ver o artigo de Sérgio Buarque de Holanda em *Estética* nº3. Com o nome de *Perspectivas*, Sérgio Buarque de Holanda procura traçar as principais tendências da arte na atualidade, afirmando que:

Hoje mais do que nunca toda arte poética há de ser principalmente - por quase nada eu diria apenas - uma declaração dos direitos do Sonho. Depois de tantos séculos em que os homens mais honestos se compraziam em escamotear o melhor da realidade em nome da realidade, temos de procurar o paraíso nas regiões ainda inexploradas. Resta-nos portanto o recurso de dizer das nossas expedições armadas por esses domínios.
Só a noite enxergamos claro.

Um trecho significativo, que revela aprofunda assimilação das vanguardas européias, notadamente do surrealismo. É importante destacar a proximidade temporal do artigo que é de 1925 com o lançamento do manifesto surrealista na França em 1924. Uma certa simultaneidade que revela o momento comum da falta de certezas e diretrizes mundiais. Nesse momento, em que as palavras pouco podiam dizer de modo objetivo o que estava ocorrendo, o sonho assumia o papel fundamental na produção da arte e no sentido do cotidiano.

(46) Milliet, S.- *Cartas de Paris, Ariel*, nº6, 1924.

(47) Idem, *ibidem*, nº2, 1923.

(48) Milliet, S.- *Tendências*, op.cit., p.242.

(49) Milliet, S.- *São Paulo* in *Estética*, nº2, Rio de Janeiro, 1925, p.186.

(50) Editorial da revista *Terra Roxa e outras terras*, nº1, São Paulo, 1926, p.1.

(51) Nas cartas de Mário de Andrade para Sérgio Milliet, a questão da penosa relação do homem de cultura com o mercado de trabalho é extremamente ressaltada. No processo de constituição do capitalismo no Brasil, a posição social do intelectual acompanha a má-formação social das classes e dos direitos modernos do indivíduo. Espremido entre a inexistência de público leitor, nem de um regular mercado de trabalho, sua posição social sempre foi dramática. Sem função, nem importância decisiva para a manutenção do poder e da ordem social, ao homem de cultura a crise da sociedade vem acompanhada da condição infeliz em que procura sobreviver. Nas correspondências analisadas encontramos, sem muito esforço, frases como "a Escrava me custou 2\$000\$000. estou crivado de dívidas" ou "tenho telefonado centenas de vezes pra lá

mesmo porque também tenho que receber. Mas a redação vive fechada". O drama de Mário de Andrade dá testemunho da crise econômica e social que todos vivenciaram, da falta de direitos profissionais e da inexistência de direitos do indivíduo; aliás, essa é uma categoria que nunca se formou de forma plena e satisfatória na sociedade brasileira. Com ironia, Mário de Andrade afirma que "só as revistas de moços me convidavam mas...de graça. Pois nem sempre, aliás são convites, mas se ofereço artigo, se lembram de aceitar e pagam. A vida no Brasil é assim feita de camaradagem, de presença. Os que estão longe são vagas recordações mais ou menos queridas, mais ou menos abandonadas". Como poderia o escritor e o intelectual romper com a lógica da camaradagem e conseguir sobreviver de seu trabalho, se as insuportáveis heranças legadas do passado escravista, do autoritarismo e do elitismo não param de soprar no curso do presente sem rumo?

(52) Milliet, S. - *Poesia, Terra Roxa e outras terras*, no1, p.6.

(53) Andrade, M. de - *Carta Protesto, Terra Roxa*, no2, p.4.

(54) Moraes, E. J. - *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*, Rio de Janeiro, Graal, 1978, 1ª ed., p.106 s.

(55) Andrade, M. de - *Cartas para Sérgio Milliet*, oc.cit., p.298.

(56) Machado, A. de A. - *Colher Direita, Terra Roxa*, no3, p.4.

(57) Prado, P. - *Editorial, Terra Roxa*, no5, p.1.

(58) Milliet, S. - *Terra Roxa*, no4, p.4.

(59) Idem, ibidem, no6, p.3.

(60) Paulo Prado estendeu a questão política na *Revista do Brasil*, onde era diretor, no editorial "O momento", em que refletia os principais problemas da política desde a ameaça da revolução russa até a valorização extrema da cafeicultura e da política partidária paulista. A respeito, ver os editoriais da *Revista do Brasil*, n.86, 89, 99 todos de 1924.

Em *Paulística*, os temas da *Revista do Brasil* são ampliados e desenvolvidos com maior atenção. Entretanto, uma citação presente nos dois estudos possibilita o contorno preciso do pensamento de Paulo Prado:

A Alemanha antes de 1914 vanglorizava-se, na cegueira do apogeu imperialista, de ser um *unpolitisches Volk* - povo alheio às preocupações de governo, só cuidando da riqueza material e do progresso econômico...

(...) Como nessa Alemanha, que uma catástrofe combaliu, para que desconhecido destino nos leva a raça de transição que é a do Paulista moderno, desprovido de toda ação cooperadora - legado do indígena - e num contínuo oscilar a subordinação e o interesse?

Em tal prefácio, sem entrar nas contradições que possui, que recado mais direto poderia ser dado para as elites paulistas do que a ameaça de submissão na ordem política? O exemplo da Alemanha, do povo apolítico, não revela apenas o estudo do estado atual do paulista; a nosso ver, indica para outra dimensão, e para ficarmos no exemplo da língua citada, a da regeneração do "espírito" paulista.

Logo, o passado deve ser repensado, alterado e colorido para abrir novas perspectivas para o presente esgotado. No alerta de Paulo Prado, o paulista deve vir-a-ser outro, para conquistar o poder político efetivo, para a realização de seus interesses, ou resignar-se e viver o destino de uma raça subordinada. Como podemos pressentir, há no ideário de Paulo Prado, espaço suficiente para uma política de mão forte no destino das raças "decadentes", se pensarmos nos legados negativos do índio e do negro, como da cultura na sua totalidade.

(61) Andrade, M. de - Terra Roxa, nº5, p.3.

CAPITULO II

DO DIARIO NACIONAL AO ENSAISMO DOS ANOS TRINTA

(...) a do homem que põe nos seus personagens a inquietação e a mobilidade, a busca infinita, a aceitação da diversidade e a nostalgia de uma unidade que no entanto seria repelida se encontrada. Nos personagens latejantes de Sérgio Milliet pulsam o refúgio no ego e a atração pelo outro.

Antonio Candido, *Sérgio Milliet*

No final dos anos vinte, o desgaste do pacto oligárquico e as crescentes dificuldades econômicas anunciavam um novo período de instabilidade e de convulsão social. A crise generalizada permitia o profundo clima de efervescência, onde novos projetos políticos eram refletidos e avaliados na tentativa de reforma ou mesmo revolução da sociedade. Nessa atmosfera, marcada pelos diversos conflitos de interesses, nos jornais e revistas eclodiam diariamente choques de idéias que desencadeavam um amplo processo de reinterpretação do Brasil. Assim, aos escritores e homens de cultura a participação política surgia como uma força imperativa, que os direcionavam à pesquisa e ao conhecimento mais pragmático dos problemas nacionais. O ensaísmo que florescia com intensidade, cuja protoforma é a coluna dos principais jornais, era fruto direto do interesse de renovação e de modernização social. Um período, portanto, norteado pela profunda redefinição na esfera da política, em que os intelectuais eram desafiados a repensar concretamente a abstração que chamavam de país.

Como procuramos demonstrar no capítulo anterior, principalmente na análise comparativa de algumas artigos na revista *Terra Roxa*, ao

mesmo tempo, que os modernistas debatiam as questões literárias efetuavam reflexões sobre as questões políticas do momento. Acreditamos que, no interior das polêmicas que envolveram Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Antonio de Alcantara Machado e outros, sobre o sentido da brasilidade, da formação racial, do caráter nacional, já se encontra presente os germes do clima geral de efervescência, que eclodirá após a revolução de outubro. Vivendo em torno de abstrações e de uma penosa sensação de desconforto, aos homens de cultura o estudo dirigido para o desvelamento dos enigmas nacionais constituía uma necessidade inevitável. Contudo, para esses intelectuais a participação na política partidária nunca foi marcada por uma profunda consciência política. Pelo contrário, procuraremos demonstrar nas páginas seguintes, que as relações que mantiveram com a política sempre foram caracterizadas, mesmo nos raros momentos em que foram ativos, por um amálgama de repulsa e obrigações de ordem moral.

Um exemplo notório do ensaísmo do final dos anos vinte é o livro *Paulística* de Paulo Prado, cuja primeira edição, no seu prefácio, já encontramos a ânsia do conhecimento lado a lado com a inquietação política:

A História é uma grande mestra, não somente do futuro, mas também do presente, disse Martius. Nela se acha sem dúvida a explicação dessa falha inibitória do caráter paulista, agravada pelas causas sociais que concorrem hoje para a formação da nova raça, e nelas encontraremos o ensinamento de que só vivem fortes e triunfantes as coletividades que nunca abandonaram as suas prerrogativas políticas. A Alemanha antes de 1914 vanglorizava-se, na cegueira do apogeu imperialista, de ser um *unpolitisches Volk* - povo alheio às preocupações de governo, só cuidando da riqueza material e do progresso econômico...

Já se disse que uma nação é um plebiscito continuado dia a dia. Sem o amor às coisas públicas, os agrupamentos gregários de milhões de cabeças não possuem a vontade de convivência e coesão, que são os caracteres fundamentais do Estado nacional. Como nessa Alemanha, que uma catástrofe combaliu, para que desconhecido destino nos leva a raça de transição que é a do Paulista moderno, desprovido de toda ação cooperadora - legado do indígena - e num contínuo oscilar entre a subordinação e o interesse? (1)

Aparentemente preocupado com a voga de idéias separatistas que poderiam afetar a unidade nacional, na realidade, a análise de Paulo Prado está toda voltada para as conseqüências da perda do poder político hegemônico de São Paulo. Redigido em tom de alerta, onde o exemplo citado não poderia ser mais evidente, sua preocupação está no destino que a São Paulo parece condenado, o de perder o predomínio político e a influência ideológica que exercia sobre os outros Estados da federação. A forma pela qual exprime suas sentenças, deixa aparecer nitidamente uma sensação de amargura pela ruptura que o presente imprime no curso do país. Vasculhando o passado, procura os males que promoveram a decadência da entidade "Paulista moderno", e que impediam a formação de uma política unitária, forte o suficiente, para se impor na disputa pelo poder. Uma fina abordagem, portanto, que revela a inquietação com os novos tempos e para a incapacidade do paulista em manter, nas suas mãos, um projeto político e econômico atrelado ao que chama de "destino".

Seu estudo procura, desse modo, repensar e redefinir os legados negativos e positivos do passado que operariam na formação da raça e

na estrutura do caráter do paulista para adquirir subsídios que possibilitem a formação de um novo diagnóstico para o presente. A necessidade de conhecimento dos novos tempos está embrionariamente ligada na disputa hegemônica e no interesse da manutenção do poder na estrutura da sociedade brasileira. No seu livro, "unicamente consagrado ao estudo do passado" como afirmou, os interesses e as consequências das idéias aparecem velados em meio às várias análises da profunda decadência do paulista. No limite, parece que o ensaísmo praticado no interior do labirinto dos emergentes problemas raciais, sociais e políticos, procura mais explicar de modo científico os males herdados do passado, do que deixar claro a intenção e o real sentido de seus atos. Assim, poderíamos dizer que nos ditos científicos e literários de Paulo Prado corre paralelo um explosivo desdito; que, na vontade racional de entender a unidade nacional para propor soluções cirúrgicas para as polarizações de interesses emergentes no presente, lateja inquieto o desejo de ampliar os espaços da dominação. Nada mais significativo do interesse velado de Paulo Prado que o ensinamento contido no exemplo alemão. Para ele, o destino dos *junkers* prussianos, dos que tiveram que negociar o amplo poder político pela perda do poderio econômico, representava o retrato mais fiel e atual do dilema a ser enfrentado pelas elites paulistanas. Logo, se a história ensina sobre as perspectivas do presente e do futuro, através do entendimento do que já não é mais, o conhecimento deve legar para a ação política novas idéias e projetos que possam alterar o curso da realidade.

No final dos anos vinte e início da década de trinta, assistimos aos processos para viabilizar um novo sistema político, comandado por um heterogêneo acordo de classe das elites econômicas para industrializar o país, no qual o Estado assumiria uma forma centralista autoritária. A turbulência institucional e a agitação dos interesses políticos, levam a uma alteração significativa no ideário do modernismo. No terreno da cultura, a passagem do processo de destruição na arte, sintetizada pelo humor irônico dos modernistas na idéia de "descoelhonização da literatura nacional", era superada pela nova fórmula de "desperrepizar o Brasil". Uma parcela significativa da constelação de escritores e poetas que participou ativamente das revistas culturais nos anos vinte, ressurgiu nas colunas de literatura e poesia do periódico *Diário Nacional*, órgão de divulgação político-cultural do Partido Democrático. Nessa fase, Sérgio Milliet assume a redação do jornal, participando da aventura política e cultural com Mário de Andrade, Paulo Duarte e outros modernistas. Um novo ciclo seria aberto, marcado pelo desejo de combater o dualismo da sociedade autoritária e atrasada, incapaz de solucionar os graves problemas sociais e econômicos. Nesse momento, despontava nesses intelectuais a vontade de organização das idéias em atos conseqüentes.

No *Diário Nacional*, as críticas das irregularidades políticas e dos velhos hábitos clientelistas do Partido Republicano Paulista eram combatidas, juntamente com a bandeira da liberdade e democracia que os integrantes do Partido Democrático se auto-proclamavam defensores.

Como órgão de oposição, o Partido Democrático agrupava interesses dos mais diversos, todos unidos no sentimento genérico e vago de ampla renovação mental, política e de modernização econômica. Para Antonio Candido, numa frase repleta de conseqüências, a estrutura do Partido Democrático era:

Em conversa recente (no confinamento onde purga a culpa de ser um grande intelectual), Caio Prado Júnior me dizia que o Partido Democrático foi ao mesmo tempo mais reacionário e mais avançado que o velho Partido Republicano Paulista, que mandava no Estado e movia a máquina política-administrativa. Pois havia nele tanto os oligarcas mais coerentes e empedernidos, mais aferrados aos elementos conservadores da vida econômica e social, quanto elementos radicais, como a ala de Marrey Júnior, precursora do populismo.

Esta reflexão do ilustre historiador ajuda a entender o fato que agora nos interessa: a formação, dentro ou na periferia do Partido Democrático, de uma espécie de esquerda moderada, que se manifestou sobretudo como arrojada vanguarda cultural. Enquanto no campo propriamente político seguiam apenas mais ou menos, ou de todo não seguiam, as normas do Partido Democrático e suas encarnações posteriores, no campo cultural manifestaram atitudes mais avançada, que depois, quando a gente do Partido chegou ao poder sob outros rótulos, resultariam na política de democratização a que me referi acima (...)

Curioso, este caso de uma vanguarda político-cultural à sombra de uma situação oligárquica, que a aceitou e apoiou. (2)

O depoimento que é dado no confinamento ilustra, de forma significativa, a persistência da difícil, senão quase inexistente, relação do homem de cultura com o mercado de trabalho no Brasil. Nessa situação, espremidos entre a dupla sensação de disponibilidade e inoperância pela falta de profissão, estavam os modernistas no final

dos anos vinte. De certo modo, uma história do modernismo poderia ser escrita tomando como argumento os esforços e apelos dirigidos a alguns protetores, para a criação e manutenção das revistas e jornais. Na curta vida que a grande maioria delas tiveram, de poucos meses a um par de anos, serviram como único meio de subsistência material e de independência espiritual para a expressão de suas idéias. Assim, *Klaxon*, *Estética*, *Terra Roxa*, *Ariel*, *Revista Nova*, entre outras, possibilitaram a sobrevivência financeira para alguns deles e, para todos, meio no qual puderam afirmar o desejo de ser moderno. Em tal argumento, poderíamos acrescentar o tortuoso caminho que os desejos são obrigados a percorrer na ordem social em que não se vive unicamente sob pressão direta do capital, mas de alguma coisa mais coercitiva e penosa que é o império do favor.

Na frase de Antonio Candido, onde o que vale é o fato concreto do apoio de uma parte da oligarquia paulista das idéias da vanguarda modernista, a participação na política partidária deve ser entendida mais como uma força imperativa (3), do que uma formação ideológica estruturada e coerente. Nas colunas do jornal de oposição *Diário Nacional*, alguns modernistas encontraram o espaço necessário para permanecerem ativos e desenvolverem suas concepções culturais. Continuando a seguir os argumentos de Antonio Candido, na sociedade brasileira a figura do homem de cultura padece à margem do processo de modernização onde "o Estado e os grupos dirigentes não funcionavam, porém, apenas como patronos, mas como sucedâneo do público; público

vicariante, poderíamos dizer" (4). Atomizado e vivendo numa posição em falso, o frouxo desempenho político do homem de cultura retém um enigma próprio de sociedade atrasada e dependente. A existência estreita e sem perspectivas sociais, o diálogo surdo com as massas, o pouco valor de remuneração de seu trabalho, o restrito círculo de leitores, o caráter ornamental da cultura, enfim, as várias formas do mesmo mal-estar que sente o intelectual resultam da "natureza específica do Brasil" (5). Nessa atmosfera sufocante, onde as idéias perdem fôlego na densa rede de problemas históricos da formação nacional, o pensamento é cotidianamente desafiado a sobreviver disponível. No movimento sem precisão nem constância das marés que criam e deformam a cultura local, o processo intelectual parece condenado a vagar sem aprumo e consistência para suportar o impacto da próxima ressaca.

Queremos aqui, com a noção de natureza específica, ressaltar a idéia de que no curso do processo de modernização capitalista nos anos trinta subsistem vários traços do passado. As transformações ocorridas na sociedade, ditadas pelo ritmo urbano-industrial, que deveriam fomentar uma efetiva constituição política dos direitos da liberdade, aparecem mescladas com as velhas formas de poder e de coerção. É na incrível força de resistência do atraso e nas heranças subjetivas inacabáveis do escravismo e do autoritarismo, que podemos entender a lógica da sociedade onde "uma reserva de forças naturais conservou-se indomada" (6). Na existência desse campo selvagem e hostil à democracia, onde a barbárie e o poder alucinado correm livres e de

mãos dadas, é que devemos procurar entender as consequências dos processos de modernização que não modificavam as estruturas sociais. Na sociedade que se moderniza sem que os homens vivam como cidadãos modernos, reina a constante tendência a desfigurar o passado terrível e desumano. Para desarmar o teor explosivo que vem do passado, para transformá-lo numa quimera sem conflitos, é necessário o uso permanente do processo ideológico de dissimulação e destruição da memória. Em tal recurso de dominação, encontra-se o resíduo psicológico que pode explicar tanto o sentimento de indiferença das massas, quanto a absoluta "lepidez ideológica" das elites (7), ávidas em eliminar da vista as imagens do mal-estar.

Na abordagem dos emblemáticos anos trinta, importa entender "a particular forma de desenvolvimento que o capitalismo tem encontrado no Brasil, caracterizada pela ausência de rupturas claras com as relações sociais, as concepções e interesses legados do passado" (8). Nessa década, intensamente permeada pela agitação política e cultural, o homem de cultura foi desafiado a tomar posições políticas, a refletir diretamente sobre o curso das questões sociais do presente e a exorcizar o passado. Nos movimentos conflituosos que redefiniam o poder na estrutura social, o homem de cultura viveu sempre à procura da sua identidade pessoal e social. Mesmo, nos momentos mais dramáticos e ambivalentes em que se apagava a luz do dia e os espaços eram restritos pelo uso da força policial e militar, alguns homens de cultura produziram novas idéias que germinaram embriões que rompiam a dureza da matéria local. Talvez, seja nesse sentido que devemos

entender o dito de Antonio Candido sobre o paradoxo do intelectual brasileiro:

O intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecer negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras complicado.(9)

Na frase que pode adquirir uma longa dimensão temporal que vai da Colônia até a República, não obstante as transformações estruturais e a conseqüente mudança na subjetividade, está inscrito o drama do intelectual que vive "sem sombra"*: na falta de reflexo próprio oculta-se o sono da razão que, adormecida, ajuda a produzir os monstros que a devoram.

1- No labirinto do tempo: a consciência política absorvida.

No *Diário Nacional*, é intensa a participação de Sérgio Milliet seja como secretário, seja como jornalista e escritor. Juntamente com o amigo Mário de Andrade, assumem o papel de oposicionistas às claras, combatendo o atraso generalizado promovido pela velha política do Partido Republicano Paulista. Um momento importante, em que sentiam a necessidade de participação no destino do país, muito embora com certa dificuldade para aderir com plena convicção aos interesses do Partido

* Tomamos emprestada a expressão "sem sombra" que Ortega y Gasset desenvolveu em *A desumanização da arte*. Nesse livro, onde procura demonstrar o divórcio brutal entre o passado e o presente, afirma que: "temos que resolver nossos problemas sem colaboração ativa do passado, em pleno atualismo - seja na arte, na ciência ou na política. O europeu está só, sem mortos vivos a sua volta; como Pedro Schlemihl, perdeu sua sombra. E o que acontece sempre que chega o meio-dia". Daqui em diante, usamos a expressão como uma metáfora para caracterizar o estado de debilidade social do homem de cultura.

Democrático. Nas crônicas que Milliet e Mário de Andrade escreveram nas colunas do *Diário Nacional* de 1927 a 1932, encontramos uma relação sempre difícil e conturbada com a política partidária, marcada, simultaneamente, pela valorização e descrédito da esfera partidária. Na análise de algumas dessas crônicas, esperamos demonstrar que o teor da participação de Milliet e de Mário de Andrade era composto por um amálgama de imposições de ordem moral com concessões artísticas e dramas de consciência. Assim, tomaremos como hipótese que no início dos anos trinta, é uma certa concepção moral que dirigia o conteúdo das suas idéias que assumiam uma nova forma, a da política partidária.

Uma parte das crônicas escritas por Sérgio Milliet no *Diário Nacional* aparecem reunidas no seu livro de ensaios *Marcha à ré*, nome significativo, que tomaremos como argumento para o entendimento do período. *Marcha à ré*, representa um momento particular e coletivo na trajetória de nosso autor; particular, porque é no seu todo um livro de redefinições ideológicas e de contato com novas idéias e, coletivo, devido ao estreito vínculo que mantém com o curso da política nacional e internacional na década de trinta. O ensaísmo praticado por Milliet ilustra um sentimento comum de uma geração que ainda se ressentia das consequências avassaladoras da primeira guerra mundial, mas que vive num cotidiano que se movimenta com extrema rapidez, exigindo novos esclarecimentos. É no interior deste tempo complexo e confuso, onde o passado ressurgiu como um fantasma na memória e o presente é todo enigmático e vazio, e o progresso técnico serviu tanto para a poderosa destruição ocorrida na primeira guerra mundial quanto para a criação

do rádio, do aeroplano, da lâmpada elétrica, do Zepelim, que o homem moderno devia se situar e agir. No seu ensaio, Milliet procurou não se esquivar do questionamento da temporalidade em que vivia, valorizando a redefinição de posições e idéias que possibilitassem renovações no presente em crise.

Como o próprio nome parece indicar, trata-se de um livro de ruptura, escrito em pequenos ensaios e aforismos que se cruzam constantemente, promovendo uma sensação de palavras que procuram infundir desesperadamente por consciência moral em meio às incertezas que sente no cotidiano. Assim, a própria estrutura do livro revela o estado de ânimo do autor: a excessiva mutabilidade de temas é expressão da busca incessante de novos argumentos objetivos. Neste livro, procura afirmar que a sua geração vive um dilema decisivo, que requer e exige uma conduta coletiva:

É assim se vive toda uma existência, amarrado as ruínas de um passado diariamente destruído com ódio bravo e audazes negações, mas que renasce dos escombros sem cessar. Daí esse cansaço de viver que os psicólogos pernosticamente explicam: "sub angustia" e que os poetas cantam como uma cinza morna se infiltrando na infecunda nostalgia, uma desesperança de viver que procura vida, entretanto. Vida vivida no marasmo dos paludios, pobre, pestilenta que envenena lentamente.

Esse mormaço poético é a atmosfera em que vegetam as gerações de transição, como a que hoje se aproxima dos trinta e cinco anos. Veio cedo demais num mundo que se refaz e tarde demasiado para a tranqüilidade da ante-guerra.

"Os velhos morrerão" gritava Mário de Andrade na Semana de Arte Moderna. E os moços surgirão. Mas nós, das gerações sacrificadas, que será de nós, enterrados entre duas concepções, o conservadorismo e a reforma a força que se extingue heroicamente e a que emerge violenta? (10)

Uma frase importante, que revela a existência de sentimentos conflituosos e de uma procura ávida de posicionamento num mundo em movimentação avassaladora. Falando em nome de uma geração sacrificada, mas retratando principalmente a si mesmo, tinge de incertezas e imobilismo a vida no presente. Sua principal questão é o atual sentido da vida, das experiências que foram impiedosamente destruídas pela primeira guerra mundial e recriadas pela junção das partes esfaceladas, por idéias de curta potência que obscureceram ainda mais o momento. Ao entender que os acontecimentos do passado sempre renascem das suas ruínas, cobrando assim o preço pela sua extinção, desenvolve uma questão importante sobre o tempo. Se o presente é o que vale, pois é nele em que se vive, o que importa quando refletimos o que já não é mais? Ao promover constantemente balanços entre a vida que se consumou e a que vive, Sérgio Milliet procurava encontrar possíveis opções para o seu cotidiano. Todavia, não se trata meramente de refazer no presente o passado, pois na idéia de Milliet o passado não deve ser nem exorcizado por completo, nem valorizado idilicamente; na sua concepção importa, sobretudo, existir "na vida de hoje, um momento para ruminar as emoções passadas" (MR,60). Logo, é no confronto de emoções e pensamentos vividos e mediatizados pela memória que a vida, com vitalidade, poderia avançar no tempo saturado pelas crises econômicas e políticas.

A questão temporal marcou profundamente a vida de Sérgio Milliet, estando presente em todos os seus livros. Como coloca na frase, o

grande dilema da sua geração foi o de viver num tempo violento, cindido pela primeira guerra mundial e pela revolução russa, cujas complexidades obscureceram as possibilidades da vida no presente. Na procura do sentido atual do viver para a sua geração, os temas da arte e da política, do passado e do presente, do indivíduo e da sociedade, da revolução e da reforma, da destruição e da criação, aparecem como principais dilemas trabalhados por Milliet. Contudo, são temas que não poderiam ser solucionados por fórmulas adotadas ou copiadas sem a ponderação do momento e da particularidade da realidade nacional. Para Milliet, somente com pleno uso da liberdade a vida poderia ser questionada em seus valores, sentidos e limites; para ele, viver deve significar "saber viver", conhecer, para não ser tragado e dilacerado pela fúria destrutiva do tempo moderno. Enfim, era imprescindível definir o que sobrevivia indefinido em si mesmo e na realidade brasileira. Este era o programa que deveria percorrer na sua complexidade.

Em *Marcha à ré*, Sérgio Milliet procurou traçar um painel ilustrativo do tempo em que vive, citando idéias de autores como Spengler, Ortega y Gasset, Freud, Romain Rolland, Barbusse, juntamente com a abordagem da produção nacional de autores como Mário de Andrade, Paulo Prado, Antonio de Alcantara Machado, Ronald de Carvalho, José Lins do Rego, Jorge Amado e outros. Como já dissemos, a estrutura do seu ensaio é composta por aforismos e pequenas análises separadas apenas por algarismos romanos; poderíamos dizer, que o seu ensaísmo lembra uma espécie de composição em andamento, sem fim pré-

estabelecido, na qual o autor experimenta notas e arranjos diversos para encontrar o motivo certo da nova sinfonia. Desse modo, os mais variados assuntos aparecem entrelaçados, gravitando em torno de alguns problemas principais como a questão da política, a do indivíduo moderno, a do papel das elites, a da moral e da função da arte. Em torno de tal campo problemático, cujo núcleo é composto principalmente pelo papel do intelectual e do artista na reforma da sociedade, Milliet inicia o desenvolvimento de uma técnica de estudo que vasculha, nos menores assuntos do real, a presença da força que imperava oculta na dominação brutal que assistia diariamente nas ruas de São Paulo.

Se a preocupação principal de Milliet é com o sentido que a vida adquiriu no século vinte, a reflexão sobre a experiência vivida representa o seu argumento básico. É através dela que nosso autor avança na crítica do papel do intelectual e do escritor na sociedade moderna. Não por acaso, que logo no primeiro aforismo afirma a importância da reflexão sobre o cotidiano onde "sempre alguma coisa é descoberta" e "na pior das hipóteses, uma verdade digna de ser lembrada" (MR,8). Logo, é através da avaliação objetiva da experiência do indivíduo na ordem social que acreditava encontrar o retrato da nação. Para ele, o estudo feito com critério e de forma científica poderia possibilitar o descongelamento do cotidiano petrificado por fórmulas vazias e por dominações seculares, onde já não se sabe qual é a origem nem o fim dos problemas. Ao homem

moderno, o tempo legou o destino de vivenciar experiências em comum, de modo que, não é possível evitar a hostilidade emanada do presente. A idéia de geração sacrificada, que aparece também nas crônicas de Mário de Andrade, deve ser entendida nessa perspectiva temporal e cultural, de homens que experimentaram sensações idênticas e que viviam num cotidiano carregado de dilemas morais e imperativos políticos.

Na sua concepção, o momento exigia dos homens de cultura uma participação ativa, sem rodeios ou posições transfugas; é no concreto que deve ser criada a obra de arte como a construção da política. Para Sérgio Milliet, "os ventos mudaram. Sopra agora a tempestade das insolúveis e angustiosas questões sociais, como já disse um deputado classista. O poeta já não pode alheiar-se da vida. Si se mantém isolado não a penetra e não a compreende e se esteriliza" (MR,150). Um posicionamento que parece pertencer mais à órbita da moral do que fruto de uma ação política partidária. Na idéia de Milliet, é somente através de uma ampla renovação espiritual que se poderia pensar na criação de uma nova concepção de vida:

Realmente o que se observa no mundo de hoje é a violação continua e consciente das regras do jogo. Uma moral feita das palavras ocas, "words, words, words", que se procura conservar ou por inépcia, falta de sinceridade ou coragem de rever a essência das coisas, é diariamente iludida numa trapaça tão cínica que o homem honesto já não se compraz no aprendido.

Em última análise, todo problema espiritual se resume num problema de moral e, por conseguinte, de educação. O código de ética consubstancia as regras de vida, servindo de base para a formação do indivíduo. São as regras do jogo a que deve obedecer o jogador honesto. (11)

Na crítica da retórica e da falta de posições e interesses defendidos à luz do dia, Milliet desenvolve aqui a idéia de Gide sobre o mundo corrompido onde não há mais espaço seguro para a prática da sinceridade. Desse modo, acredita que a tarefa central do intelectual está na participação ativa, na construção de uma nova moral exposta com clareza nos códigos do direito e da ética que regem a conduta individual. Muito embora, acabe por reduzir a política a um simples jogo, onde cabe a todo cidadão o bom exercício das regras para o pleno funcionamento das engrenagens, sua análise torna-se mais rica quando propõe uma mudança nas regras que estruturam a sociedade em que vivia. Para Milliet, é imprescindível que os valores universais do homem moderno como a liberdade, a igualdade, a sinceridade, moral, tenham existência *de fato* na sociedade brasileira. Movimentando-se por meio de idéias gerais do liberalismo, Milliet é sensível o bastante para afirmar que uma das tarefas mais urgentes na realidade brasileira é a de concretizar os direitos universais do homem. Para ele, é a presença soberana de uma extrema "miséria moral" (12) que condena as relações sociais a se manterem sob o signo do autoritarismo e da brutal atrocidade.

Na sua idéia, a política partidária deveria ser dirigida tendo em vista a realização dos valores morais e políticos do indivíduo moderno. Ao longo de sua trajetória, mais de uma vez, disse que acreditava na "solução brasileira dentro de esquemas liberais" e, sobre as possibilidades objetivas da revolução de 30, afirmava que "não sentia o país maduro para uma revolução que não fosse simplesmente democrática"(13). Todavia, os rumos efetivos da revolução

de 30 e da luta civilista de 32 causaram uma profunda decepção que o levou ao abandono da secretaria do periódico *Diário Nacional* e da política partidária. Sem esconder o desencanto com o resultado da revolução constitucionalista, Sérgio Milliet acredita que na arena da política paternalista e autoritária o pensamento tende a se esterilizar, pois perde a liberdade necessária para o ato de criação. Criticando os valores pequenos da política de interesses econômicos, vê com maior urgência a necessidade de renovação moral e educacional, voltando, assim, toda a sua atenção para a investigação da realidade brasileira. Numa frase significativa sobre a política brasileira e a relação dramática e tensa do intelectual com a sociedade, Milliet exprime as contradições em que vivia a sua geração:

É preciso que apareça, também entre nós, quem permita a materialização desse desejo, dessa necessidade de público. Não basta a São Paulo a Universidade. Esta cria as elites. É imprescindível a revista, que servirá de ponte entre elas e a massa renovadora. Sem o que, perde contato com o mundo e se torna um luxo supérfluo. Isolada e incompreendida, ela definhará na esterilidade, como isolada e inculta, desorientada, anarquizada, a massa será levada ao sabor das mais absurdas e desencontradas ideologias.

E, de modo ainda mais enfático:

Não temos movimentos conscientes de massas. Nossas revoluções vieram de cima e o próprio arranco da esquerda, hoje tão em foco, é ainda um movimento que vem de cima. (14)

Uma frase significativa, pois estamos ainda no clima preparatório do advento da ditadura do Estado Novo, no plano nacional, e a três

anos da eclosão da segunda guerra mundial. Milliet desenvolve uma espécie de confissão da esterilidade do intelectual, que não participa das revoluções políticas nem como elite dirigente, nem como representante de uma vontade popular. Um fato que chama demasiado a atenção no início dos anos trinta, pela sua repetição constante em vários modernistas, é a presença de frases que exprimem um profundo sentimento generalizado de culpa, de mal-estar, de remorso, de traição. No ensaísmo de Milliet, como também no de Mário de Andrade, a noção de responsabilidade do intelectual é levada às últimas conseqüências, numa fixação que não poupava nem a eles próprios. Acreditamos que as derrotas políticas de São Paulo em 30 e 32, conduziram essa geração ao descrédito e à desesperança de ultrapassar as barreiras do atraso da sociedade brasileira. A inexistência de classes organizadas em projetos nacionais, condenava esses homens de cultura a viver em disponibilidade. Sem possuir público leitor, nem direitos profissionais assegurados como qualquer outro trabalhador, dificilmente o homem de cultura poderia escapar do triste destino do emprego público na estrutura autoritária e elitista. Um cotidiano penoso e constritor aguardava os que procuravam sobreviver do ofício de homem de cultura, na sociedade onde as elites econômicas e políticas podiam até mesmo prescindir de seus serviços para manterem em suas mãos o poder que parecia ser natural.

Para Milliet, era necessário conhecer a realidade nacional em sua complexidade de valores, pois somente assim seria possível reverter a

tendência permanente do golpismo e do autoritarismo que surgem nos momentos decisivos da sociedade brasileira. Na sua concepção, importava sobretudo afirmar a cultura como um direito do indivíduo, o que não é pouco numa ordem social que se reproduzia pela exclusão absoluta da imensa maioria da população. Um dever moral, portanto, de combater e denunciar os mandos e abusos da "miséria moral", que deveria ser diariamente praticado pelo artista e pelo intelectual:

Só reflete, pois, uma verdade para a arte e só tem valor humano a literatura que reflita este estado de alma. Estado de inquietação, principalmente, de auscultação, de pesquisa da verdade. De uma verdade. (15)

A procura de uma verdade, a partir do estudo e da pesquisa sistemática da realidade brasileira, representava o compromisso de Milliet para consigo mesmo e para com a sua sociedade. Um desejo de conhecer pelo nome a força poderosa que transformava diariamente os desejos individuais e coletivos em ruínas. Os anos trinta marcam no itinerário de Milliet o fim do ciclo da aventura política no Partido Democrático e o início do período de investigações de temas socio-culturais. Abalado com os resultados da política nacional, a voga da sociologia altera o seu estado de ânimo, desencadeando uma nova onda de entusiasmo e crença no ideário de Milliet.

Na frase citada do amigo suíço Charles Baudouin, "não passa pior o diabo porque lhe mudaram o nome" (16), encontra o teor do impasse que vive o homem moderno. No mundo desencantado pela violência assustadora das transformações estruturais e individuais, mas

reencantado por estonteantes deslumbramentos inventivos, perguntar pela natureza do demônio significava percorrer a longa sensação de perda do sentido da vida. Nas agruras do seu presente, conhecer a forma atual do demônio possibilitava, ao menos, dar um passo seguro em direção ao desejo de querer ser livre e de manter viva a força criadora.

2- A consciência do mal-estar.

Movido pelo interesse de conhecimento da realidade nacional, que marca o espírito dos anos trinta, Milliet escreve no seu ensaio que o romance social representava a forma mais condizente na qual o escritor poderia contribuir na tarefa de decifrar a realidade brasileira. Para Milliet, o assunto e a mensagem eram imprescindíveis e deveriam ser realçados sem retórica ou ilusionismo. Assim, afirma a importância do romance, principalmente do que vinha do Nordeste, como uma nova forma que proporcionava uma renovação geral dos valores e do que se entendia por "realidade brasileira":

É preciso compreender que a vida dos estivadores, cantada pelos poetas da Avenida Rio Branco, de mãos sem calos e unhas bem tratadas, tem menos valor social, em que pese a pretensão em contrário desses intelectuais, do que as obras de Lins do Rego, Armando Fontes, Jorge Amado e outros fixando suas experiências pessoais dentro do ambiente realista do engenho e da catinga nordestina, ou de Mário de Andrade e Antonio de Alcantara Machado, descrevendo a vida provinciana de São Paulo no meio em que viveram e se formaram. O Brasil de hoje, com suas dores e ambições, se espelha nessas obras. Elas são literatura social, e da melhor. E significam alguma coisa. Não são burguesas nem marxistas: são humanas. (17)

Combatendo o dogmatismo e o radicalismo ideológico que se fazia sentir nas doutrinas do fascismo, do comunismo, do socialismo e do nazismo, Sérgio Milliet procura resgatar na arte uma dimensão humana que valorize as emoções e os sentimentos vividos na sociedade moderna. A polarização ideológica que marcava os anos trinta no mundo inteiro, e que avançava com profundidade no campo da arte, impunha aos homens de cultura a afirmação de posições políticas diretamente ligada com o resultado da expressão literária. No clima em que a técnica e a liberdade eram ameaçadas pela camisa-de-força do engajamento ideológico, Milliet acreditava que somente pelo resgate do humano é que a arte poderia avançar no solo ameaçado pela aridez e esterilidade do radicalismo político. Para Milliet, na técnica de construção de um poema ou de um romance deveria haver espaço para uma análise rigorosa das experiências vividas nas diferentes partes da sociedade. Na reflexão da vivência, da experiência que se acumula e é apurada pela memória, seria possível desdobrar novos quadros significativos da heterogênea realidade brasileira. Logo, Milliet defende no romance moderno uma passagem do ato vivido em potência, no qual o escritor poderia revelar as forças que atuavam e conformavam o limite do possível. Os autores citados por Milliet, são valorizados na medida em que contribuíram para desvendar as ocultas faces do Brasil. É a partir da análise de temas ainda desconhecidos, e dos problemas sociais solapados pelo torto "olhar de estrangeiro" cultivado no mundo sem-culpa da nação mal-formada, que a arte poderia contribuir para a renovação mental e moral da sociedade.

Mais do que um mero engajamento nas doutrinas que disputavam a direção do curso do mundo, e que já demonstravam a face ameaçadora da intolerância contra a paz romana de Versalhes, para Milliet o homem de cultura deveria assumir com responsabilidade o seu destino missionário na sociedade atrasada (18). De certo modo, podemos dizer que para Milliet e Mário de Andrade o engajamento diz respeito a uma esfera mais restrita que é a da política partidária, enquanto que, a responsabilidade do intelectual afirma uma esfera maior, que é a da cultura. Se a responsabilidade é que é verdadeira, pois além de determinar-se a si mesma é soberana, podemos afirmar que a partir da derrota paulista em 32, ocorre uma alteração no ideário de ambos, marcada pelo sentimento absoluto de responsabilidade. Nesse sentido, a respeito da produção literária de Milliet em 1935, Mário de Andrade afirma que "o Sérgio, o Roberto são protótipos que acabaram se refugiando da vida no estrito cumprimento do dever" (19). Em uma palavra, tanto o homem quanto o personagem estavam inseridos nos limites da noção de responsabilidade; uma vocação, formada pela mistura de um sentimento ético e imperativos morais oriundos da má-formação da sociedade brasileira.

Acreditamos que uma das chaves que pode abrir o sentido da responsabilidade do intelectual presente em Milliet e Mário de Andrade é a disposição de auto-análise, na qual ambos procuram, escrevendo romances ou ensaios, livrar-se do peso implacável da hostilidade emanada do atraso e do autoritarismo. Se tomarmos, como exemplo, as confissões dos autores sobre seus romances *Macunaíma* e *Roberto*,

veremos que ha um profundo teor de autoterapia oculto, e que delimita a própria estrutura do argumento. Senão vejamos:

Veja o "caso" do *Macunaíma*. Ele seria o meu mérito si saísse o que eu queria que saísse. Pouco importa si muito sorri escrevendo certas páginas do livro: importa mais, pelo menos pra mim mesmo, lembrar que quando o herói desiste dos combates da terra e resolve ir viver o "brilho inútil das estrelas", eu chorei. Tudo, nos capítulos finais, foi escrito numa comoção enorme, numa tristeza, por várias vezes senti os olhos umedecidos, porque eu não queria que fosse assim! Eu quis viver a vida, está claro: viver humanamente (e não gosadamente) a vida (...) Confissões como a que eu lhe fiz na outra folha o final do *Movimento Modernista*, e, o que é pior!, essa vaga noção de culpa, consciência de culpa, que atravessa toda a minha poesia.

Enquanto, Sérgio Milliet sobre a construção do romance *Roberto*, afirma o mesmo drama de consciência:

Evidentemente, resultado de experiências e observações pessoais, muito vividas e sentidas, foram os personagens da narrativa construídos com pedaços de almas verdadeiras (...)
Muito satisfeito ficarei, si o ambiente de pasma-
ceira em que evolue *Roberto*, suas preocupações e seu fracasso servirem de espanto à nova geração e a levarem por outros caminhos, a tentar finalidade mais nobre. *Roberto* mostra-lhes tão somente, que, das tentativas a que se abalancaram os homens de seu tempo nada se salva. A não ser o que de humano existe em cada um de nós: o espírito e o amor. (20)

Na leitura das severas confissões de Sérgio Milliet e Mário de Andrade, salta aos olhos o divórcio existente entre esse tipo de intelectual e sociedade. O drama dos personagens revela, cada qual a seu modo e profundidade, o dilema dos próprios autores na sociedade

que reprimia a potencialidade dos seus cidadãos, quer pela brutal exclusão dos mais miseráveis, quer pela inexistência de mediações efetivas com os pouco mais afortunados. Seus personagens procuram representar os sucessivos desencontros dos homens na sociedade em processo de modernização, mas do qual não participam como agentes efetivos. Os depoimentos de Mário de Andrade e Sérgio Milliet caracterizam os homens como indivíduos incompletos, hesitantes, sempre sujeitos aos mandos e às vaidades dos que detém alguma parcela do poder na estrutura social. Logo, a vida prejudicada dos personagens, verdadeiros pedaços de alma que viviam sem consciência dos seus direitos, nem finalidade, corresponde à própria insatisfação e impotência dos autores. Desse modo, personagem e autor procuram, cada qual, emergir do fundo do abismo em que se encontravam. Nesse círculo de força, acreditamos que a auto-análise foi a forma de auto-conhecimento que encontraram para nomear e descrever a sociedade indesejável, mas duramente real, que estavam subordinados e submetidos.

Nesse sentido, Mário de Andrade nos ensaios sobre Tristão de Ataíde e Luis Aranha escritos no início dos anos trinta, desenvolve de forma similar, as mesmas preocupações sobre a posição social do intelectual contidas no livro *Marcha à ré* de Milliet. Na realidade, na reflexão de ambos, é o modernismo que está em discussão sendo criticado em suas desventuras e dificuldades que não soube superar. Nas frases seguintes de Mário de Andrade, podemos notar a falta de fôlego que sente o desejo de construção do novo, que é tanto reprimido

pela estrutura social, quanto também pela falta de clareza do próprio homem de cultura em participar num todo que lhe é oculto e de difícil acesso:

Nesta barafunda, que é o Brasil, os nossos críticos são impelidos a ajuntar as personalidades e as obras, pela precisão ilusória de enxergar o que não existe ainda, a nação. Daí uma crítica prematuramente sintética, se contentando de generalizações muitas vezes apressadas, outras inteiramente falsas (...) Ora tal síntese era, especialmente em relação aos fenômenos culturais, impossíveis: porque, como sucede com todos os outros povos americanos, a nossa formação nacional não é natural, não é espontânea, não é, por assim dizer, lógica. Daí a imundice de contrastes que somos. Não é tempo ainda de compreender a alma-brasil por síntese.

E, de modo mais enfático, revela, em toda plenitude, o drama da consciência infeliz:

Nós hoje nos debatemos sofredamente ante os problemas do homem e da sociedade, com uma consciência, com um desejo de se solucionar, de conquistar finalidade, com um desespero pela posição de forada-lei inerente ao intelectual de verdade, que jamais os artistas do passado brasileiro não tiveram (...) Enfim todos nos estamos concientes da nossa amarga posição de intelectuais, e movidos pelos fantasmas que nascem desse medo. Uma situação maldita. (21)

Escrito no clima avassalador das revoluções e dos dessabores da derrota paulista, Mário de Andrade expõe a difícil relação do intelectual com a sociedade onde reina a "imundice de contrastes". A expressão "situação maldita", que repetiu várias vezes ao longo de sua obra, simboliza a penosa relação do intelectual com o curso do processo político e com a própria finalidade do seu pensamento. Nos anos em que as conquistas do modernismo eram aceitas e praticadas na

sociedade brasileira (direito à pesquisa estética, liberdade de estilo, valorização das pesquisas sobre temas nacionais, revolução na linguagem), "rotinizadas" segundo idéia de Antonio Candido, como é possível entender tal estado de ânimo marcado pela decepção, culpa, medo e angústia? Como podemos entender a "consciência das palavras"* de Sérgio Milliet e de Mário de Andrade, que parecem vagar soltas em torno do eixo da consciência dilacerada e infeliz? Questões sem respostas imediatas, que somente através da abordagem da posição social do homem de cultura no interior da sociedade como um todo, é que podemos entender alguns aspectos do contorno do círculo que os oprimia, e que estabelecia a falta de ritmo e a pouca intensidade da produção cultural.

Nas idéias de Mário de Andrade o presente está em questão no interior do pensamento que procura a sua posição social entre o emaranhado de problemas que obscureciam o sentido da realidade. Na frase em que pede a necessidade do tempo do conceito, que ao invés de parecer jogar água fria no caldeirão em ebulição do pensamento social nos anos trinta, afirma uma condição própria da má-formação cultural brasileira. A impossibilidade do conhecimento sintético, impõe ao homem de cultura local a tarefa de providenciar a construção de um solo seguro toda vez que se pretenda entender os problemas do homem e

* Usamos a expressão "consciência das palavras" cunhada por Elias Canetti num sentido similar. Quando os modelos que justificam a existência deixam de existir violentamente e de forma abrupta num determinado momento histórico, cabe as palavras, mais do que nunca, procurar sentido para descrever o que parece ser inominável.

da sociedade. De passagem, poderíamos dizer que tal norma nunca foi uma das virtudes do pensamento no Brasil que, em geral, é sempre ávido em alcançar o caminho mais curto e de menor custo para a redenção final. A idéia de Mário de Andrade revela a existência de uma verdadeira queda no abismo, toda vez que procuramos entender as diferentes forças e tradições que nos unem e nos separam. Nessa barafunda, portanto, onde o passado e o presente reclamam por igual o entendimento e a explicação, o argumento a favor da paciência em vasculhar o solo mais originário de nossa formação, possibilitava o não esquecimento das questões sociais que clamam por resolução.

Queremos afirmar, por outro lado, que no dito também existe um alerta para um temerário desdito, - o do silêncio vazio ante aquilo que se vê, que incomoda, mas não sendo decifrado, pode vir a ser esquecido. Para não ceder nem à tentação da rápida redenção pelo abuso da síntese, nem da acomodação numa posição altiva no interior da torre de marfim, o pensamento deve partir da "imundice dos contrários" seguindo o rumo torto do desejo de ser e de conquistar finalidade. Para esses homens de cultura, a sensação de inexistência de uma efetiva finalidade estava intimamente entrelaçada ao desconhecimento por completo da nação, do caráter fragmentário da formação cultural e do que poderia vir a ser. Uma situação encharcada, por todos os lados, pela ambiguidade de sensações e idéias, de modo que a construção de algo novo no campo da cultura podia explodir os limites do mal-estar mas se detinha frente as barreiras da modernização comandada pelo Estado.

Desenraizado, o homem de cultura padece de um duplo divórcio, da sociedade e do Estado. Seus desejos, débeis como sua própria condição social, tendem a não se realizar, e mesmo quando ocorrem são antes frutos de algo delegado. Em tal circunstância infeliz, o homem de cultura parece ter como única vocação o cultivo solitário do desespero e da consciência infeliz. Talvez seja, nesse sentido, que Mário de Andrade aplica para toda a sua geração, a frase demolidora:

Frutos do nada que somos como entidade. Frutos do
mais amargo nada humano.(22)

Ao identificar-se com o nada, o pensamento parece condenado em assumir a tarefa da negação por completo de tudo ou restringir-se na mutilação passiva do destino de não alcançar o que se deseja ser. Com certeza, a unidade indesejada com o nada clama por superação, pelo uso da negação que conduza o homem rumo a uma formação mais condizente com o humano. O "nada humano" está ligado a "situação maldita", por ele mesmo diagnosticada e com a idéia de "miséria moral" de Milliet, outro nome do mesmo dilema. Assim, em ambos, o ensaísmo socio-cultural surgia como uma forma que mantinha aceso o desejo de ser e de possuir finalidade efetiva. Em uma palavra, o ensaio era sentido como conseqüência direta do sentimento de responsabilidade e da procura de identidade social do intelectual que ambos sempre mantiveram como alto valor. É importante ressaltar que o questionamento que parte do sentimento do ego dilacerado e da vida restrita, procura inserir-se na matéria até atingir as questões sociais promovidas pela miséria nacional. Na linha dos depoimentos, que tomamos aqui como base

analítica, Mário de Andrade na conferência "O Movimento Modernista", afirma categoricamente a difícil posição social do intelectual:

Deformei, ninguém não imagina quanto, a minha obra - o que não quer dizer que si não fizesse isso, ela seria melhor... Abandonei, traição consciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. Mas é que eu decidira impregnar tudo quanto fazia de um valor utilitário, um valor prático de vida, que fosse alguma coisa mais terrestre que ficção, prazer estético, a beleza divina. (23)

A despeito de ser uma auto-crítica severa, que não corresponde com a profundidade alcançada pelas análises sociais e políticas de Mário de Andrade, é importante notarmos o teor explosivo da auto-análise. Uma confissão que se prende nas contradições de seu tempo, numa síntese que mistura as desventuras sofridas pelo autor com as do próprio meio em que se formou, e queira ou não, vive. Na sociedade em que a falsa aparência e a incompreensão reinam soberanas, a consciência dividida e fragmentada revela o sintoma maior da crise que se multiplica em todos e em tudo. Em Sérgio Milliet, numa frase também autobiográfica, também encontramos a mesma consciência infeliz sem repouso e aprumo:

Aqui participei timidamente da Semana de Arte Moderna. Mais como admirador de Mário e Oswald de Andrade que como militante ativo. Depois desiludime da literatura. Dediquei-me a pesquisas sérias de sociologia e história; de crítica também. Voltei entretanto à ficção, sem êxito, apesar do aplauso dos críticos. (24)

Colocadas lado a lado, as semelhanças das confissões sugerem a existência de um profundo vínculo intelectual que os unia, como também

demonstram as inúmeras dificuldades de trabalho do homem de cultura na sociedade que lhes era desconhecida, enigmática, mas implacavelmente coercitiva e presente. As várias transformações dos autores (ou "deformações" espirituais para Mário de Andrade), que revelam o intenso desejo de procura da identidade social, vêm acompanhadas da ampla mudança temática e, por suposto, do modo para conhecer e revelar as contradições em que se vive. Como afirma Álvaro Lins, a respeito do conjunto da vida e obra de Mário de Andrade, trata-se "de um homem multiplicado que procura encontrar-se a si mesmo" (25), idéia que, com a devida licença, tomamos de empréstimo para caracterizar a obra e a personalidade de Sérgio Milliet. Formulada assim, o estado de ânimo que tende à plasticidade de posições assumidas, onde muitas vezes o eu inquieto buscou refúgio na eleição do outro, pode ser reduzido ao impulso crítico de responsabilidade que ambos não puderam renunciar, mas que tiveram de celebrar em circuito fechado. Na leitura das cartas e confissões desses homens sempre aparece a angústia perante o espaço cada vez mais constritor, restrito e velado onde suas vontades não puderam germinar como queriam e com intensidade. Talvez esse seja o maior drama que tiveram que enfrentar nas suas vidas de homens de cultura: a debilidade do pequeno solo conquistado que desabava juntamente com os seus pés a cada movimento da sociedade conservadora, que dinamitava em milhares de pedaços a força crítica que possuíam.

Para Roger Bastide, na sociedade onde toda manifestação do novo está emaranhado com o antigo, num choque temporal que dificulta o

processo de conhecimento objetivo, "o sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta" (26). Nessa frase, em que se valoriza a importância maior das conquistas alcançadas pelas letras no conjunto da evolução da cultura nacional, existe o apontamento da formação eclética nos países periféricos e atrasados. Como uma condição natural, o ecletismo é a nossa mediação por excelência, para com o sistema capitalista internacional, como com o nosso próprio ritmo cultural. Assim, queremos afirmar que nos meados dos anos trinta o intelectual que quisesse penetrar na hostilidade da matéria local necessitava conhecer os argumentos das modernas ciências humanas, em especial os da sociologia. Nas páginas seguintes vamos nos deter sobre o papel da sociologia no período, mas por ora importa que Milliet e Mário de Andrade parecem afirmar, quando confessam as transformações pessoais que sofreram, a necessidade imperativa que sentiram de se submeter a um novo processo de reinterpretação. A nova onda de inquietação e instabilidade provocada pelo processo de modernização conservadora comandado pelo Estado, as revoluções políticas que sacudiram o país, os acontecimentos econômicos e políticos internacionais que movimentavam com radicalismo os anos trinta, obrigavam os homens de cultura a se debruçarem nos livros das modernas ciências. Esperamos sugerir, que não se tratava de uma mera imitação ou cópia passiva das idéias européias e americanas, mas sim uma consequência dos novos dilemas que surgiam no Brasil e no mundo.

A transformação do homem de cultura num tipo de estudioso dos problemas sociais pode ser sintetizada na categoria "realidade

brasileira", ao mesmo tempo, eixo e alvo analítico desenvolvido pela maioria dos escritores nos anos trinta. Na ânsia generalizada em repensar, desvendar e colorir as relações nada nítidas do passado com o presente, a sociologia era alçada ao título de "ponto de vista" geral, comum no discurso do jornal, da política, dos ensaios até mesmo das prosas. Sobretudo, por ser a linguagem do momento, a sociologia era usada para o esclarecimento e renovação do presente, mas também surgia como discurso de legitimação do poder que mantinha no esquecimento as complexas questões sociais e econômicas. Um verdadeiro ponto de vista, em que o jargão sociológico era usado pelo Estado centralizado e autoritário e seus ideólogos, no mais das vezes, para deixarem o significado das palavras e das relações sociais ocultos e amortecidos. Numa frase extremamente paradigmática, Mário de Andrade afirmava, colocando com ironia vários pontos nos is, que em geral a "sociologia é a arte de salvar rapidamente o Brasil" (27). Um jargão, portanto, marcado pelo ecletismo e pelo ensaísmo, que se fundamentava pelas afirmações genéricas com intuito de enfatizar rapidamente os problemas sociais.

Para nosso interesse, importa sobretudo entender a assimilação da sociologia efetuada por Sérgio Milliet como uma necessidade vinculada com o desejo de conhecer a sociedade brasileira emanado dos acontecimentos do passado recente (28). No depoimento dado ao *Testamento de uma geração*, Milliet afirma que a voga da sociologia está relacionada com a criação das universidades (29), mas, principalmente, com as conseqüências políticas da revolução de 32:

Antes de compreender que o problema era puramente educacional, ainda fizeram com entusiasmo a Revolução de 32. Foi esta que, afinal, abriu os olhos de todos revelando a nossa carencia terrível de homens (...) Nosso ensino superior exclusivamente formal, produzia anualmente centenas de bachareis inuteis e nenhum elemento de verdadeira cultura. Nosso ensino superior, desumanizava o individuo, afastava-o da vida e dos problemas da vida e enchia-lhe a cabeça de retórica barata (...) Fundamos a Escola de Sociologia e fundamos a Universidade. Mas principalmente a Escola teve importancia renovadora. Havíamos compreendido (Tácio de Almeida, Antonio de Alcantara Machado, Couto de Barros, Ciro Berlink, e outros) que a mentalidade e que se fazia imprescindível mudar, transformar mesmo por completo. Como ? Despindo-a de seu formalismo, colocando-a perante a realidade "suja", tornando-a objetiva; a Europa não nos podia mais guiar, porquanto chafurdava na aplicação de doutrinas rígidas, perdia-se nos conceitos desenraizados, falhava em todas as soluções adotadas. Restava-nos a America do Norte. E demos o salto: da filosofia para Sociologia; mas uma sociologia de conhecimento real, corajosa, sem tradicionalismos terminológicos. (30) (grifo meu)

Esse depoimento serve para ressaltar como a noção de reforma educacional, via entendimento científico e rigoroso da realidade que toma corpo nos meados da década de 30, a noção de cultura ("verdadeira cultura", nas palavras de Milliet) aparece reduzida a um projeto paulista. Milliet procura marcar os feitos de um esforço coletivo oriundo da classe dominante na cidade de São Paulo para a construção de instituições culturais. Os sobrenomes citados como mentores do processo representam não apenas os filhos esclarecidos da burguesia paulistana, mas um projeto de reconquista de posição política na estrutura da sociedade brasileira. Assim, não é por acaso que Milliet inicia sua reflexão a partir do malogro paulista no campo de batalha. É da profundidade da derrota, do mal-estar causado pelo fato consumado, que surge aos olhos das elites paulistanas a necessidade

imperativa de mudança de mentalidade. Na passagem da sensação de mal-estar para o projeto educacional, Milliet descreve as alterações de diretrizes na cultura local: da influência européia imersa nos radicalismos ideológicos para o modelo americano e para as modernas ciências humanas que entram em cena com novos conceitos. Uma procura, em suma, do conhecimento objetivo que poderia esclarecer os eternos dilemas e impasses da realidade brasileira, bem como ajudar na formação de técnicos aptos para o trabalho de renovação social.

Mesmo em meio a certas incongruências, como a afirmação de que possuíam uma filosofia quando na verdade se direcionavam por ecléticas concepções de mundo, a frase de Milliet deixa claro o espírito de renovação que dirigia os esforços rumo aos mais variados interesses. Uma vontade desenfreada de alternância, parece ser a palavra que melhor descreve tal estado de ânimo que pairava no ar na cidade de São Paulo. Uma disposição ambígua que se organizava para a construção de uma base cultural que deveria servir de eixo para futuras perspectivas políticas. Em tal projeto, a fôrma das modernas ciência humanas ajudava no conhecimento da realidade "suja", na qual todos estavam imersos.

O espírito de conhecimento científico que tomou conta de Sérgio Milliet na década de trinta, resultou nos livros *Ensaio* e *Roteiro do Café* ambos publicados em 1938. Todavia, esses livros não podem ser analisados em separado, pois desse modo, deixamos de entender o motivo principal que os norteiam, que é todo ele coletivo. Na verdade, não é possível entender a produção "sociológica" de Milliet sem a correlação

com a participação ativa na fundação e direção das escolas de ensino superior e, principalmente, da divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Em tal relação, acreditamos encontrar o motivo central que movimentava o seu ensaísmo crítico, marcado pela pesquisa científica empírica e pela crítica dos livros do momento. Uma disposição para o conhecimento que partia da valorização da liberdade e da autonomia do crítico, que entrelaçava vários temas e assuntos. É o que veremos a seguir.

3- Um curto período de felicidade: os intelectuais e o Departamento de Cultura.

A década de trinta foi um período de grande atividade na trajetória de Sérgio Milliet; nos limites daqueles emblemáticos anos, escreveu vários livros (*Términus Seco e Outros Cokteils* 1931, *Roberto* 1935, *Marcha à ré* 1936, *Poemas* 1937, *Ensaaios* 1938, *Roteiro do Café* 1938, *Desenvolvimento da Pequena Propriedade no Estado de São Paulo* 1939), participou da fundação da *Escola Livre de Sociologia e Política* 1933 (onde foi secretário até 1935 e professor de sociologia de 1937 a 1944) e da *Universidade de São Paulo* em 1934 (onde ajudou a receber a missão francesa), participou da criação e da direção do *Departamento de Cultura* da cidade de São Paulo em 1935 e iniciou carreira de jornalista no *O Estado de São Paulo* em 1938. Em constante atividade, dirigindo instituições de cultura, escrevendo ensaios e reformulando revistas, podemos dizer, que esses foram anos prazerosos e de intensa ação e mobilidade. No que se segue, pretendemos demonstrar o profundo

vínculo que unia Sérgio Milliet com a reforma cultural que movimentava a cidade de São Paulo nos anos trinta, principalmente após o advento do Departamento de Cultura e das instituições educacionais. Desse modo, arriscamos dizer que no curto período em que se criavam instituições culturais, os intelectuais que participaram desses projetos puderam realizar aquilo que Antonio Candido chamou de "generosas obsessões".

Na comemoração dos oitenta anos de Paulo Duarte, um dos principais mentores da criação do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, Antonio Candido e Florestan Fernandes formularam questões importantes sobre o assunto que estamos tratando. Não obstante tratar-se de depoimentos emotivos a respeito da vida e obra de Paulo Duarte, fornecem observações que somente os que viveram o período podem relatar. Senão vejamos:

Integrado num grupo de que menciono Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, entre outros, Paulo Duarte viveu intensamente naquela era fugaz a possibilidade de criar dentro da ordem burguesa um movimento de cultura que desse ao povo o que ele nunca tinha tido no Brasil, isto é, oportunidade para compartilhar os recursos humanizadores da cultura burguesa e encontrar caminhos para realizar a sua. A obra do Departamento de Cultura, que Mário de Andrade começou a realizar com o apoio de Paulo Duarte e dentro de um sonho em comum, exprime bem a conquista do espaço aberto, que no limite implicaria a própria transformação da sociedade. Tratava-se na verdade de um ímpeto humanizador que não caberia, como nunca coube, na ordem burguesa.

De modo muito similar, Florestan Fernandes procura descrever conjuntamente a força criativa desses intelectuais e o princípio inibidor e coercitivo das elites brasileiras, nas palavras:

O Brasil, com sua débil burguesia conservadora, revelou-se um triturador de talentos. Fala-se muito na "mediocridade média satisfeita". O que é essa mediocridade média satisfeita só se descobre através desses homens, que poderiam ter sido agentes de uma revolução cultural "dentro da ordem". O País não acompanhou os seus ritmos e os seus passos, porque as elites conservadoras ou brecaram o carro ou tiravam o tapete de baixo de seus pés.. Todos eles são "homens de êxito", "personalidades representativas" e intelectuais realizados", pelo padrão corrente. No entanto, há um abismo entre o tentaram fazer e o que poderiam ter feito (...) Por que ele lutava? Pelas mesmas coisas de sempre? Por si mesmo, pela dignidade da pessoa humana.(31)

Nos depoimentos procuramos desenvolver os motivos idênticos que serviram de fio condutor para tecer o infortúnio do destino do intelectual e do Departamento de Cultura nos anos trinta. Na sociedade onde o poder é hermético e pouco questionado nos seus limites, o que cresce com vitalidade própria não pode durar sem ser expropriado e mutilado em algum instante de sua vida. Assim sendo, para os intelectuais citados a cultura adquiria o sentido de projeto de contestação, uma verdadeira arma de combate, que deveria promover contínuos processos de humanização das relações sociais. É importante entender que por detrás da reforma cultural que desenvolveram estava o desejo de combater a supremacia da coerção e da barbárie na sociedade brasileira mas "dentro da ordem" legal, como indica Florestan Fernandes. A procura da "dignidade da pessoa humana" e o "impeto humanizador" revelam a face, nem sempre destacada, que esses homens de cultura tiveram. Em linhas gerais, essa foi a principal intenção dos esforços dirigidos pelos intelectuais nos poucos anos de duração do

Departamento de Cultura. Se quisermos ser mais ousados poderíamos, com a ajuda dos depoimentos acima, afirmar: esses intelectuais desenvolveram um projeto cultural orgânico de contestação, moderado na forma e na consequência política imediata mas radical na essência, na medida que agiram no interior da ordem burguesa rumo à uma democracia mais verdadeira e efetiva. No limite, buscavam a proliferação dos valores e direitos do homem moderno, uma procura, portanto, da sociedade mais humana e justa. Vejamos agora, na fala dos próprios atores e autores o percurso da ascensão da esperança e a queda na normalidade do princípio constritor da ordem burguesa no Brasil, avessa a tudo que possa revelá-la.

Vistos em conjunto, nos anos trinta, a relação desses homens de cultura com a política partidária foi marcada por um afastamento desiludido e por uma aproximação inesperada, fruto do acaso temporal que reuniu uma elite dirigente aberta às idéias de uma vanguarda cultural em estado de perplexidade. O projeto de criação do Departamento de Cultura no governo estadual de Armando Salles de Oliveira e do prefeito Fábio Prado possibilitou a ascensão de alguns intelectuais na esfera da política, mais precisamente, na direção de recursos financeiros e dispositivos necessários para a concreção de antigos desejos. A respeito da gênese e do final melancólico do Departamento de Cultura, Paulo Duarte formula que tal período está inscrito entre um "lindo sonho e a dolorosa realidade" (32). Uma frase importante, que sintetiza o tortuoso embate dos desejos de criação de uma cultura democrática no interior de uma sociedade estruturada e

mantida pelo autoritarismo e golpismo das elites econômicas. Acreditamos que, na fórmula de Paulo Duarte repousa um dilema central da sociedade brasileira, que deve ser desdobrado nas suas implicações: o da impotência dos desejos e vontades dos indivíduos que, via de regra, só conseguem alcançar algum desenvolvimento através da possibilidade de inserção nos círculos alargados e onipotente do Estado. Na sociedade onde o Estado é abusivamente preponderante, pois detém na sua estrutura tanto os meios para a concretização das vontades dos seus cidadãos, quanto o uso da força coercitiva para a extinção sumária, o princípio da realidade é extremamente constritor.

No pequeno círculo de possibilidades, em que purgava a figura do homem de cultura, por um momento, na cidade de São Paulo, ocorria uma verdadeira "revolução" com a criação de instituições culturais que abriam novos e significativos espaços para a inserção e finalidade do intelectual na vida social. Todavia, é preciso ter em mente que tal processo não se tratava de uma verdadeira conquista, nem significava uma mera e estéril cooptação ideológica. Quando estudamos, por exemplo, a correspondência de alguns dos intelectuais diretamente envolvidos na construção do Departamento de Cultura, o tom de incredulidade e imensa satisfação marcam bem o sentido da dependência que estavam submetidos. A esse respeito, Antonio Candido, referindo-se ao problema dirá que "há um aspecto de dependência burguesa constritora, mas há outro lado a considerar; a cultura se construindo nos termos em que isso era possível", e numa outra passagem, afirma sobre os intelectuais que são "todos mais ou menos mandarins quando se

relacionam com as instituições, sobretudo públicas; e inoperantes se não o fazem" (33). Nesse duplo paradoxo, em que se formula uma espécie de certidão de nascimento de impotência e dependência congênita, palpita a consciência infeliz do homem de cultura no Brasil.

Se a cultura está condenada a fragmentação e ao ritmo oscilante que tende "à descontinuidade e ao arbitrário" (34), pensar na construção de uma cultura democrática requer percorrer a estreita rua de mão única traçada, de longa data, pelo Estado-demiurgo. Desse modo, poderíamos tentar entender algumas das causas da inexistência de mediações efetivas entre indivíduo e sociedade (associações e partidos políticos fortemente estruturados e representativos), bem como a incômoda sensação de dilemas insolúveis em tudo e em todos. Na sociedade em que a cultura se reproduz como valor de classe, impera o descompasso entre a história e a memória. Assim, o ato de criação do novo traz em si, quer se queira ou não, a marca originária da ambiguidade, matéria por excelência de boa parte do que nos cerca. Segundo Antonio Candido, a análise da produção cultural deve ser entendida tendo como fulcro a "natureza específica do Brasil" (35), isto é, as particularidades e as aberrações que foram criadas ao longo do processo de formação social e econômica. Assim, é através dessa expressão, uma verdadeira categoria mediadora, que devemos entender as relações nada lineares dos homens de cultura com as instituições criadas pela oligarquia paulistana nos anos trinta. Em uma palavra, para entendermos essas relações temos de partir da natureza específica

do intelectual na sociedade brasileira: afinal, o que significa o esforço do intelectual excluído do mercado de trabalho e simultaneamente dependente de algum posto no seio do Estado?

No Departamento de Cultura, juntamente com Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Paulo Duarte, Sérgio Milliet ocupou o cargo de diretor da divisão de Documentação Histórico e Social, onde reformulou a Revista do Arquivo Municipal. Uma constelação de homens de cultura já vista no movimento modernista de 22, mas que, pela primeira vez assumia postos de comando na órbita da política cultural. Num depoimento dado nos anos 60, Sérgio Milliet relembra que o sentido das instituições criadas nos anos trinta era percebido pelos intelectuais como o paradigma de "uma Civilização que não se constroi sem quadros intelectuais verdadeiros e que cumpre formá-los dentro do próprio ambiente em que terão de agir, na obra do conhecimento de uma realidade e de sua afirmação em seu mais alto nível" (36). Formulando sua concepção de missão do intelectual indica, na verdade, o drama da permanente instabilidade social, onde o intelectual é obrigado a entender o presente, ao mesmo tempo, em que se alteram os parâmetros da sociedade. Para Milliet, a questão da formação da cultura está diretamente vinculada com a criação de uma mentalidade técnica do intelectual. Na sua concepção, é preciso vasculhar a origem do mal-estar da civilização brasileira para, assim, entender a desventura do homem de cultura, parte desenraizada no ambiente em permanente estado de recomposição. Na inexistência efetiva da nação, repousa a explicação do círculo vicioso que promovia o caráter fragmentário do

trabalho do intelectual e a pouca utilidade de seus esforços. Logo, seu argumento corre no sentido da construção da nação, via reforma educacional dirigida pelos homens de cultura.

Para essa geração, abusando aqui do risco da generalização, o conhecimento pragmático dos males nacionais era necessário para a efetiva construção da nação, como também, para o estabelecimento das condições de existência do trabalho intelectual. É nesse ambiente, que desponta a consciência técnica do intelectual, fundada no duplo esforço de partir e manter um compromisso ético na ação e no conhecimento das questões nacionais urgentes. Num artigo escrito no final dos anos trinta sobre Sérgio Milliet com o título *Noção de Responsabilidade*, Mário de Andrade efetua um balanço significativo da conduta ética presente no esforço de conhecimento do intelectual. Partindo de uma questão sobre o desaparecimento de alguns dos antigos modernistas que participaram da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade repensa o movimento juntamente com as questões políticas e sociais dos anos trinta:

É que todos eles não desapareceram exatamente, nem foram devorados pela vida, e sim devorados pelo interesse das realizações coletivas (...) Quantos deles sabem, exatamente, o que querem fazer e buscaram com honestidade os elementos de cultura e experiência que lhes permitissem realizar a própria personalidade com toda força e na exata expressão do seu destino?

E, de modo mais enfático, expõe o sentido do trabalho intelectual que acredita ser necessário desenvolver no momento:

Imagino que uma verdadeira consciência técnica profissional poderá fazer com que nos condicionemos ao nosso tempo e o superemos, o desbastando de suas fugazes aparências, em vez de a elas nos escravizarmos. Nem penso numa qualquer técnica, antes, confio na potência moralizadora da técnica. E salvadora...Mas se o intelectual for um verdadeiro técnico da sua inteligência, ele não será jamais um conformista. Simplesmente porque então a sua verdade pessoal será irreprimível. (37)

Na crítica de Mário de Andrade, falta aos homens de cultura a honestidade necessária para viverem os dramas impostos pela sociedade. Desterrados na sua própria cultura e no seu tempo, vivendo como "verdadeiros robinsons" os problemas sociais que também são seus, acabam por não possuir a força necessária para o empenho crítico de entender e superar os dilemas da realidade brasileira. Para Paulo Arantes, surgia no curso confuso dos anos trinta "uma espécie de imperativo ético da *intelligentsia*, fundado numa aliança de honestidade artesanal e empenho público na formação da nacionalidade" (38). Arriscamos dizer que, em tal problemática, a construção do conhecimento técnico mais do que um esforço dirigido no sentido de traduzirem as abstrações que permeavam a expressão "realidade brasileira", significava também uma possibilidade de manifestação da própria existência do intelectual, peça solta e fora do eixo no complexo tabuleiro nacional. Uma técnica, que partia do sentimento de honestidade para consigo mesmo e para com o desolador quadro da realidade que lhe parecia estranha e caótica. Um sentimento iluminado, que procurava estruturar as noções abstratas, como as de objetividade, moral e nação com a tarefa de desenvolver e, em larga medida, criar a

cultura brasileira. Logo, uma dupla inquietação (ou destino do intelectual em sociedades periféricas e atrasadas?), onde a busca da revelação da identidade nacional está ligada com a afirmação da própria identidade. Uma procura de si mesmo, que não pode ocorrer sem rupturas com os modelos explicativos do passado.

Nesse contexto, Milliet estabeleceu um crescente ritmo de pesquisas socio-culturais, que foram corporificadas nos livros *Ensaio e Roteiro do Café e outros ensaios*. Como já afirmamos, para bem entender o sentido do ensaísmo praticado por Milliet, é preciso ter em mente que foram escritos a partir do clima geral de aventura cultural e política em curso na cidade de São Paulo. Seus ensaios resultam, assim, da mobilização intelectual que reunia antigos desejos dos modernistas, professores estrangeiros recém-chegados e uma oligarquia que proporcionava o financiamento dos espaços físicos e das condições necessárias para a criação das escolas de ensino superior. Nesse jogo, todo ele de regras imprecisas entre o que se desejava *a priori* e a dinâmica das instituições culturais, a cultura era movimentada, criada e repensada, ora com avanços fundamentais, ora com retrocessos quase definitivos. De certo modo, o interesse de Milliet desenvolvido nos ensaios é comum aos intelectuais que vivenciaram a aventura dos anos trinta: tratava-se da reforma do Brasil através da educação, pela construção de argumentos objetivos que pudessem ajudar na tarefa de superação da rigidez com que se apresentavam os problemas nacionais. Uma aventura, que pela sua dimensão e complexidade, trazia em si a polêmica e o dissabor da desventura.

Seus ensaios possuem, portanto, a mesma estrutura e profundidade, ditadas pela fôrma das modernas ciências humanas ministradas nos cursos das Escola Livre de Sociologia e Política. O clima geral de reformulação da cultura que se respirava em São Paulo, incentivava o surgimento de um tipo refinado de pensador social, que procurava pensar novas hipóteses para velhos problemas da realidade brasileira. Em linhas gerais, seus livros são marcados pelo sentimento abusivamente paulista, que modelava boa parte de seus argumentos. Para Sérgio Milliet, a cidade de São Paulo aparece tanto como sendo a força fomentadora de modernas instituições culturais, como um verdadeiro paradigma a ser esclarecido e decifrado pelo resto da nação. Há uma espécie de ampla imposição da cidade na sua reflexão, que o impelia rumo ao esforço de assimilar o passado para renovar o presente. Em seu pensamento, podemos vislumbrar os contornos da mudança de mentalidade que se processava na cidade de São Paulo. Desse modo, descreve uma extrema valorização da importância de São Paulo para o resto do país:

Os movimentos triunfantes de hoje prendem-se pelas raízes aos movimentos de S. Paulo (...) A diferença entre o intelectual paulista e o das outras regiões do Brasil está nessa vontade realizadora que ele possui em grau mais elevado (...) Em São Paulo nascem instituições, movimentos coletivos. O senso paulista da realização utilitária, do aproveitamento social da inteligência, empurra os seus intelectuais para o campo da aplicação, tanto quanto possível imediata, de seus ideais. Todos descem à arena das lutas políticas e educacionais. São professores, pesquisadores de sociologia e de história, diretores de repartições culturais e institutos científicos. Invadem todos os domínios da realização: Departamento de Cultura, Universidade. Sob sua orientação ou com a sua colaboração eficiente nasceram as sociedades de Etnografia e

Folklore, de Sociologia, de Geografia; incentivaram-se as publicações históricas e as revistas científicas; sistematizaram-se as pesquisas sociais; formaram-se as bibliotecas populares e os parques infantis; abriu-se ao povo a possibilidade de uma educação musical mais completa; encorajaram-se as exposições de artes plásticas.(39)

Na leitura da frase, uma verdade salta aos olhos: trata-se de uma manifestação ideológica em estado puro. Em cada linha, é visível a expressão de um "ethos paulista", o que sugere uma regressão na antiga tônica dos seus trabalhos desenvolvidos na revista *Terra Roxa* (40). Se quiséssemos exprimir o problema em termos psicanalíticos, a sentença é fruto de um relaxamento do super-ego do autor, plenamente ocupado pelo desejo de ser e exercer um fundo paulista de hegemonia cultural. Todavia, há uma explicação mais sólida e datada historicamente que pode nos ajudar a justificar o sentido da cólera de Sérgio Milliet. A longa exposição feita em tom conclusivo das conquistas paulistas realizadas, pode encontrar justificativa na medida em que a crescente política de intervenção da ditadura do Estado Novo esterilizava o trabalho da política cultural desenvolvido no Departamento de Cultura. Logo, o ranço paulista da exposição é causado pelo efeito da expulsão de Mário de Andrade, da demissão forçada de Rubens Borba de Moraes, do exílio imposto à Paulo Duarte, que entre outras coerções marcavam o final dos esforços de democratização da cultura que efetuaram por dois anos. Na escrita de Milliet, o passado recente é valorizado no que representou de conquistas democráticas, expostas um a uma, como parte do projeto mais avançado de proliferação da cultura no Brasil.

Contrapondo a "vontade realizadora" do paulista e o processo de retalhamento efetuado por Vargas, dá a dimensão do espírito do tempo em curso: trata-se do ressurgimento da instabilidade social e da política paternalista. Escrito no momento emblemático do golpe de 1937, suas palavras também exprimem um pretenso delírio de grandeza do paulista. Todavia, são frases que, antes, revelam o profundo estado de impotência e de angústia próprio dos derrotados na disputa hegemônica.

No mesmo momento que a ditadura de Getúlio Vargas alcançava pelo poder com o golpe de 1937, as realizações desses intelectuais também atingiam seu ápice. No mesmo ano, Milliet é enviado para representar o Departamento de Cultura no II Congresso de Populações em Paris: nesse encontro entre as principais cidades mundiais, as conquistas e criações do conjunto de intelectuais paulistas recebe uma menção honrosa. O reconhecimento internacional do trabalho desenvolvido chegava juntamente com a melancolia da política de esvaziamento e destituição ríspida dos seus criadores-diretores e pelos processos de esvaziamento-esquecimento de verbas. Para Milliet, estava em curso uma nova e mais forte manifestação da "miséria moral" e da política autoritária e golpista. O momento prazeroso deixava de existir, dando novamente lugar ao conhecido sentimento de debilidade. Nessa conjuntura, o ensaísmo assumia a forma do dever moral, expondo a necessidade de manter o pouco da vitalidade que restava na missão de esclarecer e divulgar. Talvez, seja nesse sentido que, no meio dos seus ensaios, escreva uma discreta imposição do dever do intelectual, em que afirmava que "é preciso prosseguir e trazer a público as coisas

mais áridas também" (RC,151). Logo, recolocado na solidão originária, ressurgia o imperativo moral que forçava o intelectual na tarefa de colocar no devido lugar as peças soltas do tabuleiro nacional, embaralhadas pela mão forte do golpe de Vargas.

Convencido de que somente pelo entendimento objetivo da realidade "suja" e da denúncia dos mandos e desmandos dos donos do poder, é que se poderia pensar na construção de uma nova sociedade, Milliet termina o decênio como um pensador social. Como tal, chega a afirmar que "não posso negar que para o conhecimento dos processos sociais e, principalmente, históricos-sociais, a única rota a seguir-se é a da ciência. É a da sociologia" (DC.I:219). Sociologia americana quer dizer, e se quisermos ser mais claro, da Escola de Chicago ensinada nos cursos da Escola Livre de Sociologia e Política. Como afirmam Antonio Candido e Roger Bastide, em textos já mencionados, a sociologia ocupa um papel de destaque na vida de Sérgio Milliet. No próximo capítulo, pretendemos desdobrar as indicações dos autores, na seguinte perspectiva: a sociologia como nova forma plástica de expressão do autor. Desse modo, o "período sociológico" deve ser entendido tanto como consequência do processo político e social quanto uma extensão das preocupações que desenvolvia sobre a finalidade do trabalho do intelectual e do artista. Para Sérgio Milliet, a razão do processo de conhecimento sociológico, como da obra de arte, é o compromisso ético de aperfeiçoamento e democratização da cultura. Desse modo, tal conhecimento ajuda na tarefa primordial de "rever os

valores de nossa literatura, colocar os indivíduos em seu tempo e esmiuçar-lhes as mensagens" (41). Sociologia, portanto, que privilegia a problemática da cultura, que visa *recordar* e reinterpetar o passado em busca de um novo presente.

4- A sociologia como pressuposto teórico da atividade crítica.

No item anterior procuramos apontar as condições históricas que provocaram a participação de Sérgio Milliet na criação e gerência das instituições educacionais e culturais na cidade de São Paulo. Cabe agora, falarmos da influência que a Escola Livre de Sociologia e Política, a Universidade de São Paulo e o Departamento de Cultura tiveram no ideário de Sérgio Milliet. Para isso, retornamos à abordagem dos livros *Ensaaios* e *Roteiro do Café* com a intenção de mostrarmos a importância do ensaísmo como pressuposto para a atividade crítica que Milliet desenvolverá nos anos quarenta. Desse modo, afirmamos desde já que a sociologia é a ponte que liga o ensaísmo socio-cultural com os *Diários Críticos*, principal obra de Sérgio Milliet.

A sociologia aparece de forma mais consistente no ideário de Milliet após o período ativo de participação na Escola de Sociologia e Política e na direção da Divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura. A organização de recenseamentos demográficos,

documentos, atas, cartas, mapas que efetuou como diretor, principalmente na tarefa de reformular a *Revista do Arquivo Municipal*, resultou na descoberta de uma série de questões políticas, sociais e econômicas carentes de sentido e de divulgação. Assim, a versatilidade de temas trabalhados nos ensaios de Milliet é uma consequência direta da descoberta desses documentos que eram mantidos no limbo do esquecimento pelo descaso das administrações anteriores. Na ampla produção de ensaios socio-culturais encontramos análises originais sobre o caminho percorrido pela economia cafeeira no Estado de São Paulo ao lado de estudos sobre a prostituição feminina na Colônia e abordagens refinadas de pintura e literatura. Mais do que uma manifestação eclética, tratava-se de um esforço de divulgar o passado recente e o momento atual para o leitor.

Na leitura dos ensaios escritos no final dos anos trinta, dois pontos chamam logo a atenção do leitor atento: primeiro, a preocupação do autor em citar e usar abusivamente de dados estatísticos e documentos de época para comprovar seus argumentos e, segundo, uma tendência para a polemizar e discutir com os livros afins recém-lançados. No *Roteiro do Café* Milliet desenvolveu um estudo sociológico centrado na construção de gráficos e dados estatísticos levantados com o auxílio das modernas técnicas de pesquisa das ciências humanas. Sua intenção principal foi a de procurar entender a relação existente entre os movimentos demográficos e a economia cafeeira no interior de São Paulo desde 1886 até 1935. Sua perspicácia maior foi a de relacionar a voracidade da extração econômica com o apogeu e a queda

das cidades que cresciam em torno da cafeicultura. Nos *Ensaio*s, Milliet tratou de temas socio-culturais efetuando vários diálogos com os principais autores do momento como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Roberto Simonsen, Emilio Willens, Donald Pierson, Samuel Lowrie, entre outros. Nesses debates podemos entender tanto a sua preocupação com os problemas sociais do momento, quanto o seu modo particular de inserção na cultura, a disposição crítica.

Para Antonio Candido, na leitura da obra de Sérgio Milliet importa entender a "penetração com que comentou e situou a produção sociológica e histórica de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Roger Bastide e Emilio Willens" (42). Para alcançar nosso objetivo, vamos nos restringir na abordagem da crítica sociológica de Milliet em apenas dois autores: Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Desse modo, esperamos demonstrar os valores e noções que direcionavam o curso do seu ensaísmo crítico. Nos livros de ensaios já citados e nos *Diários Críticos*, Sérgio Milliet efetuou um extenso diálogo com a obra de Gilberto Freyre, criticando algumas das suas posições e idéias, embora sempre procurando ressaltar a importância fundamental do autor no pensamento social brasileiro. Todavia, na crítica de Milliet à Caio Prado Júnior não ocorre o mesmo e poderíamos afirmar que existe uma certa incapacidade de nosso autor para entender as propostas de Caio Prado Júnior, muito embora tenha, por vezes, deixado expresso a valorização de seus trabalhos. Através da abordagem crítica de Milliet desses dois autores principais do pensamento brasileiro esperamos poder revelar a importância e os limites de sua atividade crítica. Vejamos um por um.

No seu livro *Ensaio*, Milliet inicia afirmando a mudança de clima cultural que se processava na sociedade brasileira, colocando que:

Apresentando a nova coleção da livraria José Olímpio, "Documentos brasileiros", cuja publicação se iniciou com o livro de Sérgio Buarque de Holanda, alude Gilberto Freyre "à ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira". Tocou o sociólogo nordestino no ponto sensível. Está de fato na preocupação dos escritores mais moços a pesquisa dos acontecimentos históricos, do ponto de vista sociológico e economicista. (43)

Na crítica de Milliet a importância de Sérgio Buarque de Holanda e de Gilberto Freyre está na disposição mental de refletir a realidade brasileira a partir de novas idéias e conceitos da sociologia moderna. A valorização desses nomes é justificada pelas obras realizadas que contribuíram para ampliar o conhecimento das relações entre o passado e o presente. Segundo Milliet, era preciso descongelar as fórmulas dogmáticas e as certezas absolutas que ainda reinavam intocadas, pois no mundo moderno não há lugar para isso. Sua crítica se dirige principalmente à categoria realidade brasileira "que ninguém explica com clareza e encerra tudo o que se quiser" (E.52). Logo, a valorização de Sérgio Buarque de Holanda e de Gilberto Freyre reside na fertilidade da ação desenvolvida, no vigor da análise que remove as antigas concepções colocando nos seus lugares novas indagações e questionamentos da sociedade brasileira. Em outras palavras, a fortuna que vê no lançamento das obras *Raízes do Brasil* e *Casa Grande e Senzala*, é a força do espírito objetivo e científico, da inspiração que possuíram para aprofundar o conhecimento e para propor novos

ângulos interpretativos para a chamada "realidade brasileira".

Nos *Ensaaios*, Milliet crítica o livro *Nordeste* de Gilberto Freyre iniciando uma certa polêmica, menos com o próprio autor do que com os seus seguidores. Para Milliet, a exposição da formação racial e econômica exposta pelo autor tende a dar ao Brasil uma figura por demais regional. Para Milliet, a generalização da formação social brasileira acaba por esconder algumas questões econômicas e sociais importantes, como o peso da imigração no processo de assalariamento da economia cafeeira, a questão da formação racial, entre outras. De modo geral, Milliet parte de uma posição que privilegia São Paulo no processo de desenvolvimento e formação da sociedade brasileira, principalmente para o que ainda estaria por vir na esfera da política.

Numa frase significativa afirma que:

O que constitui um perigo para a nacionalidade não é a mistura maior ou menor de sangue estrangeiro, nem a proporção mais infima da influência ameríndia ou negra. É isso sim, e em grande escala, a anarquia cultural em que vivemos (...) É necessário fazer alguma coisa; muito mesmo pelo Brasil brasileiro (...) Este trabalho é demorado, exige pesquisas lentas e de pouco brilho e se opõe tenazmente a qualquer sistema preconcebido, bem como à aplicação a todo o território nacional das observações realizadas em determinadas regiões sujeitas a condições especiais.

E, sendo mais enfático e perspicaz, afirma a sua crítica, nas palavras:

A julgar pelos estudos do grupo de sociólogos chefiados pelo Sr. Gilberto Freyre, a fusão das três raças se processou harmoniosamente naquela região do país. O resultado seria um tipo de mestiço sadio, alto, magro, longilíneo, de pele morena, com qualidades indiscutíveis de inteligência, resistência e coragem. Sobre esse tipo de brasileiro extasia-se o Sr. Gilberto Freyre, como para fazer dele o modelo ideal da nacionalidade. Entretanto

se se aferisse o homem do Sul pelo espécime descrito, seria ele classificado entre os estrangeiros (...)

As formações sociais diferentes, explicáveis pela influência da imigração, pela diversidade de trabalho, pelo meio fisiográfico, não podem ser padronizadas entre nós.

O que o Sr. Gilberto Freyre fez para o Nordeste precisa ser feito no Sul, em São Paulo e em Santa Catarina, no Rio Grande e no Paraná. O conhecimento da realidade e que nos mostrará os remédios para os enquistamentos e os caminhos da nacionalização eficiente do país. (44)

As várias questões levantadas por Sérgio Milliet, contrárias a idéia de que houve uma fusão racial homogênea e harmoniosa, convergem para o problema da formação da nação. A análise de Milliet é lúcida para indicar a falsidade da tese da democracia racial num país onde o negro sobrevive nas piores condições de trabalho e habita os lugares mais infelizes. Lançando mão dos dados estatísticos que levantara no período do *Departamento de Cultura* e na *Escola Livre de Sociologia e Política*, inicia uma desmoldagem do mito da democracia racial e das teses racistas sobre a debilidade fisiológica do negro. Desse modo, partindo de um estudo que fez na companhia de Bruno Rudolfer sobre as péssimas condições de trabalho dos lixeiros na cidade de São Paulo, conclui afirmando que a posição social "desses verdadeiros párias" está diretamente relacionada com a condição racial. Numa outra pesquisa, sobre o elevado índice de natimortos de cor na cidade, coloca que a causa deve ser procurada na vida miserável dos pais e dos cortiços. Desse modo, afirma que a discriminação existe em todo país e é agravada pelos fatores políticos e sociais, mesmo nos lugares onde economicamente ela poderia ser eliminada:

Sendo São Paulo o mais rico Estado brasileiro, e o que maiores oportunidades oferece, é natural que para ele se encaminhem os deserdados de outras regiões. Há uma grande imigração de pretos e negros para o falaz Eldorado paulista. Vêm na esperança de melhorar a vida, mas aqui os espera uma rigorosa seleção social bem mais terrível do que todos os males de suas terras de origem. O peneiramento destrói os mais fracos e empurra os que ainda conseguem resistir cada vez mais para baixo até estraçalhá-los por seu turno. (45)

No interior da questão racial, Milliet está novamente trilhando o penoso caminho da inexistência da nação. Como dissemos anteriormente, esse é o verdadeiro dilema que padece todo homem de cultura quando remexe algumas das camadas complexas da matéria local. Se quiséssemos ser mais ousados, poderíamos dizer que esse dilema é uma condição inevitável da sociedade de capitalismo tardio. Ao homem de cultura cabe a tarefa incessante de acertar seus ponteiros com o imprevisível relógio nacional que, todavia, é alterado a cada fluxo e refluxo do capitalismo mundial. A crítica de Milliet, que acerta quando coloca a questão da formação econômica e cultural diversa dos outros estados da federação, também fica presa nos dilemas do que chamou de "anarquia cultural em que vivemos". Sua crítica também sofre da incapacidade de vislumbrar os limites da nação, principalmente quando tem que dar conta da abstração chamada sociedade brasileira. Para Milliet, a solução dos encaixes e das questões que promoviam a "anarquia cultural" deve sair de um projeto que promovesse uma verdadeira e eficiente nacionalização. Na leitura da frase, fica na boca do leitor o gosto da indicação de um processo de nacionalização comandado por

São Paulo. Assim, o que está velado na crítica à Gilberto Freyre é o desejo de reverter o quadro político complexo esboçado pelo Golpe de 1937.

Na conjuntura ameaçadora que se abria no horizonte, onde os arrochos policiais e as censuras ideológicas patrulhavam o cotidiano com ferocidade, Sérgio Milliet procurou exercer com mais convicção a atividade crítica. Nos *Diários Críticos*, escritos a partir de 1940, a sociologia e a crítica serviam como uma espécie de couraça espiritual, que impedia a perda do que mais estimava, a capacidade de exercer de forma sensível a racionalidade.

Vejamos agora, como Milliet se posicionou frente aos estudos sociológicos de Caio Prado Júnior. De início, convém afirmar que não havia a distância social e física com Caio Prado Júnior, como a que havia em relação ao pernambucano Gilberto Freyre. Milliet vivia na mesma sociedade paulistana a que pertencia juntamente com Caio Prado Júnior, onde frequentavam os mesmos lugares da moda e de prestígio. Entretanto, podemos dizer que há uma grande distância de idéias entre eles, de modo que, na maioria das críticas de Sérgio Milliet à Caio Prado Júnior reina uma certa incapacidade de entendimento e um silêncio difícil de ser entendido. Nos *Ensaios*, publicados em 1938 não há referência alguma ao livro *Evolução Política do Brasil* que foi lançado, como se sabe, em 1933; no *Roteiro do Café e outros ensaios*, encontramos apenas duas citações feitas de passagem e sem nenhuma discussão. Como podemos entender a ausência do crítico? É evidente que não podemos exigir de Milliet o julgamento de toda produção artística

e sociológica do período, mas não em relação a alguém que participava notoriamente da vida pública e dos mesmos movimentos da sociedade.

A relação mais concreta de Sérgio Milliet com a obra de Caio Prado Júnior somente vai ocorrer nos anos quarenta nos volumes iniciais dos *Diários Críticos*. No primeiro volume, Milliet escreve uma crônica criticando a mania de comparações classificatórias entre as obras e autores que, via de regra, esquecem de entender o que há de específico e original em cada livro. Nesse sentido, estabelece o critério de "obra ponderável", dizendo:

Em oposição da mania classificatória eu coloco o critério de obra ponderável. Vale as que merecem comentários e na medida em que os provocam (...) Ora o livro de Caio Prado Júnior, "Formação do Brasil Contemporâneo" é por todos os motivos uma obra ponderável. Nem melhor nem pior que "Casa Grande e Senzala". Diferente.

E, sem entrar em detalhes sobre as diferenças entre Caio Prado Junior e Gilberto Freyre, conclui nos limites do seu critério dizendo:

Nela algumas qualidades podem já ser postas em relevo: a excelente seleção do material; a clareza meridiana da exposição; o espírito de síntese; a sobriedade e a serenidade do comentário (...) O primeiro volume da obra de Caio Prado Júnior assim se apresenta, pois, cheio de qualidades. Por que então falar em promessa? Porquê estamos ainda no limiar do edifício. Na exposição preliminar de onde se desenvolverá a obra em sua complexidade total. (46)

A despeito da valorização qualitativa da obra e da previsão meio profética de que Caio Prado Júnior iria ocupar no futuro um posto maior na história do pensamento social, porquê motivo todo esse interesse do crítico não se desenvolveu nas outras obras que formavam o "edifício" teórico de Caio Prado Júnior? Acreditamos que a resposta

desta questão, possa estar contida na substancial diferença de projetos políticos no seio da sociedade paulistana. Desse modo, numa frase importante, escrita em plena ditadura de Vargas, Milliet expondo o valor do clima cultural de São Paulo em contraste com o das outras regiões, destaca:

(...) a construção de uma mentalidade técnica e científica, movimento universitário, incremento dos estudos sociológicos e econômicos. Caio Prado Júnior, rapazes do "Clima", etc. Haveria ainda que demonstrar na análise das diversas formações regionais que São Paulo constitui uma exceção à regra em geral, e certo sentido extremamente importante. (47)

Na passagem citada, acreditamos que Milliet valoriza a produção de Caio Prado Júnior enquanto contribuição sociológica, científica e cultural, no sentido lato do termo. Todavia, na medida em que a própria teoria contém germes explosivos, que apontam para um salto qualitativo nas estruturas sociais e econômicas, ocorre uma quebra na apreciação crítica de Milliet. Nesse ponto, Milliet sempre se posicionou como um liberal, temeroso de aventuras políticas sangrentas e imprecisas, onde o futuro idealizado pode ser pior que o abundante mal-estar do presente. Como várias vezes repetiu no conjunto de sua obra, "defendo a democracia como único regime político dentro do qual podem os demais problemas, inclusive os econômicos, ser resolvidos satisfatoriamente, isto é, sem a perda das conquistas já alcançadas pelo homem, em especial as da liberdade, dignificadoras do cidadão" (DC.III:144). Se estamos corretos, a profunda divergência de projetos políticos resultava numa espécie de dificuldade ideológica presente na maioria das críticas de Sérgio Milliet da obra de Caio Prado Junior.

Como ponto de convergência, ambos possuíam a ânsia de compreender as abstrações políticas e sociais existentes na sociedade brasileira. Por fim, uma última especulação sobre a dificuldade de Sérgio Milliet em relação à obra de Caio Prado Júnior: talvez ela esteja menos nos limites da obra do que nas particularidades subjetivas que não são fáceis de entender e nem de explicar. Com toda a certeza, causava enorme embaraço aos homens de cultura da sociedade paulistana, que embora urbanizada e em processo de modernização ainda mantinha seus laços de provincianismo de classe, o fato de Caio Prado Júnior ser filiado ao Partido Comunista e freqüentar como todos a boa vida proporcionada pela posição social aristocrática que possuía. Uma pista, quem sabe.

NOTAS

(1) Prado, P. - *Paulística* in *Província & Nação*, coleção Documentos brasileiros, v.152, Conselho Editorial de Cultura, São Paulo, 1972, p.17

(2) Candido, A. in Paulo Duarte (org) *Mário de Andrade por ele mesmo*, p.XV-XVI.

(3) A respeito da idéia da força imperativa, que empurrava os intelectuais rumo a participação na política partidária, ver Mário de Andrade em "Noção de Responsabilidade" in *O Empalhador de Passarinho*, Martins, São Paulo, 1972, 3aed.p.24 s. No artigo, Mário de Andrade escreve sobre o livro *Ensaio* de Sérgio Milliet, mas desenvolve uma espécie de acerto de contas com os anos trinta; numa frase cheia de ironia e contestação, afirma que:

Me lembro mesmo de uma das reuniões preliminares da formação do Partido Democrático, quando ainda o velho conselheiro Prado hesitava em comprometer-se nele. Na casa de Paulo Nogueira Filho formávamos quase exclusivamente uma repetição da Semana de Arte Moderna. Eu seria o decano entre os presentes e por certo o único que descrevia daquilo tudo. Mas ninguém falou de literatura, nem poesia, escarrou-se ódio ao regime, descreveu-se lutas políticas, sonhou-se um caminho melhor para o país, voto secreto. Eu mudo, imensamente insulado no ambiente. Que era confortável e com ótimo uísque. E, com efeito, a política empolgou em seguida todos aqueles intelectuais disponíveis.

No ressentimento da mudança de ânimo dos modernistas voltados, no momento, para as disputas políticas, existe um depoimento extremamente significativo sobre a disponibilidade do intelectual. Nas palavras de Mário de Andrade, a geração modernista é toda ela envolvida pela sombra da vida vazia, na qual os interesses não conseguem ser forjados em projetos efetivos. Entre a ironia da boa bebida e a amargura pela falta de perspectivas concretas no cotidiano, o dito de Mário de Andrade sobre o intelectual sem representatividade e em constante disponibilidade assume um cruel dilema; o do intelectual que perdeu sua sombra, antes de ser alcançado pelo sol do meio-dia. Insulado em si mesmo e no interior da sociedade, o sonho adquire no seu cotidiano status de prazer perpétuo.

O mesmo parece ter ocorrido com Milliet, na qual a participação política é marcada por concessões morais e por uma dificuldade em sentir-se como parte ativa do movimento; em Roberto, sobre a participação na revolução de 32, afirma que:

Nessa atmosfera de loucura coletiva jogava-se dentro de Roberto uma terrível partida (...)perma-

necia indeciso, oprimido ainda pela covardia de externar com sinceridade o que se passava dentro dele. Partir era ceder a pressão exterior, ficar era sentar-se no banco dos réus, dos "embusqués". A ferocidade dos sentimentos populares, alimentada habilmente pelos demagogos, não tinha mais limites. A emulação continuava levava a população inteira a um estado de espírito apaixonado que explodia a todo instante e melindrava sua sensibilidade de artista e agravava sua fobia pela multidão. Certa vez uma moça o apostrofou, ao vê-lo sem farda:
- Vista saia!

Uma confissão do inconfessável, no momento em que a neurose da revolução ainda estava plasmada na atmosfera carregada da cidade de São Paulo. No interior da neurose de guerra, o indivíduo perde os poucos traços de autonomia que mantém com a sociedade, tendo que escolher entre a submissão aos desejos da maioria ou a insegura afirmação da sua sinceridade; uma escolha difícil, mas que demonstra a ambigüidade que reinava absoluta nos anos trinta.

(4) Candido, A. - "O Escritor e o Público", in *Literatura e Sociedade*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 5ª edição, 1976, p.84.

(5) Candido, A. - *A passagem do dois ao três* in *Revista de História*, n.º 100, v.L, tomo III, p.793.

(6) A frase é de Adorno, desenvolvida no texto *Sobre la pregunta: Qué es alemán?*, in *Consignas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1973, p.100.

Usamos a idéia de Adorno, para indicar uma particularidade própria de países atrasados e de desenvolvimento desigual do capitalismo. Nossa tentação, que esperamos poder se justificar, reside na seguinte frase:

(...) na medida em que as malhas da rede civilizatória, do aburguesamento, não foram tecidas tão cerradamente como nos demais países europeus, uma reserva de forças naturais conservou-se indomada nesse país. Ela suscitou tanto o imperturbável radicalismo do espírito quanto a possibilidade permanente de uma regressão.

Mudando o que deve ser mudado, a permanente possibilidade de regressão também faz parte da conturbada história do capitalismo brasileiro. Se não, como podemos explicar a tendência de regressão ao autoritarismo presente nos acontecimentos decisivos da sociedade brasileira? Assim, acreditamos que, em parte, a idéia de Adorno pode

ser utilizada para explicar tanto o excludente processo de modernização conservadora, quanto a neurótica relação que possuímos com o passado. O rápido esquecimento da barbárie pretérita cometida nos séculos de escravismo, e mais ainda a que se comete no presente, demonstra a pressa que toda elite têm em passar por cima dos problemas nodais da má-formação da sociedade. Voltando ao tema do trabalho, a pergunta de Adorno, "O que é alemão?", também é extremamente recorrente no ideário do homem de cultura no Brasil. De certo modo, no contínuo questionamento do que somos, repousa o sono tranqüilo, protegido pelo limbo do esquecimento, da hermética estrutura de dominação e coerção.

(7) Schwarz, R.- *Ao vencedor as batatas*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1988, p.21.

(8) Nogueira, M.A.- *Os anos trinta*, in *Revista Perspectivas*, UNESP, São Paulo, n.911, 1988, p.93.

(9) Ver Antonio Candido "Prefácio", in Miceli, S.- *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, Difel, São Paulo, 1979, 1aed., p.x.

(10) Milliet, S. - *Marcha à ré*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, 1aed., p.16-17.

(11) Idem, ibidem - p.177 s.

(12) Milliet, S.- *Naturezas Mortas*, in *Revista Terra Roxa*, nº1, p.3.

(13) Milliet, S.- *Diário Crítico*, 2aedição, São Paulo, Martins, v.5. p.247.

(14) Milliet, S.- *Marcha à ré*, p.192.

(15) Idem, ibidem - p.176 e 193.

(16) Idem, ibidem - p.26.

(17) Idem, ibidem - p.187 s.

(18) Na trajetória de Sérgio Milliet, a noção de responsabilidade do intelectual foi constantemente debatida. Na frase seguinte, de alto teor sintético, nosso autor revela sua preocupação com o sentido do trabalho intelectual:

Compete-nos orientar uma geração e isso é, em verdade, coisa que não se pode ser tolhida pela codificação avoenga, em nome de pseudo tradições ou pela loucura dos estadistas.

Ver *Marcha à ré*, p.205. Para uma análise comparativa com Mário de

Andrade, ver *O Movimento Modernista* (nesse texto, Mário de Andrade escreve sobre sua geração, afirmando que: "uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento político social do homem"). Na idéia comum de formação do homem, reside a vocação que ambos exerceram da ética missionária na reforma que se inicia na cultura com vistas para a da construção da nação.

(19) Mário de Andrade in *Cartas a Murilo Miranda*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981. p. 14 (carta de 26-04-35).

(20) De Mário de Andrade ver *Cartas de Mário de Andrade a Alvaro Lins*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1983, p. 64-67. De Sérgio Milliet ver prefácio de Roberto, L.Niccolini & Cia, São Paulo, 1935, p.5-6.

(21) As citações de Mário de Andrade correspondem respectivamente aos textos "Tristão de Ataíde" e "Luiz Aranha ou a Poesia preparatoriana", ambos contidos no livro *Aspectos da literatura brasileira*, conf. p.8 e p. 49-50.

(22) Mario de Andrade - in "Tristão de Ataíde", *Aspectos da literatura brasileira*, p.10

A idéia do nada, deve ser entendida pelo clima de derrota e de decepção que tomou conta de São Paulo. Para reforçar essa noção, numa carta escrita em 1933 para Paulo Duarte, Mário de Andrade, afirma que:

Pois é, Paulo não tem semana em que tudo não fique de prontidão, Valdomiro pede socorro, você vai passar numa rua, "não pode" fala uma carabina tendo por detrás um gaúcho, um cabeça chata. Quando não tem o pior de tudo neste mundo, o vomitório araxendo, a imundice punga, um mineiro!!! Arre, que essa palavra não devia pousar na minha pena triste! Vivemos na angústia. E às vezes na vergonha também. Feliz você meu Paulo, que masca o guaraná fortificante e duro da miséria e do exílio, não vive, feito nós, entre ódio, vergonha, e nojo.

Um depoimento extremamente complexo, rico em contradições de ordem subjetivas e objetivas; um sentimento paulista valorizado ao limite, que destoa das preocupações de Mário de Andrade com a questão da cultura nacional que sempre valorizou (vide polêmica com Milliet e Antonio de Alcantara Machado em *Terra Roxa e outras terras* na década de 20) na sua crítica. No clima da derrota, tal sentimento paulista não podendo ser recalçado, acaba por cobrar todo o seu direito de existência duramente reprimido. Um trecho importante, revelador de dilemas e de angústias que, possivelmente, não se circunscreveram nos limites daqueles curtos anos.

(23) Andrade, M.de - "O Movimento Modernista" in *Aspectos de Literatura Brasileira*, p.254.

(24) Milliet, S.- *Diário Crítico*, Livraria Martins Editora S.A., 2ª edição, vol.II, 1981, p.8.

(25) Lins, A. - "Na Primeira Linha da Vanguarda", in *Poesia Moderna do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed.de Ouro, 1967, p.48.

(26) Bastide, R.- *Brasil, terra de contraste*, Difusão européia do Livro, São Paulo, 5ª edição, 1973, p.15.

(27) Andrade, M.de - *O Empalhador de Passarinho*, p.41.

(28) Na idéia de Roger Bastide, a sociologia surgiu na trajetória de Sérgio Milliet como um meio e não como um fim; idéia importante, que demonstra a noção de responsabilidade que procurou sempre manter acesa na sua concepção de mundo. Um outro ponto importante levantado, é o teor prático que a sociologia proporcionava aos seus praticantes. Para Milliet, a sociologia não aparece como uma escolha profissional, nem como um mero diletantismo ou hobby, ao contrário, seu valor está na aproximação que possibilitava para o conhecimento objetivo dos problemas da realidade brasileira.

Em especial, conferir o trecho:

Serge Milliet allait être conduit à la sociologie, non point par curiosité intellectuelle, mais par une sorte de nécessité intérieure. Non point dans un but théorique, mais dans un but pratique, pour mieux servir son pays et son peuple. C'est pourquoi il devait s'y livrer avec tant de vraie passion et mettre au service de cet amour nouveau tous les dons de son intelligence critique.

Ver Roger Bastide, "Histoire d'un amour déçu", in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura, v.XXXI, 1972, São Paulo, p.32 s.

(29) Sobre a fundação da Universidade de São Paulo, Antonio Candido, num depoimento dado recentemente, afirma que a idéia de criação da universidade nasceu do projeto político dos setores mais esclarecidos da classe dominante paulista; sobre a participação central de um dos membros principais dessa classe, afirma que:

Julio de Mesquita Filho disse mais de uma vez que eles desejavam que São Paulo, derrotado pelas armas em 1932, recuperasse a sua força através da cultura. É curioso que, numa espécie de paranóia de classe, ele compara a situação de São Paulo com a situação da França depois de derrotada pela

Alemanha em 1870, como se fosse um país. Acho que essa é a versão mais próxima da realidade: um projeto político, a fim de equipar o Estado com os instrumentos necessários para ela assumir em nível elevado a liderança da Federação.

Na frase sobre a posição de Julio Mesquita Filho, Antonio Candido abre uma porta importante para a compreensão das conseqüências subjetivas e objetivas da derrota paulista nas revoluções da década de trinta. Na idéia de paranóia de classe, podemos encontrar os motivos ocultos que movimentaram uma parte substantiva do pensamento social na década de trinta. Um sentimento, que tornou-se comum na vida social e afetiva no seio da inconformada inteligência, perplexa com a situação de intervenção política e militar. Uma paranóia que procuramos demonstrar no primeiro capítulo desta tese, na figura simbólica de Paulo Prado em *Paulística* e nas contradições de Mário de Andrade, Sérgio Milliet e de Antonio de Alcantara Machado na revista *Terra Roxa*. De certo modo, falta ainda ser desenvolvida uma história da paranóia e da neurose, produzida nesse período pela perda aparente do poder hegemônico político, que se estendeu por todo estado de São Paulo. Um outro aspecto relevante, seria o estudo da dinâmica própria do sentimento paulista, notadamente paulistano. Tal sentimento, que dificilmente é despertado de seu sono, poderia esclarecer, em larga medida, as dificuldades que o pensamento sente ao ser obrigado a dar conta dos limites da **nação**.

Conferir *O Estado de São Paulo*, caderno "Cultura", de 19 de junho de 1993, p.2.

(30) Sérgio Milliet "Meu depoimento" in Edgar Cavalheiro (org.) *Testamento de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, 1ªed., p.241 s.

(31) Candido, A. - *Generosas Obsessões*, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, nº40, 1979. Ver também no mesmo número o artigo de Florestan Fernandes *Evocação de um passado recente*, que corre na mesma linha do artigo de Antonio Candido. Sobre a ação de Paulo Duarte, Mário de Andrade, Sérgio Milliet no Departamento de Cultura, Florestan Fernandes afirma que:

O Brasil, com sua débil burguesia conservadora, revelou-se um triturador de talentos. Fala-se muito na "mediocridade média satisfeita". O que é essa mediocridade média satisfeita só se descobre através desses homens, que poderiam ter sido agentes de uma revolução cultural "dentro da ordem". O País não acompanhou os seus ritmos e os seus passos, porque as elites conservadoras ou brecharam o carro ou tiravam o tapete de baixo de seus pés.. Todos eles são "homens de êxito", "personalidades representativas" e intelectuais realizados", pelo padrão corrente. No entanto, há um abismo entre o tentaram fazer e o que poderiam ter feito.

(32) Duarte, P. - *Mário de Andrade por ele mesmo*, op cit, p.59 s.

(33) Ver Candido, A. - "Feitos da Burguesia" in *Teresina etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, 1ªed., p.102 s. e o prefácio do livro *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)* de Sergio Miceli, p.ix.

(34) Schwarz, R.- *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1988, 3ªedição, p.31.

(35) Ver nota 5.

(36) Apud Paulo Duarte - in Sérgio Milliet, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura, v.XXXI, 1972, São Paulo, p.19

(37) Propomos, aqui, a leitura conjunta dos textos de Mário de Andrade "Noção de Responsabilidade" e "Elegia de Abril". Por tratar de temas que se completam, usamos para tentar revelar o sentido do trabalho intelectual desenvolvido por Milliet (assunto do primeiro texto) como para indicar uma intensa aproximação de ambos na questão do intelectual.

(38) Arantes, P.E. "Jean Mangué e a USP" in *Novos Estudos Cebrap*, março 1989, nº23, p. 153.

(39) Milliet, S.- *Ensaíos*, São Paulo, Brusco, 1938, 1ªed., p.179-182.

E' interessante efetuarmos uma comparação entre a fala de Milliet e alguns trechos significativos do manifesto de criação da Escola Livre de Sociologia e Política em 1932:

(...) falta em nosso aparato de estudos superiores um cento de cultura politico-social capaz de inspirar interesse para o bem estar coletivo (...) e de formar personalidades capazes de colaborar eficaz e conscientemente na direção da vida social. (...) há exemplos de grandes civilizações construídas sem base na instrução popular, mas não há exemplo de civilização alguma que não tenha tido por cimento elites intelectuais sábias e poderosamente constituídas.

(40) Ver capítulo 1, item 5.

(41) Milliet, S.- *Diário Crítico*, vol.I, p.151.

(42) Candido, A.- *O Ato Crítico*, p.135.

(43) Milliet, S. - *Ensaíos*, p.49.

- (44) Milliet, S. - *Roteiro do Café e outros ensaios*, p.130-131.
- (45) Idem, *ibidem*. - p.138.
- (46) Idem, *Diário Crítico*, vol.1, p.76-77.
- (47) Idem, *ibidem*, vol.1, p.185.

CAPITULO III

O DIARIO DO "HOMEM-PONTE"

O ser humano sente a pressão, a força expropriadora das categorias sociais sobre sua vida, com maior prejuízo e hostilidade nunca visto em formações sociais de outros tempos (...) Os homens que viveram a época imperialista perderam toda perspectiva, tanto com respeito a sociedade quanto de sua própria existência no seu interior. Esta ausência de perspectiva faz desaparecer na vida qualquer possível diferença entre o essencial e o aparente.

Lukács, G. *Thomas Mann*

Nos meados dos anos trinta, a atmosfera de intolerância e autoritarismo que emanava do interior da Europa indicava o rumo nefasto no curso da história. A profunda derrota da democracia na Alemanha, Itália e Espanha, o gigantesco crescimento das forças de opressão, dos mecanismos de introjeção engendrados para ressaltar a disposição autoritária do homem moderno, revelavam, cada qual, o quanto o ser humano é capaz de recriar os meios para a própria destruição. A "economia de armamentos" largamente desenvolvida, verdadeira espinha dorsal da política econômica totalitária, somente poderia resultar na eclosão de uma nova guerra mundial. Enquanto a guerra não explodia de fato, nas paisagens das grandes cidades européias era comum a presença dos exercícios militares nos parques públicos, as instruções dirigidas a população civil sobre a maneira correta de refúgio contra bombardeios aéreos, de ofertas econômicas de máscaras contra gases asfixiantes. O simulacro da guerra, plasmado no cotidiano, revelava fazer parte de um simulacro ainda maior e mais profundo, o da vida. Na crise generalizada do presente, talvez a única convicção que possuía o debilitado indivíduo era a de não viver como

outrora viveram seus antepassados. Os obscuros pactos políticos e militares, a linguagem agressiva entre os países imperialistas e as crises econômicas aumentavam a sensação de uma Europa sem futuro, esgotada e sombria.

As experiências degradantes e o clima demoníaco do passado recente foram esquecidos, ignorados pela debilitada memória do sujeito sem nenhuma perspectiva própria. A barbárie amplamente renovada pelos países imperialistas, que era movimentada aceleradamente através das novas criações de poderosas forças destrutivas, reforçava a visão da história como um "imenso matadouro" (1). As avassaladoras ondas de aniquilação que sacudiam violentamente a Europa arrastavam o sentido de vida na direção do abismo da loucura. No centro do processo político de destruição de valores e idéias, o indivíduo isolado na multidão não avistava superfície segura onde pudesse alcançar algum refúgio. No interior do mundo em ruínas (2), o ser humano experimentava novamente o dissabor da presença do medo e da morte. Estamos falando, portanto, no tempo de destruição no qual a vida foi assustadoramente reduzida à dimensão primária da luta cega pela sobrevivência imediata, pessoal, primitiva. Quem, vivenciou algumas das brutalidades contidas nas relações sociais coercitivas, trouxe no seu espírito as lesões pelas violências sofridas e, principalmente, a sensação de acaso por ter sobrevivido. Aqueles que, mesmo de longe, respiraram a atmosfera da guerra, conservaram o medo da repetição do passado. Em comum, podemos dizer que nas memórias desses indivíduos reside o drama vivido pela impotência efetiva do homem frente as transformações estruturais da sociedade moderna.

O início assustador da segunda guerra mundial reascendeu no cotidiano a presença das angústias já vividas nos anos da primeira guerra mundial. A geração que na adolescência vivenciou os horrores cometidos nas trincheiras e a atrocidade dos gases venenosos foi, na fase adulta, novamente marcada pela ampla destruição, agora produzida por tanques e aviões de bombardeio. A extensão da morte não natural, na qual a "natureza" não participava diretamente do confronto comandado burocraticamente pelos funcionários públicos e executado com requinte e prazer pelos civis e militares, está profundamente registrada e presente no interior desses homens. Não poderia ser diferente, na medida em que foram obrigados a viver as fases mais decisivas da vida em épocas bestiais, caóticas. Os que cresceram espremidos por duas guerras mundiais retiveram na memória a coerção dos imperativos nacionais pelos quais se sacrificaram, as comoções subjetivas que foram submetidos, os dramáticos rompimentos de idéias e valores contraídos e cultivados ao longo da vida. Cada um desses acontecimentos vivenciados reiterava, à sua maneira, o trauma pela ruptura brutal da segurança e dos direitos constitucionais que formavam a estrutura da sociedade moderna.

Nesse sentido, vale a pena nos determos num depoimento significativo sobre a fragilidade das vontades e dos desejos individuais perante as transformações da sociedade moderna. Recordando o clima cultural existente na França entre as duas guerras mundiais, Sartre afirma que:

No século do avião e da eletricidade, não acreditávamos estar expostos à surpresas nefastas. Não nos parecia que estivéssemos *em vésperas* de algum fato. Ao contrário, tínhamos o vago orgulho de nos

sentir no dia seguinte do último assombro da história. Embora nos inquietávamos por vezes com o rearmamento da Alemanha, nós nos imaginávamos engajados sobre um longo caminho reto e tínhamos a certeza que nossas vidas seriam unicamente tecidas de circunstâncias individuais, balizadas pelas descobertas científicas e reformas acertadas. A partir de 1930, a crise mundial, o advento do nazismo, os acontecimentos na China, a guerra na Espanha, nos abriram os olhos. Parecia que o solo iria desaparecer sob nossos pés e, repentinamente, para nós também começava o grande escamoteio histórico (...) E nossa vida de indivíduos, que parecia haver dependido de nossos esforços, virtudes e erros, da nossa fortuna e infortúnio, da boa ou má vontade de reduzido número de pessoas, se mostrava governada até nos seus menores detalhes por forças obscuras e coletivas. (3)

Na história dos tempos modernos, poucas foram às vezes em que o desnível histórico, cultural e econômico entre os países foram diminuídos, reduzidos a um ponto de convergência que os tornavam, de certo modo, razoavelmente contemporâneos. Na frase de Sartre, não obstante tratar-se de um depoimento pessoal ou de uma visão de mundo, podemos encontrar os pressupostos subjetivos e objetivos que formariam uma ampla atmosfera mundial, na qual os indivíduos de diferentes ideologias e religiões estariam presos num mesmo destino. O rompimento abrupto do ideal de felicidade e a crescente dúvida quanto ao sentido do progresso técnico não era uma sensação particular de Sartre, mas daqueles que acreditavam viver os anos trinta como contemporâneos de seu prazer e donos de seus destinos. Compreende-se os motivos que formavam a sensação de posse quase absoluta da felicidade, pois essa foi a geração que recebeu a indesejável "herança" dos escombros da primeira guerra mundial. Afinal, os homens que cresceram tendo que conviver com as conseqüências sociais e históricas das atrocidades cometidas na primeira grande manifestação da barbárie, desenvolveram a

convicção e a esperança que tais fantasmas da infância, vindos do "último assombro da história", estavam definitivamente exorcizados de suas vidas. Logo, para esses homens a frustração pela ruptura repentina do ideal de progresso e da vida representava um sentimento comum de desespero e impotência frente ao destino.

O abuso de Sartre da pluralidade do pronome é indicativo dos círculos de forças políticas e econômicas que se formavam para conter e dominar toda e qualquer manifestação de particularidade. Apesar das diferenças culturais e econômicas entre os países mais avançados e atrasados, era impossível evitar a presença da força bestial que reduzia e uniformizava os limites do presente, promovendo a sensação mundial de ocaso da vontade e da potência do indivíduo. De certo modo, a intenção de Sartre é a de mostrar como a violência desenfreada no curso da história estilhava as singularidades históricas impondo uma sensação de presente abrangente e unitária. As gigantescas dimensões alcançadas pelas catástrofes causadas na segunda guerra mundial e a incerteza dos rumos da história transformaram o cotidiano das pessoas num imenso vazio, que tudo incluía e triturava.

Quando estudamos aqueles que foram, de alguma maneira, condenados a viver o tempo demoníaco das duas guerras mundiais, o que mais nos chama a atenção são as reflexões desenvolvidas sobre o empobrecimento das experiências e da esperança. Em tais homens, o esfacelamento da sociedade socializada por padrões democráticos produziu um amargo e ambíguo sentimento em relação à sombra do amanhã, ao que poderia vir a acontecer. De certo modo, existe uma tendência a encarar o devir com desconfiança e temor, como se não houvesse mais espaço para a

felicidade e a espontaneidade, restando ao homem moderno a metamorfose numa espécie de vigilante noturno do outro. É interessante notarmos a proximidade das sensações de debilidade e falta de perspectiva nos que viveram o processo de ruptura do presente destruído pelas mesmas forças técnicas que, alterando a finalidade bélica, poderiam criar um mundo melhor para uma vida mais feliz e justa.

Na frase seguinte, onde procuramos traçar uma comparação entre Sartre e Milliet, podemos observar uma descrição similar do crescente processo de impotência no indivíduo que, paradoxalmente, vive cada vez mais sem perspectiva no interior do progresso técnico e material:

Para nossos pais, a felicidade foi o progresso. Havia identificação de conceitos e uma certeza sólida do homem em constante evolução...para o bem. A nós coube algumas dúvidas sérias: vivemos a guerra de 14 e verificamos a que ponto tudo era frágil e oco. Nossas concepções da felicidade e do progresso entraram em choque violento após as violências dos gases asfixiantes, das mortandades insuperáveis das batalhas do Somme, de Champagne, os milhões de "gueules cassés", etc. Aos moços de hoje ainda sobram ilusões e entusiasmos (...) É verdade que a guerra atual deve também ter aberto brechas, difíceis de se fecharem, em suas convicções. As possibilidades técnicas voltam-se com a mesma facilidade para o bem e para o mal. (4)

A semelhança de depoimentos reside no fato concreto da redução do espaço e da autonomia do indivíduo na sociedade moderna. Aos milhões de "mutilados de guerra", aqueles que trazem no próprio corpo a fúria do tempo, Milliet acrescenta os milhares de mutilados mentais que sofreram no espírito o violento impacto da atmosfera mundial de destruição. É interessante observarmos o esforço de desalienação na escrita de Milliet e na de Sartre, com o qual procuraram manter a lucidez numa conjuntura internacional que dilacerava as convicções e

que impunha nas suas vidas a presença insuportável de Verdum, Somme, Champagne, Auschwitz, Dresden, Hiroxima, etc. Nesses homens, podemos dizer que a crítica procurava ser tanto um instrumento de ação do intelectual, quanto uma testemunha que não poderia emudecer frente ao acumulo desenfreado da barbárie no cotidiano.

Na luta sem fim que travaram, cada qual com sua arma, para cicatrizar as feridas abertas pelo tempo de destruição, surgia, ao mesmo tempo, uma disposição para socializar seus juízos de gosto e de valor para as gerações futuras, numa clara intenção de evitar que a humanidade esquecesse a face bestial que possui. Assim, importa entender como conseguiram escapar da queda na loucura, onde muitos caíram para não mais sair, encontrando na crítica a força criativa que recordava o passado recente com vistas a um outro tipo de vida e de presente. Logo, os que conseguiram reelaborar as reminiscências do que viveram, acabaram por transformar-se numa espécie de testemunha crítica do que o homem é capaz de realizar quando a razão é adormecida pelas forças obscuras no cotidiano. Como participantes dessa tragédia, e não importa aqui o teor do desempenho nem a duração do ato, tiveram a possibilidade de refletir de perto uma face da história moderna que se estende até nossos dias: a ameaça de extermínio total do inimigo do dia, exposta em abundância, pelas forças de destruição que crescem ao infinito.

Sérgio Milliet é uma testemunha, como inúmeras outras, da geração que viveu o drama das duas guerras mundiais. Uma testemunha, portanto, que se constituiu sobre os escombros da vida arrasada em seus mais seguros alicerces. Na estrutura da sua personalidade, as constrições

avassaladoras provocadas pelo "novo" princípio da realidade nunca repousaram esquecidas ou caíram no silêncio vazio. Toda a sua capacidade de trabalho funcionava através dos exercícios diários de reflexão, onde com todo ardor buscava refletir-se juntamente com as lembranças do que já não podia mais existir. Procurando sempre confrontar-se com os imperativos de seu tempo, mesmo nos momentos de ruptura das certezas mais sólidas que possuía, manteve a convicção na reflexão crítica que deveria nascer diariamente. Como uma forma de sobreviver e reverter a crescente impotência diante da violência das transformações estruturais escrevia poemas, ensaios e diários com a intenção de manter-se lúcido para não ser arrastado e triturado por sua época. No que se segue, pretendemos entender o posicionamento de Milliet perante a atmosfera da segunda guerra mundial, sua concepção de mundo e valores. Importa, portanto, reconstituir o sentido do seu **ato crítico**, principalmente o desenvolvido nos dez volumes dos *seus Diários*, e que o levou a tornar-se uma espécie de referência intelectual para as novas gerações.

Na primeira guerra mundial, como descrevemos anteriormente, Milliet vivia na Suíça onde combatia à carnificina das trincheiras com homens da importância intelectual e moral de Romain Rolland. Na eclosão da segunda guerra mundial, amargurava em São Paulo a vitória da ditadura do Estado Novo. Como vimos nos capítulos anteriores, no decorrer das décadas de vinte e trinta, Milliet procurou penetrar com vigor na dura realidade local, participando de movimentos culturais e políticos com o desejo de promover alguma democratização na cultura. No entanto, nesses anos, a presença da Europa também foi uma constante

nas suas reflexões e lembranças mais emotivas. Apelidado pelos amigos como "o suíço", lembrava sempre dos anos de formação cultural européia que nunca foram esquecidos de sua memória. Falamos, assim, pois queremos destacar a presença de "uma face paulistana tão marcada quanto a face internacional" na sua concepção de mundo, como afirmou Alfredo Bosi (5). Em tal idéia, procuramos apoiar nossos argumentos para tentar demonstrar a posição privilegiada de Milliet na vida cultural de São Paulo. A formação e a experiência européia, que o livrava da ânsia local por fórmulas e modismos importados, estabelecia os parâmetros de uma sólida base cultural para o desenvolvimento da sua consciência moral como homem de cultura. O permanente estado de ânimo voltado para assimilar e reordenar os acontecimentos cruciais do passado recente, contribuiu para a formação de um arguto observador de seu tempo. Uma consciência inquieta, que camuflava seus dramas pessoais no cumprimento do dever missionário de esclarecer o sentido da sociedade brasileira, que "destrói os mais fracos e empurra os que ainda conseguem resistir cada vez mais para baixo até estracalhá-los por seu turno" (RC:138).

Acreditamos que na noção de dupla faceta esteja a maior fortuna da crítica de Sérgio Milliet. Não pretendemos, com tal noção, indicar que a face nacional seja a negação da internacional, ou vice-versa. Ao longo do seu itinerário, podemos entender que tais faces faziam parte do mesmo elo formado na história. No seu itinerário intelectual dois momentos marcaram profundamente o seu espírito, a eclosão da primeira guerra mundial e o movimento modernista de 1922. Do primeiro, reteve a dura convicção de não viver para saborear os prazeres de uma "época

feliz", mas de estar contido num tempo transitório, efêmero, que impunha ao homem moderno a presença da barbárie e da inquietação. Do segundo, passada a fase heróica, buscou valorizar a força libertadora do movimento que rompeu os limites do atraso local, resultando na renovação mental que tornou possível a "poesia de verdade, a prosa brasileira, o romance nordestino, a vida, a expressão da vida, a arte" (SH.:44). Assim, o impiedoso canto do cisne visto de perto na Suíça, que desmantelou o ideal de construção de uma civilização universal e homogênea que teria como protoforma a hegemônica cultura européia, possibilitou a elaboração do espírito de libertação, com o qual ajudou a renovar a concepção da arte na sociedade periférica e mal-formada.

Na sua consciência, grosso modo, esses acontecimentos fazem parte da dupla face de Janos que formava a sua personalidade. Na primeira face, estão acumulados as reminiscências da consciência que presenciou os horrores da vida esfacelada pelas guerras mundiais. Na face ao lado, está a força mental libertadora do movimento que revitalizou a dimensão da cultura no Brasil. Foi através da permanente reflexão desses paradigmas que Milliet desenvolveu a sua contribuição para a ampliação do raio de ação da cultura na sociedade brasileira.

Com a ajuda de Sérgio Milliet, procuramos também entender um pouco do modernismo e da lógica da sociedade brasileira no século XX. Nosso objetivo foi o de demonstrar que a força da geração de 22 está presente no drama do tempo diabólico em que viveram. Numa frase provocante, afirmando a importância dos homens que realizaram o movimento modernista, Antonio Candido escreve:

(...) a respeito de uma geração decisiva para o desenvolvimento da cultura no Brasil. Raras vezes

esta conheceu uma série equivalente de homens que pensaram tanto no seu destino e definiram com tamanho empenho os seus rumos quanto os homens nascidos entre mais ou menos 1890 e 1905 (...)
Embora as circunstâncias de ordem social sejam decisivas, elas só se configuram em produto significativo e atuante segundo a carne e a mente dos homens que vivem o processo social. (6)

Nessa geração, da qual tomamos Sérgio Milliet como representante e paradigma, o processo indicado por Antonio Candido inicia-se com as consequências objetivas e subjetivas da guerra mundial de 1914-1918. A ruptura brutal do ideal europeu de civilização eixo e alvo normativo das concepções de mundo de então, lançaram os jovens poetas e artistas brasileiros para a árdua tarefa de arar com as **próprias mãos** o solo da história que ficara destroçado pela fúria do capitalismo moderno. Nossa hipótese, vai na direção de que a fortuna dessa geração reside em ter crescido no interior do trágico tempo regido pelo imperialismo, no qual as várias formas nacionais (do mesmo Thanatos enlouquecido) disputavam o domínio do mundo. A destruição cega e insaciável que emanava da Europa acabava por encurtar a distância histórica da sociedade brasileira para com o presente, o moderno, enfim, para os problemas do tempo. Acreditamos, portanto, que a tônica da geração modernista, dos homens que nasceram entre 1890 e 1905, deve estar contida nas fendas históricas e subjetivas abertas pela ruptura temporal de 1914. Nesse sentido, muito do que esses homens sofreram e pensaram como homens desse "tempo destrutivo", pode estar presente no dito perturbador de Freud, escrito sob o impacto da primeira grande guerra:

Suportar a vida é, e sempre será, o dever primeiro de todos os homens (...)
Recordemos a antiga sentença *Si vis pacem, para bellum*. Se queres conservar a paz, prepara-te para a guerra.

Seria atual modificá-la, do seguinte modo: *Si vis vitam, para mortem*. Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte. (7)

No rumo nada linear da geração modernista, que vivenciou as mais importantes transformações estruturais que inauguraram o século, o primeiro dito freudiano poderia assumir os seguintes termos: se queres possuir liberdade, prepara-te para a destruição contida no tempo. Todavia, após a luta por posições e pela conquista da liberdade de expressão que alcançaram na fase heróica do movimento, tiveram que se adaptar ao ritmo descompassado que emanava da sociedade brasileira. Desse modo, passada a fase de combate e afirmação, o segundo e mais cruel dito freudiano, poderia assumir nas suas vidas, a seguinte fórmula: se queres suportar a vida na sociedade brasileira, prepara-te para a impotência. No itinerário de alguns dos principais participantes do modernismo, a impotência assumiu as formas da constrição do trabalho burocrático, da inexistência ou dos escassos direitos profissionais do trabalho intelectual, da cooptação pelo Estado, entre outras. Na fala de nosso autor, a certeza de viver numa sociedade "dia a dia mais hostil à liberdade do indivíduo" (DC.II:235) o levava a tarefa de lutar pela **manutenção** da conquista da liberdade de expressão do escritor e artista. Com os trágicos acontecimentos nacionais e internacionais do final dos anos trinta, que tornavam ainda mais árdua a tarefa de suportar os limites do presente, Milliet sentia a obrigação de conservar os direitos alcançados no passado. Na atmosfera mundial, que negava tanto as possibilidades objetivas quanto a capacidade subjetiva para a existência da liberdade e da vida no presente, conservar o pouco que restava intacto do patrimônio da

humanidade era a tarefa primordial que deveria ser exercida dia-a dia.

Como veremos a seguir, na problemática conjuntura nacional e internacional que anunciava de forma dramática o início dos anos quarenta, a série de depoimentos e testamentos dos antigos modernistas revelavam uma tentativa de restaurar a força da mentalidade crítica de outrora. Para alguns deles, o estado de ânimo que tiveram em 1922 para romper com as amarras do atraso e apontar para um novo presente deveria, mais do que nunca, ser reativado. Como se o olhar crítico do passado fornecesse as armas para combater e suportar os dilemas do presente. É o que veremos a seguir acompanhando a trajetória de Sérgio Milliet (8).

1- O ato crítico no clima da segunda guerra mundial.

Em 1937 Milliet viajou para Paris, enviado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, para participar do Congresso de Populações. No regresso, trouxe consigo uma série de impressões a respeito da profunda crise institucional que alterava a atmosfera da Europa. Com o olhar atento nas cenas do cotidiano, vê nas ruas de Londres e Paris a dissolução dos desejos e projetos individuais nos preparativos nacionais para a guerra eminente. No ensaio que chamou de *Ares da Europa*, revela a passividade das pessoas em meio aos exercícios de torpedos no Tâmesa, as instruções diárias dos jornais sobre como comportar-se em caso de bombardeio aéreo, as crises econômicas que encareciam a vida. Retrata, portanto, quadros de uma atmosfera viciada que pairava sobre a Europa de forma assustadora. Todavia, ao mesmo

tempo que via os espectros fantasmagóricos da guerra assumirem contornos definitivos no horizonte, sentia a alucinada preocupação das pessoas em "viver intensamente, numa correria, numa ânsia de gozo imediato, que nada coíbe" (E.:230). Na sua reflexão, a Europa que conhecera na juventude, na qual fora formado e da qual recebera as noções de educação e valores culturais, não existia mais, cedendo lugar para um continente de intolerância social e radicalismo político. Desse modo, escreve com o intuito de chamar a atenção dos leitores para as conseqüências mundiais do ritmo do tempo ditado pela loucura. Sobre a decomposição de valores e sentimentos que sentia nas ruas, afirma:

Não se acredita no futuro. Vive-se o momento presente (...) Presença da Europa!

Para os que, como eu, acreditaram nela e jogaram, desde a adolescência, dentro das regras que ela ensinava ao mundo, para os que a viram, ainda há quinze anos, capaz de apaixonar-se por problemas literários ou artístico, o contanto com a Europa atual infunde um sentimento de pavor e de melancolia.

Pobre Europa!

Decadente, maltrapilha, louca, perigosa, breve será preciso isolá-la para que não se contagie à nossa mocidade ingênua.

Desdobrando, assim, seus argumentos na sentença:

A Europa é hoje um continente em formação, com violência e desânimos, com aventuras, misticismos, caudilhos e demagogos (...)

A Estrela Polar e o Cruzeiro do Sul se equivalem agora: desnorteiam o viajante incauto. Vive a Europa, como nós, de tentativas e experiências, que podem dar certo como as nossas e, como as nossas falhar. São bilhetes de loteria.(9)

Na "era das tiranias" (10), como chamou Elie Halévy o intervalo entre a primeira e a segunda guerra mundial, reinava a mais completa ofuscação na vida e na consciência das pessoas. Os grandes movimentos

políticos de massificação, fenômeno moderno que mais caracteriza o período, promoviam os processos de identificação cega e a idealização plena com os modelos de comportamento e autoridade. O aperfeiçoamento das técnicas de controle pelas doutrinas que disputavam a dominação do sentido da história, ressaltavam a disposição já existente à passividade objetiva e subjetiva presente no debilitado ego do homem moderno. Afinal, para os homens que viviam atomizados no pequeno círculo da vida sem princípio nem fim, como não se sentir atraído frente a uniformização das roupas, ao quinhão de poder delegado ou pela grandeza monstruosa da arquitetura de Speer?. Como poderia esse misero animal humano, que mantinha intacto no seu interior muito do animal e pouca coisa do homem, recusar o convite de ser parte do império de mil anos que lhe era ofertado? Uma vertigem como de quem olhava do mais fundo abismo para o céu, sentia o indivíduo em relação ao poder acumulado dos grandes conglomerados econômicos e pelo Estado moderno. Para aqueles que acreditavam fazer parte do nada, o que era efetivamente comprovado por suas vidas miseráveis, o processo de idealização da figura do líder não encontrava força de resistência nem reprovação. Como poderia o ser humano atomizado e sem vontade própria, evitar a alucinação do "encanto pelo poder" (11) entoado nos discursos para as multidões pelas sereias modernas?

A extrema hostilidade das doutrinas autoritárias contra as minorias que foram escolhidas como inimigos e alvos para a ação mortal e prazerosa das massas ensandecidas, afastavam Milliet cada vez mais da Europa. As notícias internacionais sobre as perseguições políticas e dos constantes pogrons, levavam Sérgio Milliet a ampliar sua visão

da segunda guerra mundial como uma luta contra o caos que ameaçava indistintamente a tudo e todos. Na sua coluna no jornal *O Estado de São Paulo* e nos livros de crônicas publicados propõe a urgente necessidade de repensar o sentido das influências européias que eram assimiladas com fervor pelos agrupamentos radicais brasileiros. De certo modo, Milliet não se furta em comparar o momento atual de desintegração da Europa "louca", "perigosa", comandada pelos "caudilhos e demagogos" com o que ocorria sob o Cruzeiro do Sul. Como deixa claro na analogia dos astros, tanto a Europa quanto o Brasil padeciam da regressão política autoritária. As inúmeras derrotas da democracia e os incontáveis processos constritores da liberdade e dos direitos do homem moderno, impunham a Milliet o dever de combater o avanço desenfreado das diversas formas do radicalismo político e de autoritarismo que promoviam a barbarização do cotidiano.

É preciso deixar claro, que a idéia de afastamento das doutrinas hostis à democracia vindas da Europa não significava, de modo algum, um posicionamento a favor do isolacionismo político. Pelo contrário, seu propósito era o de conter o avanço do fascismo e nazismo no meio cultural brasileiro, tão fértil a propagação de idéias autoritárias. Como bem notou a crítica de Álvaro Lins, a proposta de Sérgio Milliet visava uma tentativa de "recriar a cultura da Europa" de modo a "aproveitar o seu patrimônio, dentro de um ritmo e continuidade, para a construção de uma cultura brasileira" (12). A atmosfera mundial de incertezas, na qual a barbárie livre e galopante transformava a Europa num "imenso matadouro", acabava por promover uma nova aproximação do Brasil com a hora atual do presente. A tragédia temporal aberta na

Europa conduzia os países que estavam na órbita do capitalismo para participarem mais diretamente do drama do momento, como se a ampla destruição dos valores e vidas promovesse uma espécie de *tábula rasa* no desnível histórico entre as nações. Isso não significa que nos tornávamos civilizados, modernos, nem que os nossos complexos problemas sociais seriam eliminados como na mágica do barão de Munchhausen, que almejava sair do lodo agarrando-se aos próprios fios de cabelo. Na verdade, com a extensão monstruosa da barbárie cometida pelos europeus na Europa, obtínhamos a licença espiritual para criticar o resto do mundo e para propor a construção de diretrizes próprias. Creio que é nessa direção que aponta Sérgio Milliet, quando escreveu sobre as influências do clima internacional da segunda guerra mundial no interior da sociedade brasileira:

Deram-nos demasiada liberdade, ensinaram-nos coisas demais para que aceitemos agora a renúncia; ao mesmo tempo porém a todo instante a vida nos mostra a que ponto a revolta é vã, a que ponto a anarquia é estéril e frágil (...)
O drama de "uma" sociedade põe em evidência o drama da Sociedade. (13)

Escrito num tom de angústia, como de quem sente a aproximação do horizonte nefasto da guerra, a frase de Milliet coloca algumas questões importantes sobre o período. Ao afirmar que o drama de uma sociedade revela o drama de todas as outras sociedades, põe o dedo em uma ferida mortal do século XX: afinal, qual é o sentido do progresso na sociedade moderna se as conquistas técnicas sobre a natureza servem tanto para melhoria da vida como para a sua poderosa, e talvez definitiva, aniquilação? O drama atual da sociedade moderna refletia para Sérgio Milliet a tendência mundial da impotência do homem moderno

frente ao contínuo processo de degradação da vida. Numa frase de grande extensão afirma que "o mundo caminha a passos de gigante para o esmagamento do indivíduo e o nivelamento satisfeito" de modo que "quaisquer revoltas já seriam hoje anacrônicas" (DC.I:108). Compreende-se o tom de amargura na sua frase, afinal como se poderia falar em esperança para os milhares de homens que já perderam a vida ou para aqueles que, violentamente desfigurados pelo "espírito do tempo" *, a vida não pode significar mais nada? Assim, no interior do tempo incognoscível, mas profundamente presente e sentido, é o destino do homem moderno que estava em jogo.

Para Milliet, o processo construtivo que reduzia os espaços e manchava de cores sombrias as vontades individuais impunha ao homem de cultura o dever de participar efetivamente do seu destino com objetivos concretos. Mais do que nunca era preciso salvar os valores culturais ameaçados de decomposição pelas deformações do homem na sociedade moderna. Quando a hora do mundo exige ação, quando não se pode sobreviver sem se posicionar energicamente contra os praticantes da intolerância, então somente a conduta crítica e responsável pode ser válida. Desse modo, Milliet afirma a necessidade imperativa do "trabalho de desenvolvimento do espírito crítico" (SH:9), que pudesse

* Tomo emprestada a idéia central de Adorno desenvolvida no livro *Minima Moralia*. Como se sabe, os aforismos escritos no exílio durante a segunda guerra mundial, procuram tecer considerações críticas sobre a vida prejudicada (como aparece no título *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben*). Numa passagem irônica e cruel, Adorno afirma que "Vi o espírito do tempo", mas não a cavalo, senão sobre asas, voando e sem cabeça" (Aforismo 33, *Longe do fogo*). No século vinte, o representante do tempo não pode "abstrair-se em pensamento" no processo de dominar o mundo, pois sendo um engenho mecânico não pensa, apenas executa.

delimitar algum espaço cultural para a manutenção das conquistas e capacidades do homem moderno. Nessa verdadeira utopia dos mutilados, daqueles que acorrentados não podem se libertar das amarras do seu cotidiano, Sérgio Milliet desenvolvia a lição sobre o comportamento do homem de cultura que apreendera na Suíça com Romain Rolland, nos anos negros da primeira guerra mundial. Um ensinamento que nunca deixara de refletir e que norteava a sua personalidade na defesa intransigente dos princípios humanitários universais, como a liberdade física e de expressão, a honestidade, a sinceridade, a civilidade e a justiça social. São esses os valores e por esses ideais de civilização que Milliet lutava diariamente, mesmo quando a escassez de esperança contornava a forma do intelectual "sem sombra"*.

Convém ressaltarmos que a idéia de regeneração moral e revisão de valores desenvolvida por Milliet fazia parte de uma generalizada constelação de homens de cultura que viam a segunda guerra mundial como uma luta entre a moral e a barbárie, a vida com liberdade e a servidão. Uma posição notória a respeito é a de Thomas Mann quando escrevia o *Doutor Fausto* no exílio americano. Em seu diário particular, onde retrata o longo período de depuração dos argumentos e os problemas conflituosos com o tempo histórico, afirma que a sua primeira intenção era "exprimir a situação da arte em geral, da civilização, encontrar o homem e seu espírito conforme a nossa época profundamente crítica". Nas páginas seguintes, discorrendo sobre a técnica de montagem do romance, revela que a sua preocupação principal

* O sentido original da expressão aparece no capítulo 2, com o qual nos sentimos livres de explicação.

foi a de "descrever a crise geral da civilização e da música em particular, que formavam o motivo fundamental de meu livro: a aproximação da esterilidade, o desespero inato predispondo o pacto com o demônio" (14). Como se pode sentir, os acontecimentos imprevisíveis da segunda guerra mundial colaboravam diretamente na composição e direção da narrativa do livro. O artista como o homem comum padeciam da ameaça mortal da esterilidade que pairava sobre suas cabeças a cada avanço e conquista das forças de dominação que desejavam congelar o rumo da história.

A catástrofe do mundo em ruínas proporcionava aos homens de cultura contrários a mentalidade do fascismo, uma disposição crítica em rever os valores, as idéias e os posicionamentos presentes no cotidiano gelatinoso, sem forma nem sentido precisos. É interessante notarmos que na periferia do capitalismo, onde os fluxos de composição e decomposição faziam parte da nossa própria constituição histórica, toda ela formada pelos processos de expansão e retração do capitalismo mundial, a disposição para a alternância era muito mais familiar aqui do que na Europa. De certo modo, a revisão e a defesa dos valores culturais eram praticados aqui com ardor pelos vários agrupamentos de escritores e artistas, como se em meio a demência do europeu passássemos a fazer parte da humanidade normal, dos que poderiam zelar pelo que restou da cultura universal. Se olharmos criticamente para as revistas literárias e para as colunas dos jornais, a questão da função social da arte e do papel do intelectual foram intensamente debatidas pelos homens de cultura. É nessa conjuntura que Mário de Andrade, numa entrevista para a revista *Diretrizes* afirma dramaticamente que "todos

somos responsáveis" pelo que ocorre na Europa, colocando, assim, a necessidade imperativa da participação do intelectual no interior do tempo destrutivo.

Na coluna do jornal *O Estado de São Paulo*, Milliet escreveu sobre várias temas e assuntos que giravam em torno das conseqüências da conjuntura internacional estilhada a partir de 1939. Para Sérgio Milliet, a penosa tarefa de pensar o momento, sob os escombros amontoados da vida em ruínas, era a maior virtude do homem de cultura. Assim, acreditava que a tarefa do homem de cultura era a de não se conformar nem temer "as revisões permanentes de valores, nem as prisões das gestapos ou ostracismos impostos pelos interpretes do 'status quo'" (DC.II:17). Desenha, portanto, o sentido da atividade crítica que se dirige ao passado com os olhos fixos no presente, que redime os valores culturais degradados pelos praticantes e defensores da barbárie. Um estado de ânimo crítico que combate tanto o totalitarismo efetivo do fascismo e o nazismo, quanto a política interna ditatorial da sua sociedade. Na frase acima, algumas farpas são dirigidas aos mentores e defensores do Estado Novo, ao DIP (a "gestapo" local controladora da cultura) e ao expurgo ocorrido no Departamento de Cultura de São Paulo responsável pelo ostracismo cultural de Mário de Andrade e o exílio político de Paulo Duarte. Desse modo, no início dos anos quarenta, Sérgio Milliet dirige todos os seus esforços para manter a lucidez diante das ruínas do edifício social abalado pelo autoritarismo interno e pela barbárie mundial.

Para não ser arrastado pelo encanto das sereias internacionais e nacionais, Milliet amplia a sua disposição crítica tanto na atividade

profissional quanto nos limites da sua vida privada. No início de 1940, começa a cultivar o hábito de escrever diariamente pequenas reflexões sobre acontecimentos do momento ou do passado recente, única forma de exercer o pouco que restava da autonomia e da liberdade espiritual. Falamos do ato de criação do *Diário Crítico*, principal obra de Sérgio Milliet reunida em dez volumes que cobrem os anos de 1940 a 1956. Para vários críticos como Roger Bastide, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado, Alfredo Bosi, os *Diários* representam a maior contribuição de Milliet para a democratização da cultura brasileira. Segundo Antonio Candido, nos diversos tomos da obra encontramos "um eu extremamente inquieto, que pensa a cada instante no outro" e que é capaz "de unir a reflexão íntima ao interesse pelos problemas do tempo" (15). Se bem entendemos, a disposição crítica presente nos diários é uma manifestação concreta da personalidade do autor, onde, portanto, devemos nos deter se quisermos entender a inserção da obra no seu tempo histórico. Como se sabe, a personalidade, uma vez constituída, age como um sistema, que conduz o indivíduo a aceitar e rejeitar os valores e idéias. Assim, poderíamos perguntar qual seria a finalidade da crítica num mundo que interpunha uma diferença quase absoluta entre indivíduo e sociedade? Para que servia um diário crítico num tempo que obstacularizava a qualquer perspectiva de renovação, seja ela objetiva ou mesmo subjetiva? Em uma palavra, como postar-se criticamente quando a "vida não vive" (16), sobrevive extremamente prejudicada num acaso dilacerador?

Acreditamos que na complexa conjuntura dos anos quarenta, a crítica de Milliet estava conjugada com uma disposição profundamente

moral e ética. A disposição ética é, mais do que nunca, transportada para o interior da postura crítica. Na conjuntura dilaceradora, a postura crítica conjugava o duplo esforço de reconhecer-se no seu trabalho e no mundo em que meramente *sobrevivia*. Desse modo, a personalidade de Milliet, toda ela avessa a sedução do dogma e do encanto do poder autoritário, encontrava na atividade crítica o refúgio para o exercício da moral. Senão vejamos:

Na nossa sociedade a ação política é não somente inevitável mas ainda avassaladora(...) O desenvolvimento da civilização complexa tende a substituir os valores éticos por outros de maior força disciplinadora, como os econômicos ou simplesmente policiais. É numa sociedade em que a moral não se liga ao interesse imediato do indivíduo, somente uma imaginação predisposta ao abstrato pode construir o necessário código de conduta.

Idéia que ganha maior consistência na afirmação da função social que o crítico deveria desempenhar:

Dia a dia mais se torna necessário rever os valores de nossa literatura, colocar os indivíduos em seu tempo e esmiuçar-lhes as mensagens. (17)

Com essas frases Sérgio Milliet expõe ao mesmo tempo os limites sociais e históricos de sua atividade crítica. Ao chamar a atenção dos homens de cultura para a necessidade de esmiuçarem suas mensagens literárias no seu tempo, de modo que assumam valores e concepções de mundo de forma clara e nítida, procura inserir a questão da política interna brasileira no centro do tempestuoso debate sobre a segunda guerra mundial. Seu intuito é o de imunizar a eclosão do fascismo e do nazismo no interior da sociedade brasileira, predisposta por natureza ao autoritarismo e ao golpismo. Convém ressaltarmos que Milliet escreve no tempo da ditadura do Estado Novo, sendo evidente o

exercício da auto-censura e a preocupação com o teor das palavras (18). Entretanto, em meio as considerações gerais sobre a segunda guerra mundial não deixa de disparar farpas na direção dos adversários nacionais da democracia e da liberdade. Quando ressalta a importância da revisão de idéias como a tarefa do dia da reflexão, onde posicionamentos políticos sejam esclarecidos e assumidos, afirma a crítica como uma arma de combate no cotidiano.

No limite, a questão de Milliet gira em torno da pouca existência efetiva da moral e dos direitos políticos nas relações sociais, o que interpunha uma diferença quase absoluta entre o indivíduo e sociedade. Um intrincado problema histórico que percorre toda reflexão que se debruça em algum ponto da matéria que forma a sociedade brasileira, e que se reproduz de geração a geração quase intacto, variando apenas o teor das contradições. O que está sendo questionado por Sérgio Milliet é a formação sempre instável e inconclusa da nacionalidade, labirinto por excelência em que padece a figura do intelectual. Um labirinto em mutação, que se aprofunda e aumenta em suas dimensões a cada novo processo de modernização conservadora comandado pelo Estado. Para Milliet cabia, portanto, ao pensamento abstrato a missão de renovar a atmosfera local e a mentalidade geral da população, evitando que a panacéia do totalitarismo vinga-se no meio apto e estimulante do Estado Novo.

No interior do tempo mundial de destruição e do Estado ditatorial brasileiro, a atividade crítica de Milliet assumia um contorno combativo e missionário cada vez mais nítido e conseqüente. Nesse sentido, poderíamos indagar o significado do exercício do pensamento

abstrato enquanto "código de conduta" do intelectual? Se não exageramos, pensava abstratamente os que não suportavam a vigência do clima ditatorial das prisões, da demagogia política, dos assassinatos, da barbárie, das guerras mundiais e que procuravam compor um novo mundo - outro, mas dentro dos limites da reflexão interior (19). Na conjuntura mundial, refletiam abstratamente os debilitados indivíduos expelidos dos seus países ou coercitivamente mantidos prisioneiros dentro de sua própria língua pelas herméticas estruturas de poder e dominação. Impossibilitados de participar como atores na aurora do dia, restava para tais homens o refúgio na lógica da noite onde, como se sabe, é possível refletir e ponderar criticamente a extensão dos passos tortos dados pela sociedade na luz do dia.

A perturbada marcha do mundo desnudava a triste figura do intelectual colocando-o numa impotência absoluta frente a manipulação do mito e a demência objetiva, como também revelava os limites da própria vida. As ondas avassaladoras de opressão e barbárie, que descobriam os micróporos de injustiça que formavam a sociedade moderna, realçavam a miséria do intelectual diante das poucas opções que lhe restavam. Não se podia ignorar que as bases da vida, os valores e as concepções de mundo, ruíam assustadoramente provocando a constituição de um enorme vazio que ameaçava a tudo e a todos. No curso dramático da segunda guerra mundial e da opressão interna da ditadura do Estado Novo, Sérgio Milliet encontra nos versos de Carlos Drummond de Andrade a "expressão honesta e profunda" (20) do dilema que envolvia o homem de cultura:

" o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão. "

Para Milliet, a riqueza do verso está na profundidade que o poeta conseguiu descer, mordendo no nervo a questão que afetava não só o homem de cultura mas enlaçava todos os indivíduos num destino em comum. Os motivos que Carlos Drummond de Andrade trabalha, o drama da solidão e o refúgio limitado que serve como prisão, são universais mas refletiam um momento particular da história. Tratava-se do esforço dirigido na tarefa vital de reformular a cultura com vistas a uma futura renovação democrática. Ao refletir sobre o sentido das transformações estruturais, mesmo que seja dentro do pequeno limite imposto pelo tempo, o intelectual fazia valer a restrita autonomia que lhe restava intacta. Sérgio Milliet evoca no verso a situação dramática do pensamento abstrato solitário, impotente, dilacerado em emoções e perspectivas. Todavia, para ele cabia ao homem de cultura o dever de "refletir a tragédia do indivíduo", de jogar luz na falsidade que se tornou a sociedade moderna. Em uma palavra, a missão do homem de cultura era a de evitar que se interpusesse uma diferença absoluta entre indivíduo e sociedade. Essa missão do intelectual era também compartilhada por Mário de Andrade quando, na *Elegia de Abril*, afirmava que compete ao intelectual a "verdadeira consciência técnica profissional" o exercício de "um pensamento inconformável aos imperativos exteriores" (21). Na crítica de literatura desenvolvida por Sérgio Milliet e Mário de Andrade nos anos quarenta, bem como na construção poética de Carlos Drummond de Andrade, podemos localizar um importante impulso de entender a arte como uma das forças criadoras do amanhã. Nesse sentido, Milliet afirma sobre a concepção artística que:

Libertamo-nos da magia para entregar-nos às ideologias. E se a prisão é mais ampla, a ponto de por vezes sugerir-nos a idéia de sua inexistência, nem por isso deixam as grades de ferro, com que topamos afinal, de se revelarem irredutíveis, inquebrantáveis (...) na época anárquica em que vivemos não há, nem pode haver arte desinteressada; não há nem pode haver arte hermética (...) A arte não pode existir sem o público. Os poetas cantam para ser ouvidos; os pintores pintam para apreciados(...) E esse indivíduo, só se compreende como realização social, como produto de um grupo, de uma educação, de uma ética. Mesmo sozinho ele representa uma coletividade. (22)

Na exposição da sua concepção de arte como arma de combate e força de criação de um novo mundo, fica nítida uma face importante da crítica de Milliet, que é o uso da negação. Na sociedade onde a aparência é soberana, a crítica somente pode caminhar como força contestatória da desfaçatez e falsidade do presente. Na frase, Milliet discute o direcionamento do intelectual e a função social da arte na formação de uma mentalidade que sirva de base para a constituição de uma nova sociabilidade. Nos *Diários Críticos*, Milliet valoriza sobremaneira a presença da responsabilidade moral nos vários homens de cultura que mantiveram a postura crítica no tempo onde era mais fácil ceder aos encantos das centralizadas estruturas de poder. Foi com essa disposição moral que avaliou a produção artística e científica do período, incentivando tanto a entrada em cena dos jovens poetas e críticos que recém saíam da universidade, quanto a renovação de idéias e valores dos escritores já consagrados. De certo modo, usando os recursos da metáfora, poderíamos dizer que nos *Diários* a mão impotente do mutilado indivíduo era quem conduzida o desejo do crítico em ajudar a humanidade a alterar o destino sombrio do futuro como continuação sempre-igual e adormecida do estado atual do presente.

Nos *Diários*, que vamos agora analisar com maior penetração, uma certeza pode ser dita sem temor: no seu conjunto, trata-se de um esforço de unir o leitor com seu tempo, um desejo de repartir com os outros a sua concepção de mundo. No interior da crítica de Sérgio Milliet ressoa a convicção de que o presente poderia ser de outro modo, que a vida deveria estar configurada de outra maneira. Por ter vivido a maioria dos anos decisivos sob os escombros da destruição de valores e idéias, que mutilavam e impediam a existência do que desejava, seu espírito somente poderia constituir-se criticamente.

2- Pressupostos históricos do "homem-ponte"

No seu primeiro *Diário*, Sérgio Milliet fornece uma pista segura sobre os motivos que direcionavam a constituição de sua atividade crítica no momento, e que acreditamos nortear toda a sua vocação de homem de cultura. Na entrada de 1/12/42, escreve a respeito da importância da recordação que nasce no interior da memória podendo, como um raio, iluminar por instantes uma região que até então estava no limbo, sombria, velada. Narrando cenas do cotidiano onde a memória é valorizada, como nas lembranças de antigas realizações que mantêm intacto o sabor de suas potencialidades e nos desejos que ainda aguardam ansiosamente as promessas de vigência, prepara paulatinamente o terreno para uma afirmação mais ousada e que exige maior fôlego. Movido pela intenção de amparar o leitor para a subida num degrau mais alto e que exige em esforço maior, afirma que:

Por esse caminho, arrisco-me, porém, a cair em cheio num assunto perigoso. E deixará no ar aquilo que realmente me preocupa no momento: a tendência

para recordar o passado. De uma feita um senhor qualquer, entrevado por certo, desgraçado sem dúvida, afirmou: "recordar é viver". Quanto esforço para iludir-se. O que é verdade é que "recordar é reviver". Ora, viver consiste em descobrir principalmente; em aventurar-se, experimentar, provar, conhecer. Reviver é apenas repetir; é partir de novo à procura da sensação já descoberta e cujo gosto nos ficou na carne ou na alma. (23)

Na construção do argumento, podemos vislumbrar com certa nitidez alguns contornos da atividade crítica que Sérgio Milliet desenvolveu ao longo dos seus dez *Diários*. Para Antonio Candido, a crítica de Milliet "nunca foi exclusivamente de literatura ou de arte, mas guardou sempre uma larga variedade temática, englobando as meditações sobre o quotidiano, os problemas sociais, a sua própria personalidade e os seus sentimentos" (24). Procurando seguir no rumo indicado por Antonio Candido, existe, portanto, uma acentuada preocupação de Milliet em olhar criticamente as cenas ocorridas no cotidiano. Milliet entende que por detrás das ações desenvolvidas no dia-a-dia, geralmente descartadas pelo olhar rigoroso do cientista, oculta-se uma espécie de fonte primária donde está a matéria bruta que deve ser elaborada pela análise crítica até atingir alguma dimensão importante da estrutura social. Assim, sua análise partia dos detalhes, das nuances, o que indicava um crítico atento as alteridades da sociedade e do indivíduo.

Um outro aspecto decisivo para entendermos a dinâmica de sua crítica é a importância dada a recordação do passado, como uma forma de inserção criativa no presente. Acreditamos que a tendência para manter vivo o passado na memória, através do exame crítico que procura encadear e dar sentido aos acontecimentos ocorridos, surgiu no

itinerário de Milliet a partir da primeira guerra mundial. Quando estudamos no primeiro capítulo alguns dos poemas escritos na Suíça, vimos que os variados temas giravam em torno da atmosfera tenebrosa produzida pelas forças destrutivas dos países imperialistas em guerra. Assim sendo, o estado de ânimo de rever o que se passou consigo e com as pessoas que o cercavam, o que necessariamente acabava por jogar luz sobre as contradições mais significativas da sociedade, foi progressivamente apurado na sua concepção de mundo. Não se tratava, portanto, de uma espécie refinada de evasão dos problemas concretos do presente nem de um mero diletantismo intelectual construído no interior da torre de marfim. Ao contrário, o ato crítico de recordar o passado era uma forma de suportar a hostilidade e a força mutiladora do presente enigmático. No momento em que as regras de civilidade, os valores morais e os objetos corriam o risco eminente de deixarem de existir de forma súbita e sem explicação, a recordação do passado recente visava encontrar forças e motivos para manter a lucidez em meio a desgraça objetivamente produzida.

Na frase anterior de Milliet, importa ressaltar sua preocupação em penetrar nos problemas imperativos do momento a partir das relações sociais observadas no cotidiano. Redigido numa linguagem narrativa, Milliet procura instigar o leitor a questionar uma possível severidade desnecessária do crítico em relação ao homem que, já destruído pela sociedade, ainda tem de aguentar a correção verbal do intelectual. Como se quisesse levá-lo a pensar se entre viver e reviver há muita diferença. Para Milliet a diferença existe e é acentuada, pois diz respeito as transformações históricas que a vida sofreu, e vem

sofrendo progressivamente no ambiente de desespero e mutilações da segunda guerra mundial. No momento em que milhares de pessoas morriam nas batalhas e nas cidades arrasadas graças a eficácia crescente dos novos inventos técnicos de destruição, como é possível falar em vida? O que poderia significar a vida, a experiência, o conhecimento, na atmosfera mundial que obstacularizava toda manifestação da civilidade entre os homens, impondo uma regressão generalizada de milhares de pessoas à esfera mais primitiva da animalidade?

Para Milliet, o presente promovia a esterilidade tanto física quanto mental nas relações sociais, de modo que a vida estava plenamente prejudicada, impossibilitada de existir com continuidade mesmo nas relações sociais mais rotineiras. Logo, a intenção oculta do crítico é a de marcar o estado excessivamente escorregadio que adquiriram as definições e os conceitos em meio a maior manifestação mundial da barbárie. As concepções de mundo que sustentavam o que até então se entendia comumente por vida, os valores e os modos nos quais as pessoas receberam a educação, foram implodidas juntamente com as regras de direito e da moral. Com isso, Milliet buscava mostrar a importância de novos estudos, mais rigorosos e objetivos, que pudessem jogar nova luz no cotidiano abafado e comprimido da sociedade brasileira. Como afirmou sucessivamente, ao homem de cultura cabia o esforço de esclarecer o leitor, de lançá-lo numa dimensão que possivelmente nunca alcançaria por si próprio. Assim, na tarefa de divulgar e democratizar a cultura, a rigorosa reformulação dos conceitos e valores era o primeiro e primordial passo que deveria ser dado pelo intelectual.

Quisemos até aqui esboçar, muito superficialmente, alguns dos pressupostos históricos que ajudam a explicar a presença inevitável da recordação na concepção de mundo de Milliet (25). Todavia, para bem entendermos a importância que a recordação do passado desempenha no seu ato crítico, é preciso ater-se ao motivo por excelência dos seus livros: a desgraça irrompe a aparência do presente, tornando **ainda** mais penosa a vida e impotente o indivíduo. Se não levarmos em conta a importância desse fato, pouco ou quase nada podemos entender do conjunto da obra de Milliet. Em cada um dos livros publicados, se olharmos atentamente, encontramos a exposição do ser humano mutilado e sem perspectivas cujo destino parece ser o lutar para tentar sobreviver à fúria dos maiores acontecimentos bestiais da história. Nesse processo, onde não é possível abandonar o amargo gosto adquirido pela impotência efetiva para modificar o curso do presente, a recordação crítica assumia uma importância educativa, missionária. Na atmosfera onde imperava o "vácuo do presente" (DC.II,87), as vontades e desejos frustrados acabavam por servir de matéria para a consciência crítica de Milliet; a vida negada e prejudicada no presente deveria ser recriada em pensamento pelo crítico. Nessa atmosfera, a crítica de Sérgio Milliet assumia cada vez mais o tom da negação do estado atual da sociedade moderna.

No tempo destruído e enigmático, o presente aparecia para o crítico como uma dupla negação: do passado, dos acontecimentos que não evitaram e dos que estimularam a eclosão da segunda guerra mundial, e, do futuro, que para existir deveria ser a **completa negação** do momento atual. Com os olhos voltados para a dupla negação do presente, Milliet

buscava na recordação do passado recente reativar na memória dos leitores os valores culturais que poderiam ajudar na tarefa, comum a todos, de recriar a vida. Acreditamos que essa deva ser a chave que abre a estrutura dos seus primeiros *Diários*: a reelaboração do passado como força criativa, a crítica como renovação mental que oxigeniza o ambiente rarefeito procurando tecer na cultura alguns fios de esperança no amanhã.

Nos *Diários Críticos* escritos durante a segunda guerra mundial, a crítica de Milliet assumia a vocação missionária de rever e denominar as forças que calcinaram a dimensão do presente, que promoveram a esterilização dos direitos constitucionais, das vontades, dos desejos e das potencialidades dos indivíduos. Para realizar tal propósito Sérgio Milliet procurava interpretar nos livros e agrupamentos literários que surgiam alguma força que pudesse ajudar na tarefa comum de romper o duro véu da incerteza e do medo que encobria o presente. Na sua atividade crítica no jornal *O Estado de São Paulo* e no seu diário pessoal, procura encaixar as partes despedaçadas da sociedade que poderiam contribuir para alterar a generalizada falta de perspectiva. Assim, encontramos nos *Diários* e no jornal um "crítico de literatura" que ocupava uma posição própria no cenário nacional da sua época. Para Antonio Candido, a expressão cunhada serve para ressaltar "a posição singular que ocupa entre seus colegas brasileiros" caracterizada como "uma espécie de posição crítica anterior e superior às especializações, que se aplica à literatura, à arte, à sociedade, à personalidade" (26). Na análise do "crítico de literatura", importa entender a ampla mobilidade de seu espírito, a formação intelectual

que possibilitava a vigência do exercício da variedade temática.

Procurando desenvolver os argumentos de Antonio Candido, ao nosso ver a disposição crítica que Milliet desenvolveu nos *Diários* revela, na realidade, um esforço de aproximação com a tradição do ensaísmo ético (principalmente com a figura de Montaigne). Se não exageramos, a diversidade de enfoques desenvolvida nos seus *Diários* sempre remete à preocupação obsessiva de que a cultura cumpra a sua função humanizadora, criando as condições objetivas e subjetivas necessárias para a reflexão coletiva da vida e da sociedade moderna. Como afirmara em 1936 "se a vida é transitória, que seja ao menos empregada em benefício da coletividade menos transitória", pois, desse modo, "a energia é, assim, orientada no sentido de criar normas de felicidade ou perfeição" (MR,70). Na simplicidade da construção do argumento reside uma promessa inconclusa da sociedade burguesa: afinal, para que serviram os sacrifícios e as renúncias objetivas e subjetivas que a sociedade impôs ao indivíduo se a liberdade, a felicidade, e as igualdades de condições para realizá-las não passam de abstrações na vida dia a dia mais prejudicada? Essa questão sempre permaneceu na reflexão de Sérgio Milliet, podendo ser entendida tanto como o terreno que servia de base para a construção de seus argumentos, quanto o alvo por excelência de seus posicionamentos. Em uma palavra, podemos descrever o sentido da vida e da obra de Milliet como uma pregação ininterrupta em favor do que não poderia existir na sociedade que é fruto direto do escravismo e do autoritarismo, ***os princípios morais da civilidade***. Esse é o denominador comum de todos os livros e posicionamentos políticos e culturais desenvolvidos durante a sua

longa trajetória. Recorrendo a uma conhecida metáfora, não se tratava da busca de algo perdido, mas de uma aventura incessante na construção de padrões mínimos de moralidade, de direitos e de cultura que possibilitassem a formação de uma "condição humana" * nos milhares de deserdados formados pela sociedade brasileira.

Na medida em que a barbárie alcançava pontos impensáveis na imaginação do homem moderno, Sérgio Milliet assume uma destacada posição social na vida intelectual paulistana. Nesse período, usa a sua coluna de jornal como um "posto avançado" de combate, criticando os agrupamentos brasileiros favoráveis a mentalidade política e cultural do fascismo. Desse modo, sua crítica de literatura traz no bojo um discurso moral explicitamente contrário a política da ditadura do Estado Novo. Numa postura contundente para a época, onde como se sabe reinava soberana o uso da violência e da intimidação através dos aparelhos da ditadura, Milliet expõe a obrigação do intelectual de se posicionar claramente frente aos problemas históricos:

(...) é preciso escolher entre os pontos do dilema, entre tudo o que julgamos imprescindível, liberdade, arte, justiça social, realização plena do homem (isso que exige tantos sacrifícios e tão grande soma de compreensão) e tudo o que detestamos, tudo o que constitui a atmosfera irrespirável do mundo atual, opressão policial, preconceitos de toda espécie, justiça de classe, animalização das massas (...)

É nos ditames da consciência que cada qual encontrará sua diretriz.(27)

Na polarização de valores estabelecida, o crítico lança uma série

* A expressão é de Montaigne, que usamos num sentido menor. Por "l'humaine condition" entendemos tão somente os valores da cultura democrática que garantem a vigência efetiva, e não abstrata, dos direitos constitucionais e universais da liberdade e igualdade de condições.

de farpas na direção dos escritores e homens de cultura que prazerosamente foram seduzidos pelos encantos do poder ditatorial. Não se trata de uma crítica a todos os homens de cultura que, de um modo ou de outro, participavam do governo enquanto funcionários públicos, mas aqueles que defendiam abertamente o transplante ideológico das concepções políticas e culturais do totalitarismo e que apoiavam a ditadura de Vargas. Para Sérgio Milliet era imprescindível a união e o estabelecimento dos homens de cultura numa corrente de forças democráticas contrárias a ditadura e ao totalitarismo. A consciência evocada por Milliet diz respeito a esfera da moral, aos compromissos com os valores sociais e as conquistas universais do homem moderno ameaçadas de extinção. Num artigo escrito a respeito do assassinato de Garcia Lorca pela política ditatorial de Franco, procura aprofundar a questão dos deveres morais daqueles que são chamados ou acreditavam ser homens de cultura:

Que o exemplo da desunião das forças democráticas nos aproveite. A reação não dorme. Está sempre à espreita do momento oportuno. E não pensem os que não se preocupam com os poetas que matando poetas somente a eles ela trucidada. É a liberdade que ela assassina na pessoa dos poetas (...) Garcia Lorca foi uma vítima desse sadismo policial que o fascismo desenvolveu até fazer do vício uma infame virtude cívica. (28)

Sérgio Milliet vê nos praticantes deslumbrados do fascismo, aqueles que prazerosamente ostentavam seus signos como parte intocada do poder que devotavam a vida, como as futuras vítimas em potencial do regime ditatorial. Os que ajudaram a condenar Garcia Lorca praticavam atos que atentavam contra si próprios, na medida que eles mesmos poderiam num futuro próximo se transformar em vítimas da mesma

descontrolada barbarização do cotidiano. Uma visão importante que, todavia, ganhava uma dimensão mais abrangente quando incentivava o leitor a associar o processo político espanhol que condenou Garcia Lorca à morte, com o seu destino na ditadura local. Na frase, há uma clara intenção de chamar o leitor e, mais ainda, o homem de cultura para o imperativo da responsabilidade e da ação pela volta do regime democrático. Desse modo, Milliet acredita que caberia ao intelectual, portanto, a função de elucidar o leitor, de fornecer-lhe subsídios culturais que possam ajudá-lo a pensar numa nova concepção de mundo e de destino.

Como já procuramos demonstrar nos capítulos anteriores, Milliet sempre se manteve nas trilhas da reforma educacional como caminho para uma reformulação social mais justa e humana. Ao longo do seu itinerário, essa foi sua arma de combate progressivamente desenvolvida que girava em todo do esclarecimento da situação para uma reforma moral da sociedade brasileira. Nos momentos políticos mais conturbados da república, como a revolução de trinta e o golpe de 1937, Milliet sempre manteve a convicção na democracia liberal. Quando a alteridade da forma da política estava em questão no horizonte do dia, Milliet se posicionava em torno de uma sentença de Charles Péguy, extremamente elucidativa da sua personalidade e de seu intento reformador. Como citou inúmeras vezes, "a revolução será moral ou não será" (DC.I:85), ou seja, se não houver uma reforma substancial na concepção de mundo, nos valores morais e nos conceitos de nada adianta pensar na revolução política. A seu modo, tratava-se de uma concepção liberal avançada na sociedade onde o liberalismo "jamais conseguira assumir forma coerente

com seus pressupostos e se estruturara de maneira ambígua e conservadora" (29). Se quisermos ousar, Milliet poderia ter sido um intelectual mais significativo se tivesse desenvolvido no seu ensaísmo a concepção de democracia liberal que modelava seus argumentos. Na trilha perigosa, mas sedutora, da especulação poderíamos dizer que Milliet possuía os requisitos intelectuais e a posição social de classe para tornar-se um liberal de fato no seio da burguesia paulista.

É possível ler nos primeiros *Diários Críticos*, a construção de um discreto radicalismo político, principalmente quando estabelece análises sobre a função e o papel do intelectual. De certo modo, Milliet promove nos anos quarenta uma série de questões sobre o significado da participação do homem de cultura na temporalidade dramática em que vivia, chamando a atenção para a necessidade urgente de novas diretrizes e caminhos políticos e morais. Segundo Sérgio Milliet uma ação crítica e social é antes de tudo consequência de uma postura ética:

No ponto em que estamos, os excessos individualísticos são verdadeiros crimes de lesa-sociedade. Por isso ou o artista, como os outros homens, se submete a disciplina de uma ética ou será eliminado na luta de morte que ora se trava. A liberdade virá de nossa própria obediência a um ideal de libertação maior, e não de nosso conformismo às prisões douradas com que nos acenam os homens das torres de marfim e os donos do mundo errado. O problema da função social da arte é desses que precisam permanecer vivos, presentes ao espírito do intelectual. (30)

Para permanecer vivo, numa conjuntura que negava e estilhaçava a esperança na vida digna de ser vivida, o intelectual e o artista deveriam possuir uma conduta ética firmemente estabelecida na

história. Em tal compromisso reside o alvo do intelectual crítico: lutar pela redemocratização política e cultural da sociedade brasileira. Na atividade profissional de jornalista, Milliet intenta valorizar as novas tendências da inteligência que despontavam na cultura, e que poderiam contribuir para a tarefa de renovação da mentalidade e do clima cultural. Nesse sentido, nos primeiros anos da década de quarenta Sérgio Milliet participou ativamente dos principais acontecimentos que procuraram renovar a vida cultural e política do país, como o *Testamento de uma geração* de 1943 e a *Plataforma de uma Geração* de 1944 e o Congresso Brasileiro de Escritores. Em cada um deles, podemos vislumbrar a ação decisiva para o direcionamento da função crítica do intelectual. É o que veremos a seguir.

3- O Homem-ponte.

Na sociedade brasileira, a primeira metade dos anos quarenta pode ser vista como uma espécie de época dos balanços, onde os intelectuais foram desafiados a dar sentido ao tempo monstruoso em que viviam. Não seria nenhum exagero afirmar que para entender a dimensão e o curso dos acontecimentos históricos mundiais era preciso dar nome ao que até então não possuía sentido. Vivia-se numa época marcante e mordaz que dilacerava as perspectivas e os desejos; mesmo afastado das linhas do front e das bombas voadoras, as alterações provocadas pela segunda guerra mundial manchavam a sociedade brasileira com as cores sombrias da incerteza e do medo.

Nos acontecimentos culturais que iremos agora comentar, podemos sentir o processo de sistematização da "ânsia de introspecção social" - como descrevia Gilberto Freyre a característica mais marcante da inteligência brasileira no início dos anos trinta -, assumir novas e variadas formas na sociedade brasileira. Nos depoimentos efetuados pelos homens de cultura no início dos anos quarenta, a problemática conjuntura nacional e internacional foi debatida num nível cultural superior mais rigoroso na sua forma e ousado nas suas conseqüências. Neles vamos também assistir a consolidação da figura de Sérgio Milliet na vida cultural da cidade de São Paulo, principalmente, porque foi capaz de entender e incentivar o ritmo próprio dos diversos coros de idéias que se debatiam sobre os destinos da cultura e da sociedade brasileira. Como uma espécie de homem-ponte, na fala de um dos principais críticos do momento, Milliet soube com rara maestria compor na diversidade de concepções de mundo, o que havia de comum nas idéias das gerações de intelectuais consolidados e nas que brotavam em meio à pouca possibilidade de vida no interior do clima político ditatorial. Vejamos a seguir, a ação crítica de Milliet em cada um desses acontecimentos.

Nas páginas finais do livro *"Contribuição à história das idéias no Brasil"*, João Cruz Costa afirma que o uso da noção de geração para delimitar um agrupamento de intelectuais ou de artistas é por demais perigoso e relativo. Em torno de tal palavra, escorregadia por natureza, existe espaço suficiente para uma ampla gama de concepções de mundo, idéias políticas e valores morais irreduzíveis a um único denominador em comum. O sentido de geração sempre nos coloca numa

encruzilhada temporal, pois a estrutura da palavra está acentuada num equilíbrio precário entre o que deixou de ser e o que está por vir. Mesmo ciente da complicação terminológica e temporal, João Cruz Costa conclui seu livro num precioso convite de leitura de duas gerações de intelectuais brasileiros presentes nos livros *Testamento de uma geração* e *Plataforma de uma geração*. Para o filósofo, a leitura dos depoimentos contidos nos livros organizados por Edgar Cavalheiro e Mário Neme, respectivamente nos anos de 1943 e 1944, pode ser instrutiva para o entendimento de como os participantes das duas gerações se formaram no interior da história. O interesse de João Cruz Costa parece ser o de indicar uma certa continuidade das idéias contemporâneas no Brasil, sugerindo a existência de ligações entre o novo espírito do intelectual que surgia na vida cultural dos anos quarenta com alguns dos antigos modernistas.

Com o olhar agudo, João Cruz Costa afirma que a leitura dos depoimentos pode fornecer algumas valiosas contribuições para o entendimento não só do período, mas também do espírito crítico que caracterizava uma nova mentalidade e um modo de agir de uma parcela da inteligência na sociedade brasileira. Todavia, para ele a fortuna de alguns dos depoentes das duas gerações não está exposta de forma nítida e cristalina devido à atmosfera política rarefeita e coercitiva dos anos quarenta. Desse modo, procura alertar o leitor ao trabalho de matizar com cuidado e apreço o significado oculto de algumas palavras, expressões ou mesmo de depoimentos inteiros. Numa pequena nota de rodapé, João Cruz Costa adverte que:

Estes dois inquéritos, é necessário notar, foram escritos ainda ao tempo da ditadura do *Estado Novo*,

em que ainda havia censura. Devem ser examinados, pois, com o devido cuidado. Apesar disso, encerram informações muito úteis para os historiadores e críticos do futuro. (31)

O tom de alerta lançado pelo autor pode, à primeira vista, causar certa desconfiança ao leitor, pois afinal qual é o sentido da advertência que pede a devida dose de compreensão das respostas fornecidas pelos representantes da inteligência brasileira na particularidade histórica do momento? Ao nosso ver, a cautela de João Cruz Costa é justificada pela sedução que os nomes *Testamento* e *Plataforma de uma geração* causam nos leitores, algo parecido como uma revelação geral dos problemas da sociedade brasileira. Nesse sentido, a função da nota de rodapé procura conduzir o leitor, desapontado por não encontrar o caminho seguro da redenção, ao que há de mais importante nos livros e que não se percebe com muita visibilidade. *Neles reside uma ampla tentativa de reunir um conjunto significativo de artistas e escritores para assumirem literalmente a cultura e a política no exato momento em que a viviam.* Desse modo, o cuidado indicado por João Cruz Costa é importante na hora de estudarmos os limites e as virtudes dos depoimentos presentes no *Testamento* e na *Plataforma de uma geração*. Na abordagem do primeiro, é preciso ter em vista a dificuldade de escrever a história ao mesmo tempo que se é objeto e sujeito e, no segundo, o drama de propor ações e alvos num tempo histórico contrário a toda manifestação de esperança e de autenticidade. Portanto, nos depoimentos dos principais representantes das duas gerações de intelectuais, devemos levar em conta a interiorização do clima coercitivo da ditadura e da atmosfera mundial da segunda guerra mundial. Em uma palavra, na abordagem crítica dos

depoimentos é preciso compreender o drama do intelectual em escrever sobre o presente no calor da hora e sem a facilidade da distância temporal.

Organizado por Edgar Cavalheiro, o *Testamento de uma Geração* representa um conjunto de perguntas sobre os valores morais, as concepções de mundo, as idéias políticas e as crenças religiosas que influenciaram os escritores e artistas com mais de cinquenta anos na estruturação de suas obras e no presente. O inquérito partia de uma ampla teia de questões subjetivas sempre vinculadas com o momento histórico no qual os homens de cultura criaram suas obras. Questionando alguns dos nomes mais significativos da "antiga" geração dos homens de cultura, no livro encontramos as presenças de Afonso Arinos de Mello Franco, Tristão de Ataíde, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Augusto Frederico Schmidt, Abguar Bastos, Emiliano Di Cavalcanti e outros. No final, Edgar Cavalheiro enumera mais alguns nomes da inteligência brasileira que declinaram da proposta ou não puderam enviar seus depoimentos como Manuel Bandeira, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Mário de Andrade e Gilberto Freyre. Como se vê, a ambição do organizador era a de envolver os grandes nomes da literatura e da poesia numa constelação de homens de cultura que pudessem estabelecer subsídios culturais e políticos suficientes para mapear o que chamou de "espírito ou consciência de uma geração" (32).

Na ampla diversidade de depoimentos e de idéias políticas, o livro reúne desde defensores do catolicismo até homens de esquerda, há um motivo em comum nos 26 depoentes: a primeira guerra mundial aparece

como o verdadeiro paradigma nas suas vidas e, de certo modo, o motivo oculto que estruturou suas obras. Existe também um itinerário similar em boa parte dos depoimentos: das rupturas objetivas e subjetivas provocadas pela primeira guerra mundial passando pelos acontecimentos políticos e culturais do simbólico ano de 1922, sobretudo pela semana de arte moderna, até atingirem o início dos estudos interessados sobre a realidade brasileira. De certo modo, nessa seqüência reside a maior contribuição do livro que é, ao nosso ver, a vontade de mostrar como uma geração nascida com o ideal da civilização européia teve que se adaptar num mundo completamente diferente do que e para que fora educada.

Em linhas gerais, os depoimentos relatam o movimento modernista de 1922 como uma espécie de divisor de águas que possibilitou a libertação do atraso mental e, principalmente, do estado espiritual melancólico e asfixiante reinante após o final da primeira guerra mundial. Muito embora, o sentimento de libertação mental tenha sido desenvolvido de forma diversa e com conseqüências culturais e políticas distintas nos vários homens de cultura de tendências ideológicas conflitantes, é importante reter na trajetória de alguns a valorização do movimento modernista como uma "renovação espiritual", uma "atitude mental libertadora", uma "ânsia de libertação do sentimento nacional" ou como uma "ânsia de conagraçamento e luta que reunia os mais dispersos elementos" (33).

No final do livro, existe um significativo agradecimento de Edgar Cavalheiro dirigido à Sérgio Milliet, por este ter-lhe sugerido o motivo e o estímulo para o desenvolvimento da idéia do *Testamento* de

uma Geração *. Assim, poderíamos perguntar qual teria sido a intenção oculta de Milliet em incentivar a criação de um depoimento entre os principais homens de cultura num período tão traumático, onde a "consciência das palavras" poderia custar muito caro para quem a usasse com plena liberdade e vontade? Acreditamos que seu interesse era o de promover uma atualização dos escritores e artistas numa tentativa direta de renovação cultural que pudesse apontar para uma nova forma de ação no presente estagnado. Com a série de depoimentos dos vários escritores sobre suas realizações e obras, esperava a concretização de um efetivo balanço de idéias que servisse como incentivo para a ação aos jovens críticos e artistas que começavam a atuar no clima denso da segunda guerra mundial e da ditadura do Estado Novo. Se não exageramos, Milliet acreditava reavivar a antiga mentalidade espiritual libertadora posta em ação pelos modernistas em 1922, num novo processo de afirmação do intelectual na sociedade brasileira. Para Milliet, a liberdade de criar livremente o seu ritmo e de compor novos instrumentos analíticos para decifrar a realidade brasileira era sentida como uma necessidade urgente.

No depoimento pessoal de Milliet, que ganha agora uma conotação mais destacada com os argumentos expostos, o motivo principal é o movimento modernista. Descrevendo o clima cultural geral no qual foi criado, citando as influências do tempo destrutivo da primeira guerra mundial e dos escritores franceses, procura traçar na história as

* Nas palavras de Edgar Cavalheiro "quero, antes do ponto final, agradecer a Sérgio Milliet, que não só sugeriu a idéia deste inquérito como permitiu que ela fosse concretizada nas colunas do grande matutino paulista - O Estado de São Paulo", *Testamento de uma Geração*, p.282. Segundo o próprio Edgar Cavalheiro, era Sérgio Milliet quem escolhia "com rigor" os nomes dos depoentes.

conquistas e as desventuras do movimento modernista, a fragilidade da inserção nos programas políticos e a força crítica que ainda poderia vir-a-ser reativada pelas novas gerações. De todos os depoimentos, o de Sérgio Milliet é o mais consistente e o que procurou descer mais a fundo na matéria local, interligando o curso nada linear do modernismo com os acontecimentos políticos dos anos trinta. De certo modo, Milliet depõe com a intenção de assimilar e reelaborar criticamente o modernismo, apontando seus elementos mais representativos e as influências que vê nas gerações que o precederam. Procurando ser econômico nas suas palavras mais explosivas, enfatiza a contribuição do movimento modernista enquanto espírito de libertação que demoliu "o amontoado de trapças intelectuais e morais que abafavam a verdadeira manifestação artística" e que "barravam as renovações morais" (34).

Correndo o risco de ser repetitivo, o argumento de Sérgio Milliet serve tanto para caracterizar uma face real do movimento modernista, quanto é uma crítica devidamente velada ao regime ditatorial do Estado Novo. Para Milliet, vivia-se numa "época de transição", caótica, onde a vida estava profundamente debilitada num mundo que somente promovia "uma vergonhosa trapça". Numa frase de grande efeito moral, afirma que "a grande vitória a que pode aspirar um homem é exatamente não se enganar na sua própria realização" (35). Ao nosso ver, essa frase é toda ela dirigida à nova geração de críticos e artistas que entravam em cena no início dos anos quarenta, em especial aos jovens críticos universitários que formavam desde 1941 o grupo da revista *Clima*. Segundo Sérgio Milliet, a "nova geração surge mais sensata, bem mais prudente, refletida", possuindo, assim, uma formação cultural superior

para poder levar à frente a "tarefa de construção que foi por longo tempo abandonada em nosso meio" (DC.I:109). Logo, no mundo que dinamitava as perspectivas, o desejo e ação crítica de rever o passado de forma criteriosa e objetiva que emanava dessa geração representava, para Milliet, um aceno de esperança e entusiasmo no futuro.

Os depoimentos do *Testamento e da Plataforma de uma geração*, foram continuamente debatidos nos primeiros *Diários Críticos*. Neles Sérgio Milliet comentava as idéias gerais contidas nos principais depoimentos, promovendo uma série de balanços críticos entre as duas gerações de intelectuais. No momento em que o modernismo era atacado com violência e desdém pela nova geração de poetas e escritores de direita já bem situados como Otávio de Faria e Tristão de Ataíde, Milliet buscava estabelecer as particularidades de cada geração em seu tempo histórico e nos problemas que tiveram de enfrentar, não esquecendo de afirmar as questões do presente nas quais devem lutar conjuntamente. Numa frase de alto teor sintético:

A censura que se fez à geração de 22 de não ter "participado", isto é, de se haver consciente ou inconscientemente posto a margem dos acontecimentos políticos, é injusta. Faltou a essa geração uma ideologia, mas não careceu ela de entusiasmo ativo. Entrou também na luta, pró e contra o estado de coisas da época. Com ela nasceram o Partido Democrático, o Integralismo, o outubrismo. Com ela surgiu também o assunto brasileiro, a língua brasileira, o desejo de independência (...) A ausência de programas teve como resultado o aspecto negativo das revoluções; a grilagem dos movimentos pelos políticos. A falta de uma base filosófica e sociológica permitiu o desabrochar de teorias absurdas e mitos ridículos, pois sem ideologia diretriz, caiu-se o mais das vezes na mitologia barata.

E, num contraponto com a nova geração que surgia das instituições culturais criadas nos emblemáticos anos trinta, Milliet desdobra seus argumentos, dizendo que:

A geração atual chega ao cenário literário e político com mais experiência e maior objetividade. Parece-lhe por isso quase criminosa a atitude de sua predecessora. Comete assim um erro comum as juventudes sadias, um erro grave mais simpático pelo que revela de força agressiva e de vida transbordante, o erro de esquecer o condicionamento da época. Vinte e dois foi anárquico porque não podia ser outra coisa. Como geração bem entendido. (36)

Na época onde reinava soberano o clima de radicalismo e confusão, a crítica de Sérgio Milliet se destacava dos demais críticos, pela sua serenidade analítica e pelo tom ameno e cordial no ato de discordar. Procurando manter com vigor a objetividade no processo de conhecimento da realidade social, mesmo quando fazia parte do objeto ou era alvo de algumas críticas, Milliet contesta a volúpia descalibrada da nova geração, onde sempre procura destacar a particularidade do grupo *Clima* dos demais, e a ânsia dos mais veteranos de quererem ultrapassar as particularidades da formação cultural da sociedade brasileira sem sequer entendê-las com o cuidado necessário. Aqueles que negavam os resultados da semana de vinte e dois, reduzindo a tábua rasa as conquistas alcançadas pelos modernistas, promoviam uma ação particular existente em sociedades atrasadas e dependentes que é o eterno recomeço em direção de algum e qualquer novo ponto de partida.

No final dos anos trinta e início da década de quarenta, quando aumentava o ataque do pensamento de direita ao movimento modernista, Sérgio Milliet e Mário de Andrade formaram uma brigada crítica que promoveu numa série de debates sobre cultura e política. É interessante notarmos que no bojo das respostas de Mário de Andrade e Sérgio Milliet, efetuou-se um processo de reelaboração crítica do movimento no seu todo. Nas várias polémicas que travaram com os

críticos do modernismo, tanto Mário de Andrade quanto Sérgio Milliet procuraram aprofundar a discussão lançando novas interpretações do movimento e da sociedade brasileira. Desse modo, podemos dizer que os volumes dos *Diários Críticos* de Sérgio Milliet, como os ensaios que compõem o livro *O Empalhador de Passarinho* de Mário de Andrade, podem ser vistos como um tipo de ensaísmo crítico combativo. Assim, nesses livros devemos entender a crítica como uma arma de ação elaborada para enfrentar as várias formas da reação cultural e política presente nos argumentos do fascismo, do nazismo e do integralismo.

Segundo Milliet, a nova geração de poetas como, por exemplo, a da revista "Lanterna Verde", cometiam o erro de não entenderem o movimento modernista juntamente com o que aconteceu na Europa e com as condições particulares de existência da cultura no interior da sociedade brasileira. Desse modo, cometem o descuido e o descaso para com o passado recente, o que é um sintoma claro da falta de entendimento da sua própria formação histórica e cultural. Numa frase importante, Milliet afirma que "ignorar a existência da Semana de Arte Moderna é tão infantil quanto absurdo dar-lhe importância excessiva" de modo que "esquecê-la é tão grave quanto tê-la sem cessar diante dos olhos" (DC.I:110). Em uma palavra, a falta cometida pela nova geração de poetas foi a de não entender o modernismo enquanto força crítica que se baseava no livre direito à pesquisa e à experiência, debilitando assim o que de mais forte havia no movimento, uma consciência mental aberta ao amanhã.

Um outro ponto importante levantado por Sérgio Milliet, diz respeito à participação política de alguns modernistas durante os

emblemáticos anos trinta. Sérgio Milliet valoriza a inserção do modernismo na esfera da política partidária refutando, assim, agora com certa veemência, a pecha de abstencionistas que as novas gerações lançavam na direção dos modernistas. Não só acha injusto a sentença, como nomeia os acontecimentos políticos decisivos na história da sociedade brasileira que alguns modernistas participaram como o Partido Democrático e a Revolução de 32. Para Milliet, o que faltou para o movimento modernista foi possuir um sólido arcabouço teórico para desenvolver uma participação política mais estruturada e ativa. Nesse sentido, apesar das contradições que mantém na sua crítica como a de culpar os políticos pela insuficiência de opções na ordem do dia, procura repensar o passado e as possibilidades perdidas ou esquecidas que ainda poderiam ser desenvolvidas no presente.

Na seqüência da mesma entrada do *Diário Crítico*, Milliet ainda comenta alguns pontos da conferência proferida em 1942 por Mário de Andrade sobre *O Movimento Modernista*. Discordando da forte crítica de Mário de Andrade sobre a falta de empenho político dos modernistas e da ausência de programas eficazes para alcançar a melhoria da sociedade e do homem, Sérgio Milliet afirma que:

Mário de Andrade, que não quis depor nesse inquerito de Edgar Cavalheiro aludiu, na conferência mais tarde pronunciada no Rio de Janeiro, à carência de contato com a realidade dura, para explicar certos fracassos de 22. Foi isso, a seu ver, o que levou sua geração ao lirismo individualista. Não posso aceitar a generalização do autor de *Macunaíma*, porque não faltou no grupo quem tivesse da realidade conhecimento mais íntimo. Nem tudo era "jeunesse dorée" na redação de "Klaxon" onde o poeta Caligari aparecia faminto, nem no apartamento de Oswald de Andrade onde se reuniam os esmulambados com Frederico Rangel à frente. Nem tudo era fácil para o grupo político que sonhava com 24 e já plantava

os alicerces de 30. Não foi a vida folgada, não foi a disponibilidade, o erro de 22 (...) Foi, isso sim, a ausência de uma estruturação filosófica; foi, isso sim a inexistência da universidade. Não foi o afastamento da realidade, mas o seu desentendimento no seu todo complexo. (37)

Discordando do tom auto-punitivo lançado por Mário de Andrade, Milliet procura, de certo modo, defendê-lo da fúria auto-destrutiva que emanava de sua crítica no momento. Ao colocar que nem tudo era "jeunesse dorée" nas revistas produzidas com espírito de luta e nos intensos sacrifícios pessoais, procura deixar claro que os modernistas não podem ser reduzidos à generalização de que foram "uns verdadeiros inconscientes" (38) como ressaltou Mário de Andrade na conferência de 1942 e na *Elegia de Abril*. De um lado, a crítica de Milliet almejava afastar o senso comum de que o modernismo foi um tipo de divertimento ou uma excentricidade de alguns jovens filhos da burguesia paulista. Por outro, Milliet aproxima a esfera da cultura com os acontecimentos políticos dos anos trinta, em especial com a revolução e com o Partido Democrático. Se esses foram acontecimentos destruidores e de pouca utilidade como indica Mário de Andrade, não se pode deixar de lado o fato real da participação de alguns modernistas. Ao afirmar que a falta de conhecimento da realidade é o que determinou os tropeços e as desventuras do movimento, Milliet promove um elo histórico entre a carência de idéias e concepções de mundo que possuíam e o resultado da ação política e cultural que desenvolveram nos anos trinta para sanar o "desentendimento do todo complexo", cujo fruto direto é, a seu ver, a geração crítica de universitários.

Procurando entender o modernismo no curso da história, Milliet acredita que a falta de compreensão da realidade deixou de ser um

problema crônico na inteligência paulistana, graças aos estudos científicos promovidos na Universidade de São Paulo, na Escola Livre de Sociologia e Política. Nos seus depoimentos e mais ainda nos ensaios publicados na primeira metade dos anos quarenta, Milliet desenvolvia um caráter profundamente "crente no papel social e na força das luzes, na função de instituições como a Universidade e o Departamento de Cultura". No balanço crítico entre os representantes das duas gerações de homens de cultura, Milliet demonstrava toda a sua preocupação "com a consolidação da vida intelectual no Brasil"(39).

Senão vejamos:

Por outro aspecto a leitura dos depoimentos da velha geração pode ser edificante; pelas citações de autores franceses e de literatos sobretudo. Quando muito vemos invocar-se a palavra de Marx, de vez em quando de Nietzsche. Ninguém lia os escritores de língua inglesa, e de sociólogos não há menção. A "plataforma" dos novos mostrará, penso eu, uma predominância acentuada dos norte-americanos na formação da mentalidade, e uma propensão marcada pelos estudos científicos (...) A geração de 22 falou francês e leu os poetas. A de 44 lê inglês e faz sociologia. A esta bem leviana se apresenta aquela. Em compensação à de 22 bem pesada se afigura a sucessora. Simples resultado da perspectiva histórica em que cada uma se coloca.

E, num tom de alerta, dirige sua experiência para as novas gerações:

As grandes questões permanecem eternamente em cartaz, as questões da moral social, de justiça, de conciliação do desejo de igualdade com a ânsia de liberdade (...) Assim como a terra que recua milenarmente sob a ação das águas sem que menos se espere volta a refazer-se, o espírito reacionário sofre avanços e recuos imprevisíveis. Quando menos se espera, e tudo indica um progresso real, pipocam fascismos e a crosta se refaz. (40)

Ao invés de procurar diferenças entre a sua geração e a dos jovens universitários, Sérgio Milliet valoriza os pontos de união que

crê existir entre elas. Segundo Milliet, a geração que recém era formada pela Universidade de São Paulo, que recebera de primeira mão os ensinamentos dos professores estrangeiros, possuía um espírito crítico que recordava a mentalidade de libertação do primeiro momento do modernismo em 1922. Apesar de possuírem diferenças substanciais, como a predileção da poesia nos modernistas e da crítica na nova geração, essas deveriam ser entendidas enquanto particularidades e problemas do tempo histórico em que foram formadas. Através de um jogo de metáforas, Sérgio Milliet identifica na geração dos universitários um espírito de combate do atraso similar ao espírito de destruição promovido pela sua geração. De certo modo, Milliet associa o espírito de luta que os modernistas travaram contra o parnasianismo e o perrepismo com a disposição crítica combativa da nova geração, contrária ao integralismo e outras formas do que chama "espírito reacionário". Milliet é lúcido o bastante para apontar como maior problema a ser enfrentado no momento, a tendência da sociedade brasileira em regredir para formas políticas autoritárias.

Sérgio Milliet foi um dos primeiros críticos de jornal a incentivar as particularidades da consciência crítica presente nos jovens universitários como Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Rui Coelho entre outros. Enquanto alguns modernistas veteranos possuíam certa dificuldade para entender a nova mentalidade que surgia na cidade de São Paulo, como Oswald de Andrade e a expressão "chatos boys" (um gracejo, por certo, mas que demonstrava uma incompreensão do teor da crítica que estavam desenvolvendo na revista *Clima*), e Luis Martins que torcia o nariz para a

falta de sensibilidade poética de uma geração que "não ama, não bebe, nem sequer faz barulho nas ruas", Milliet promovia nos seus *Diários Críticos* uma grata valorização. Em 1944 Sérgio Milliet escrevia que a geração universitária "traz valores críticos bem formados e irá longe na grande reforma social que se anuncia" (DC.II:117). Para ele, a representatividade dessa geração está no rigor e na ânsia em levar à frente a tarefa de revisão dos valores e da cultura que a sua geração iniciou em 1922. Portanto, a maior virtude que vê nesses homens é o comportamento crítico, na conjuntura onde era mais fácil servir para alguma das forças que disputavam o domínio do mundo.

Na época dos balanços dos representantes das gerações, Milliet foi dentre os principais críticos do momento, aquele que mais levou a sério o teor das respostas, procurando destacar as idéias e os autores mais importantes e significativos. Exercendo no jornal *O Estado de São Paulo* um papel de mediador cultural, antecipou em vários pontos o estado de ânimo e o trabalho futuro que alguns dos representantes da chamada "geração de 44" iriam desenvolver no futuro. Nesse sentido, numa visão meio profética sobre a "novíssima geração", coloca:

Veremos por esses depoimentos qual a verdadeira repercussão da Semana de Arte Moderna; veremos se alguma coisa germinou da semente lançada ou se o movimento serviu apenas para destruir os ídolos rachados do verbalismo, da retórica, que se atulhavam nas veredas de acesso ao público e as academias (...) Não tem, é certo, muito que destruir, pois 1922 desbastou o grosso. Mas sobram ainda inúmeras reputações que carecem de revisão. E resta, principalmente, tudo por construir nesses terrenos baldios da literatura nacional onde cá e lá se erguem uns edifícios aproveitáveis e os andaimes de alguns arranha-céus. (41)

Como consequência direta do *Testamento de uma geração*, surgia na

mesma cidade de São Paulo a *Plataforma de uma geração*, reunindo 29 representantes dos que recém haviam estreado na literatura ou nas artes. Organizado por Mário Neme, depuseram nomes como Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Antonio Candido, Ciro de Pádua, Mário Schemberg e outros. De início, as repostas eram publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, por intermédio de Sérgio Milliet, de meados de 1943 até o início de 1944, tal qual ocorrera com o *Testamento de uma geração*. Mário Neme organizou um amplo roteiro de questões sobre as preocupações e anseios, as influências e os problemas que herdaram das gerações anteriores, os valores estéticos e as idéias filosóficas que possuíam no momento, "o papel que incube à nova geração em face da confusão de valores e das falhas que vêm do passado", "quais os rumos já delineados pelos moços", entre outras. As questões formuladas por Mário Neme, de forma bem similar como as que foram propostas no *Testamento de uma geração*, procuram descaracterizar um acentuado contorno político, como convém num livro publicado no Estado Novo. Todavia, se as palavras deveriam aparecer formalmente livre de valores, guardavam no seu interior uma série de conflitos explosivos. É o que podemos observar numa frase muito sutil do próprio Mário Neme, onde procura efetuar um balanço dos depoimentos formulados:

Duas conclusões de ordem geral, no entanto, podemos tirar logo à primeira leitura desse pronunciamento; as quais, por serem grandemente significativas, não queremos silenciar. A primeira é o repúdio unânime e declarado, muito explícito, de certos estados de coisas em vigência; e a segunda é o silêncio total, completo e soleníssimo, em torno de alguns assuntos e, especialmente, de algumas personalidades atualmente em muita evidência. (42)

No seu pequeno balanço geral dos depoimentos, Mário Neme não esconde um certo desapontamento com a fragilidade e a falta de participação ativa de alguns depoentes em relação aos problemas concretos da sociedade brasileira. Embora, o próprio Mário Neme evite chamar pelo nome os "certos estados de coisas em vigência", bem como os assuntos e personalidades do Estado Novo, não deixa de indicar o perigo do silêncio que se interioriza no espírito para nunca mais deixá-lo. Na leitura da Plataforma de uma Geração, queremos nos deter em dois depoimentos de jovens críticos de literatura e arte que formavam, juntamente com outros, o grupo de universitários da revista *Clima*. Nos depoimentos de Lourival Gomes Machado e Antonio Candido podemos vislumbrar um processo de efetiva **superação** de valores e idéias dos quadros intelectuais anteriores. De certo modo, ambos procuraram repensar as principais questões do momento, ao mesmo tempo, que afirmam as particularidades do novo modo de exercer o trabalho intelectual.

Lourival Gomes Machado inicia seu depoimento com uma sentença que delimita o raio de ação de sua atividade pessoal e coletiva na atmosfera nacional e internacional. Ao responder sobre a existência de uma consciência dos problemas da sociedade na sua geração, conclui que "nessa confusão, em que não distingo quem está comigo, como posso saber o que é e o que não é meu?". Na atmosfera que prejudicava toda possibilidade de vida, perguntar pelos motivos que poderiam dirigir um agrupamento de pessoas era tão complicado quanto saber com certeza qual era a eficácia da sua identidade social. No mundo que ruía velozmente, quais valores ainda poderiam significar alguma coisa para

a humanidade? Como pensar em construir propostas de ação numa sociedade sem expressão visível, onde as partes que a formam estão amontoadas uma sobre as outras sem mediação efetiva? No depoimento de Lourival Gomes Machado, apenas uma certeza parece poder existir inabalável. É a necessidade imperativa de ser crítico, de usar o pensamento como negação do estado atual da cultura, da política ditatorial do Estado Novo, da segunda guerra mundial, enfim, do tempo em questão. Em uma palavra, seu estado de espírito é consequência direta do que denominou de "dores do mundo", e sua tarefa é tomar consciência dos processos que causaram as mutilações e o clima de desespero na sociedade moderna.

Partindo de tal senso aguçado de dever, de participação crítica "como princípio, como meio e como fim", afirma que:

Porque, pela força de minhas convicções ou pelo calo de minha profissão, sou levado irresistivelmente a crer que este é o característico frisante do momento atual da inteligência brasileira. E o medo de dizer "formação de cultura" para não cair em pedantismo não será sinal do relativo desprezo das gerações mais velhas pelo assunto? Porque mudamos muito acerca da acepção do termo. Cultura para nós parece coisa muito mais alimentar, imprescindível ao arcabouço, do que parecia há algum tempo atrás, quando passava por um sinônimo de penduricalho ornamental, inimigo dos impulsos personalísimos. Neste sentido é que tenho uma dívida enorme de gratidão para com os autodidatas um pouco anteriores. Foi a insistência sofrida desses heróicos que acabou impondo à dura burrice ambiente a evidência dessa necessidade. (43)

Na frase de alto teor sintético, Lourival Gomes Machado procura combater as campanhas e manifestações públicas que desprezavam as conquistas do passado cultural recente, notadamente do modernismo, e que buscavam restabelecer uma visão conservadora da cultura e

normativa do papel a ser desempenhado pelo homem de cultura. O agradecimento final aos "autodidatas" é uma clara evocação da importância da renovação cultural presente nas obras e nas atitudes de Mário de Andrade, de Oswald de Andrade e, num sentido diverso, de Sérgio Milliet. Um outro aspecto importante que devemos destacar é o tipo de estrutura da narrativa de Lourival Gomes Machado, onde os conceitos das modernas ciências humanas entram em cena para demarcar novas posições na vida cultural, em especial os da sociologia moderna. Ao mesmo tempo, que efetua uma análise do estado atual da cultura no Brasil, onde critica os interesses reacionários de alguns grupos de intelectuais que vestiam a camisa do patrulhamento ideológico, Lourival Gomes Machado se situa ao lado dos antigos modernistas como Mário de Andrade e Sérgio Milliet. A acentuada aproximação de Lourival Gomes Machado é justificada pela similaridade da sua conduta intelectual com o teor crítico do ensaísmo socio-cultural promovido pelos modernistas veteranos. Nesse sentido, o programa crítico de rever os valores da cultura traçado por Lourival Gomes Machado, que era comum aos demais jovens do grupo *Clima*, possuía uma grande afinidade cultural com o trabalho de revisão e reelaboração crítica do modernismo, que vinha sendo desenvolvido por Sérgio Milliet e Mário de Andrade desde o final dos anos trinta.

De certo modo, podemos observar no depoimento dos jovens críticos universitários uma consciente procura de afirmação da função inovadora da crítica que estavam desenvolvendo na cidade de São Paulo. Numa frase longa, Lourival Gomes Machado destaca a importância da disposição crítica em relação aos problemas causados pelo "espírito do

tempo", mostrando que somente uma honesta revisão de valores culturais e do conjunto de idéias poderia conduzir a sociedade em geral num outro rumo histórico. Logo, para ele, o conhecimento da realidade é o primeiro passo que deve ser dado em direção ao desejo geral de "renovação":

Nós precisamos de crítica. Crítica que faça um tardio mas imprescindível balanço dos valores do passado. Crítica que analise as condições e as tendências atuais. Crítica que propagandize e eduque, expandindo um pouco mais toda a atividade intelectual que ainda se fecha em pequenas elites privilegiadas de espírito embora freqüentemente desprotegidas de fortuna. Se temos necessidade duma tomada geral de consciência, dum ajuste de valores velhos e novos, essa necessidade se faz mais urgente num momento em que conscientemente falamos em renovação e nos predispomos para um futuro que ninguém sabe bem qual seja, apesar de todos os palpites e todas as torcidas. Precisamos conhecer cada uma das peças do mosaico da inteligência nacional para escapar aos padrões velhos da civilização que se esvai e iniciarmos uma nova escala de valores por que possa se medir a criação nova, a ciência nova e, principalmente, a nova crítica. Nesse sentido, estou bem certo do papel que pode ter a minha geração: aprender qual é o mundo das gerações passadas para ensinar, aos que logo começarão a marcha, como evitar os caminhos que levam aqueles erros. (44)

Na conjuntura incerta e esmagadora, onde ninguém poderia avistar com certeza qual seria o rumo da história, Lourival Gomes Machado acredita ser o exato momento para o entendimento das relações nada lineares entre o presente e o passado. Rever, parecia ser a palavra comum no discurso dos vários grupos de intelectuais que formavam a inteligência brasileira, de alguns mais interessados em esquecer e ocultar os fatos que ocorriam na sociedade, de outros preocupados em relembrar os valores e idéias que estavam ameaçados de extinção. E'

interessante destacarmos que a destruição generalizada promovida pela segunda guerra mundial criava uma sensação de fenda temporal, um intervalo aberto sem sentido e rosto que possibilitava o surgimento dos balanços críticos sobre a realidade brasileira e seus agrupamentos culturais. É no interior desse "tempo em aberto", onde tudo poderia acontecer, que o discurso de Lourival Gomes Machado procura se situar.

Assim, ao expor o valor que a crítica deve possuir na sociedade brasileira, Lourival Gomes Machado procura esboçar as perspectivas de tal ação: trata-se de compreender um estudo minucioso do passado para encontrar um sentido concreto de vida no presente. Na sua concepção, para debater sobre as tendências e os valores atuais do presente era preciso conhecer a obra dos precursores e a história de sua sociedade. Em uma palavra, para ser atual é necessário saber quais foram os desejos, as vontades e os projetos culturais e políticos que serviram como motores do processo histórico que formou o presente. Como podemos sentir, na raiz de tal "plataforma" está a formação universitária e um inconformismo com o curso do presente nacional e mundial. A atitude crítica buscava promover com o conhecimento da história e dos personagens uma efetiva democratização da cultura, expandido o que até então ainda era um valor ou um ornamento de classe.

Para ele, a atividade crítica possuía um sólido compromisso com a educação e com a melhora da sociedade. Sua crítica assume uma dose de radicalismo quando propõe o conhecimento das partes atomizadas na cultura e da inteligência nacional para "escapar aos padrões velhos da civilização que se esvai". Desse modo, sua perspectiva como crítico era a de voltar os olhos com rigor para o entendimento do passado e do

presente, buscando o que deveria ser apreciado ou renegado, juntamente com a fúria do tempo. Com uma disposição de combate, formula uma concepção de brigada cultural que não possuía posição fixa, nem uma concepção política dogmática, e que usava o conhecimento objetivo da realidade como princípio e alvo para a construção de um novo amanhã. Senão vejamos:

Agora que os nossos predecessores mais eminentes - os modernistas de São Paulo - estão chegando na maciez de cinquentões repousados, à compreensão dos seus problemas, basta para os moços marcar tendências. E nessa linha da procura da cultura que se reflete praticamente na conquista de um direito à crítica, já há muito porque já há um princípio de ação que pode levar ao cumprimento de uma função que poderá vir a ser a "nossa" função.(45)

Na conclusão de seu depoimento, Lourival Gomes Machado se posiciona na linha de frente do combate às forças da reação que operavam na cultura e na sociedade como um todo. Para ele a tarefa de marcar posições e idéias era uma verdadeira condição de existência do trabalho do intelectual e do cidadão. Na procura de uma vida livre da opressão e da participação nas "dores do mundo", sua crítica assumia a função redentora do que foi dilacerado pelo tempo destrutivo do fascismo e do nazismo, e, de rebarba, pela ditadura de Vargas. Logo, recompor a atmosfera nacional e mundial através do entendimento da dura realidade que o cercava, eis a função do intelectual para Lourival Gomes Machado. Portanto, na nova geração a formação universitária fornecia os pressupostos objetivos e subjetivos para estruturar um programa de ação que tencionava entender para renovar o clima da sociedade.

Antonio Candido inicia o seu depoimento numa referência direta a

atmosfera cultural do Estado Novo, afirmando que "o momento não permite que se entre em certos detalhes que, para mim, são decisivos" (46). O que parece ser uma confissão de pouca relevância no que se segue, na verdade, oculta a mais penetrante de todas as plataformas. A valorização se justifica na medida que Antonio Candido soube, de acordo com a constrição e falta de liberdade da ditadura, compreender as transformações que se operavam durante o dia na sociedade onde muito gatos são, de fato, pardos. No seu depoimento, podemos dizer que há uma clara atitude em direção de tentar penetrar na dura e hostil matéria local, numa ânsia dramática de esclarecimento.

Situando a sua geração no clima cultural que reinava na sociedade brasileira e no mundo, Antonio Candido coloca a questão do intelectual nas seguintes palavras:

Um dos sinais mais significativos do período de desorganização social que atravessamos é está tendência para questionar todo mundo, numa ânsia desesperada de entender a confusão (...) Mas eis que o tempo é de inquietude e de melancolia; de entusiasmos nervosos que se gastam por nada; de desesperos bruscos que quebram uma vida. (47)

Possivelmente referindo-se ao suicídio cometido em 1942 por Stefan Zweig e de sua mulher no Rio de Janeiro, a crítica de Antonio Candido é sensível o bastante para redimir os que não suportaram viver sob a coerção da atmosfera mundial da segunda guerra mundial. No seu depoimento, é a vida e a função do intelectual que estão no centro da mesma questão refletida juntamente com os aspectos particulares da sociedade brasileira. Para Antonio Candido, a ânsia de conhecimento da realidade nefasta devia ser domada pelo crítico, para que este não caia também no fosso do desespero e da loucura. No tempo de melancolia

e de inquietude, sua crítica procura operar com objetividade e rigor as questões culturais arrolhadas pelos defensores do Estado Novo e pelos simpatizantes do fascismo. Se não entra explicitamente "em certos detalhes decisivos" da sociedade como gostaria, não os deixa por isso no limbo do esquecimento. No seu depoimento as palavras procuram adquirir consciência da ação e do dever do homem de cultura nos problemas do seu tempo.

Procurando expor os argumentos mais representativos da sua geração, Antonio Candido elabora uma análise comparativa com as outras gerações de intelectuais brasileiros, como os romancistas nordestinos da década de 30 e os estudos de sociologia de Gilberto Freyre, Caio Prado Jr, Sérgio Buarque de Hollanda. Nesse painel de idéias e interesses esboça as influências culturais sofridas pela sua geração que acredita ser "em grande parte o seu resultado". Todavia, a descida no passado recente serve também para demarcar as linhas que separam a sua geração de tais homens. Sobre a sua geração, afirma:

Estamos assistindo em São Paulo à formação de uma geração que encara a atividade intelectual como um estudo e um trabalho que sejam instrumento de vida, sendo esta concebida como uma necessidade permanente de revisão e um ataque sem dó a tudo que signifique individualismo narcísico e hipertrofia do eu.

"A sua geração lê desde os três anos, escrevia Oswald de Andrade no nº5 de 'Clima'. Aos vinte tem Spengler no intestino. E perde cada coisa!". Garanto-lhe que não, meu caro Oswald. O negócio não é assim tão simples. É preciso compreender que o surto dessa tendência para o estudo corresponde em nós a uma imposição da necessidade social de crítica. É a necessidade de pensar as coisas e as obras inclusive as que você e os seus companheiros fizeram, sem compreender bem o que estavam fazendo, como é de praxe (...) Não sei qual a vantagem dessa geração crítica de São Paulo. Só sei de sua inevitabilidade e de sua função necessária. (48)

Na correção à postura graciosa de Oswald de Andrade, Antonio Candido acentua o caráter crítico como uma condição inevitável e necessária. Todavia, o que isso quer dizer? O que realmente significava a crítica para os jovens do grupo *Clima*? Na dificuldade de afirmar o seu significado e a vantagem da postura crítica reside, a meu ver, a maior dose de verdade contida na auto-afirmação dos jovens universitários. Por crítica entendiam um estado de espírito, uma mentalidade liberta de preconceitos que se definia em função dos valores que poderiam conter o avanço do tempo assustador em sua volta. Portanto, a crítica não era entendida como uma fórmula válida para tudo e todos, nem estava congelada como uma postura dogmática. Como uma disposição mental aberta ao amanhã, a crítica de Antonio Candido guarda uma estreita ligação com o espírito crítico que fundamentava o modernismo. Assim, numa importante comparação aproxima a mentalidade do grupo *Clima* com o espírito crítico presente no movimento de 22:

Os da geração famosa de Vinte, que aqui em São Paulo se coloca quase imediatamente antes da nossa, formaram também, a seu modo, uma geração crítica. E fizeram mais: criticaram criando, isto é, já mostrando como devia ser, - o que é natural em se tratando de ficção, poesia, arte. Foi uma geração de artistas, e se separa radicalmente da nossa por esse caráter. Mas foi também uma geração de crítica, no que está mais perto de nós. O que nos distingue aí, no entanto, é o caráter da nossa crítica respectiva. A deles foi demolidora e construtora. A nossa é mais propriamente analítica e funcional. (49)

Muito embora aproxime o sentido da crítica da sua geração com o espírito crítico do movimento modernista, Antonio Candido afirma que existem diferenças que devem ser matizadas entre as duas gerações. A primeira diferença diz respeito a posição social e identidade de cada

cada grupo na cidade de São Paulo, pois enquanto os modernistas foram na sua maioria artistas, a geração de 44 não fazia arte nem entrou em cena na cultura paulistana com um livro de poesia. A geração de 44 foi formada na universidade e numa época que inviabilizava a possibilidade de alterações profundas nas regras do jogo, mesmo no campo da arte e da cultura, sujeito como estava a fúria da censura dos órgãos da ditadura. Todavia, essas diferenças não significavam um abandono do modernismo nem uma profunda despotencialização do movimento como era comum no momento, ao contrário, atitude crítica representava uma superação da mentalidade destrutiva do modernismo numa postura mais organizada e rigorosa de análise. Como o próprio Antonio Candido afirmou durante as suas obras futuras, o modernismo era entendido por sua geração como uma "atitude mental" e "veículo de atitudes de renovação crítica do Brasil" (50).

Para Antonio Candido, a influência que ficou do modernismo na sua geração foi o impeto de libertação da mentalidade atrasada e estéril que existia na sociedade brasileira nos anos vinte. Restou, portanto, a postura crítica contrária a norma rígida do gosto e do padrão de classe, do desejo de ser ousado até mesmo além de suas possibilidades. Desse modo, procura afirmar que dentre os modernistas veteranos, o que estava mais próximo do projeto de ação que procuram desenvolver, não era o melhor artista nem o melhor poeta, mas sim Sérgio Milliet. Como afirmou, foi Sérgio Milliet quem conseguiu expandir a força crítica do modernismo fora dos campos restritos da arte plástica ou da poesia. Nas suas palavras:

E' verdade que temos entre eles um precursor, que é, por isso mesmo, aquele de quem mais nos sentimos próximos e que mais próximo está de nós.

Tanto assim que só veio se realizar e ser plenamente compreendido na nossa geração. Falo de Sérgio Milliet: da sua inteligência essencialmente analítica, da sua crítica de arte e de livros, da sua orientação sociológica, dos estudos sociais que empreendeu. Sérgio Milliet foi, de todos os de Vinte-e-Dois, aquele que mais agudamente representou a crítica e as tendências de sistematização intelectual. Por isso é como que uma ponte entre eles e nós. E por isso nós o respeitamos tanto. (51)

Como indica Antonio Candido, a maior virtude de Milliet foi a de saber sistematizar o núcleo de libertação que continha o modernismo em outras atividades no interior da cultura brasileira. Foi exatamente por esse modo de exercer o papel do intelectual, por não ater-se a nenhuma postura dogmática, que pôde se manter aberto a novas idéias e valores. Desse modo, a noção de "homem-ponte" indica, sobretudo, a figura de um intelectual sempre atento aos fatos do cotidiano, numa posição aberta à compreensão e ao entendimento. De passagem, talvez seja exatamente por isso que sua obra foi sendo esquecida ao longo do tempo. Por querer evitar o horror que sentia pela constrição intelectual contida em toda especialização *, Milliet procurou descer por várias fendas do conhecimento como o ensaísmo, a crítica de literatura e artes plásticas, o jornalismo entre outras atividades.

* Ao longo dos quarenta anos de atividade intelectual, Sérgio Milliet escreveu sobre: sociologia (*Roteiro do Café, Desenvolvimento da pequena propriedade no Estado de São Paulo*), no ensaísmo (*Términos seco e outros Coktails, Ensaíos, Marcha à ré, Fora de Forma, O Sal da Heresia, 4 ensaios*), no romance (*Roberto, Duas Cartas do meu destino*), na crítica de literatura (*Diário Crítico, De ontem, de hoje, de sempre, Panorama da moderna poesia brasileira, De cães, gatos e gente*), na crítica de artes plásticas (*A pintura norte-americana, Marginalidade da pintura moderna, Pintura quase sempre, Contribuição para um estudo da expressão gráfica dos quadros religiosos na Renascença*) e na tradução de clássicos como *Ensaíos de Montaigne, Emilio ou da Educação de Rousseau, A idade da Razão, Os caminhos da liberdade, Sursis, Com a morte na alma de Sartre, Todos os homens são Mortais e Memórias de uma Moca bem comportada* de Simone de Beauvoir, *Os Frutos da terra* de Andre Gide entre vários outros.

De certo modo, seu itinerário intelectual pode ser descrito como um labirinto onde o crítico procurava por vários caminhos encontrar a sua verdade.

No seu depoimento, Antonio Candido procura destacar a preocupação de Sérgio Milliet em expandir o teor crítico do modernismo em outros campos como o ensaísmo e a crítica de literatura. Como o "homem-ponte" que unia os modernistas da primeira geração e os jovens críticos universitários, Milliet possuía a formação cultural e a experiência acumulada que o transformava num certo tipo ideal de intelectual para a nova geração. Assim, seguindo a pista fornecida por Antonio Candido, poderíamos perguntar quais seriam os valores culturais e políticos que Sérgio Milliet despertava nos jovens críticos universitários? Qual seria o motivo de Milliet ser taxado como "homem-ponte" na constelação de homens de cultura que reunia Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros? Com a ajuda de Antonio Candido, numa frase escrita sobre o próprio Sérgio Milliet, podemos tentar esboçar uma resposta para essas questões:

Sem nunca ter sido um *mestre* (o que seria contra o seu temperamento), foi com certeza um modelo que antecipava a atuação de grupos como aquele ao qual eu pertencia, o primeiro formado pela Faculdade de São Paulo (...) Como nós, partira da sociologia, da psicologia, da filosofia; como nós, sofrera o impacto do marxismo mas também da sociologia universitária; como nós, tinha uma preocupação política acentuada, sem sectarismo; como nós, aspirava a um socialismo democrático diferente das fórmulas reinantes. (52)

No leque de questões e pontos de contato entre Sérgio Milliet e a geração que formava o grupo da revista *Clima*, há um argumento

importante e decisivo para o entendimento da trajetória de nosso autor. Trata-se da **vocação cultural** de Sérgio Milliet, da sua disposição crítica em combater as diversas formas produzidas pelo autoritarismo na sociedade brasileira. Se lembramos o motivo que estruturava o principal alerta que Milliet endereçava à nova geração que iria depor no inquérito organizado por Mário Nene, podemos vislumbrar o tipo de material que formava a estrutura da "ponte" entre Milliet e o grupo *Clima*. Na sua coluna no jornal *O Estado de São Paulo* e nos *Diários*, Milliet afirmava, numa expressiva metáfora, que tal qual "a terra que recua milenarmente sob a ação das águas sem que ao menos se espere volta a reformar-se, o espírito reacionário sofre avanços e recuos imprevisíveis" e "quando menos se espera, e tudo indica um progresso real, pipocam fascismos e a crosta se refaz" (53). Nessa frase, escrita em 1944, Milliet afirma a profissão de fé no trabalho intelectual que procura pensar a formação da democracia em terra onde a reação autoritária não sofre abalos a cada movimentação das marés. Para Milliet, é a presença soberana de tal espírito ardiloso, que possui o dom de impor-se em diversas formas o mesmo teor de dominação e mando, que impede a concretude de alternativas para a estruturação da civilização e da conduta moral. Em tal círculo de forças, caberia ao homem de cultura o exercício de ir "colher no próprio desânimo a força necessária ao reinício da luta" (DC.II.316). De certo modo, essa sentença serve para expor uma característica particular da conduta de Sérgio Milliet, a capacidade de exercer nos bastidores a função de **organizador cultural**, incentivando a formação de novos tipos de homens de cultura que levassem a frente a tarefa

de frear o avanço do autoritarismo e da "miséria moral".

Nas linhas finais de seu depoimento na *Plataforma de uma Geração*, Antonio Candido exprime as linhas condutoras do dever do intelectual, de modo muito similar ao que pensava e defendia Sérgio Milliet:

Mas se você me perguntar qual poderia ser, no meu modo de sentir, um rumo a seguir pela mocidade intelectual no terreno das idéias, eu lhe responderei, sem hesitar, que a nossa tarefa máxima deveria ser o combate a todas as formas do pensamento reacionário.

Nos domínios da inteligência, Mario Neme, a Reação assume os aspectos mais dispares e mais cavilosos. Se insinua por todo canto. É, num trabalho monumental de obstrução, - tanto mais monumental quanto exercido inconscientemente por muitos intelectuais, - breca em todas as curvas a expansão do progresso humano e da inteligência livre.

Não nos compete, evidentemente, assumir uma cor política qualquer e descer à rua, clamando por ação direta. Cada um com suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e por ordem nas idéias. (54)

Com a postura em favor da democracia e da liberdade de expressão do artista e do intelectual, Antonio Candido delimita o seu raio de ação na sociedade brasileira. Para ele, a reforma da sociedade deveria ser iniciada na cultura e através do **intelectual esclarecido e sensível para as possibilidades de abertura do novo**. Nessas linhas, fazendo um exercício de abstração, podemos tentar entender o sentido e o contorno do nome *Brigada Ligeira*, livro de estréia de Antonio Candido na cultura brasileira. Trata-se de um efetivo esforço de escalrecimento dirigido no combate das diversas formas do autoritarismo e do espírito reacionário presentes na sociedade brasileira. Lembrando o exercício da linguagem agressiva presente no início do movimento modernista, o título sugere o ímpeto de renovação cultural como a tarefa, por excelência, a ser exercida pelo autor e

por sua geração. O espírito crítico que unia os jovens universitários numa espécie de **brigada cultural** buscava dar nova forma a função humanizadora que a cultura deveria exercer numa sociedade tão desigual e miserável.

Na conclusão de seu depoimento, Antonio Candido reafirma o valor do espírito crítico que procurava desenvolver nas páginas da revista *Clima* e no jornal *Folha da Manhã*, nas palavras:

Porque há para todos nós um problema sério, tão sério que nos leva às vezes a procura meio afoitamente uma "solução": a buscar uma regra de conduta, custe o que custar. Este problema é o do medo. Do medo que nos toma a todos de estarmos sendo inferiores a nossa tarefa; ou de não conseguirmos fazer algo de definitivamente útil para o nosso tempo, como, de um modo ou de outro, fizeram os rapazes de de Vinte. Você tem algum critério para afastar este medo? Eu não posso bem dizer que tenha, mas confesso que esse combate a todas as formas de Reação, que eu apenas sugeri, nos ajudaria muito a ficar livres dele. E a dormir em paz. (55)

Na frase de Antonio Candido, o sentimento do medo não é um apanágio somente de sua geração, mas representa em estado de espírito generalizado dos homens de cultura que sentiam a presença da degradação e da incredulidade quanto ao curso da barbárie na história, e nas proximidades do seu cotidiano. Esse é o ponto de contato que unia a crítica dos jovens universitários com as reflexões e posicionamentos de Sérgio Milliet. Na conjuntura que estilhacava as certezas e impunha a dura perspectiva da vida em escombros, a conduta do intelectual deveria ser educativa e esclarecedora do que se passou e do que pode vir a ser. Para Sérgio Milliet, a geração universitária possuía tanto a virtude do conhecimento organizado e científico quanto o compromisso moral para tentar reverter o quadro atual da sociedade

brasileira. Com o final da segunda guerra mundial e o declínio acentuado da ditadura do Estado Novo, os dilemas da conjuntura nacional e internacional impunham o dever da reconstrução democrática e dos direitos do indivíduo. De certo modo, um dos fatores que causavam o medo da impotência em Antonio Candido era a eventual reorganização e reconstrução da democracia e da vida livre e digna.

As questões sobre que tipo de ação poderia ser útil ou qual seria a tonalidade política, também representava um dilema para Milliet. Nos *Diários Críticos*, por diversas vezes Milliet refletiu a questão da insuficiência da participação e a falta de opções como o verdadeiro e dilacerador nó górdio a ser enfrentado pelo homem de cultura. Numa passagem muito significativa, Milliet indica na conduta dos jovens críticos da revista *Clima* uma nova postura intelectual:

O Brasil que a juventude destes anos maus vem descobrindo é um Brasil em descalabro, um Brasil de confucionismo, de diletantismo administrativo e político. Contra o crime do abandono, contra o meu-ufanismo medíocre e inculto, contra o cinismo aventureiro, a mocidade se revolta e se apaixona. Não posso deixar de aplaudir a essa rebelião de uma elite que há de preceder a das massas. Não no sentido daquela rebelião aristocraticamente temida por Ortega y Gasset, mas num sentido mais vertical eficaz. E não posso deixar de aplaudir porque, ante a complacência desfibrada e a desmoralização generalizada, reconforta ver desabrochar uma geração que tão poucos sinais de contágio nos revela. Algumas fraquezas dela, e certo, tem vindo a furo, alguns possíveis líderes têm se aconchegado às almofadas macias dos compromissos, mas o grosso da "brigada ligeira" continua firme na luta, na resistência (...) Contudo resta-nos sempre a esperança de que os homens mudem, de que a evolução das gerações não se repita numa semelhança desanimadora. A idéia de progresso moral persiste viva em nós, em que pesem todos os desmedidos da história e da experiência. Não sei se ainda poderei aplaudir, num futuro mais ou menos remoto, porém é certo que nenhuma outra

geração me infundiu tão funda esperança. Por tudo isso que ela tem de honesto, de sério, de sereno, de clarividente, e que o crítico Antonio Candido põe tão amplamente em evidência" (56)

Na longa frase, escrita em 1946, Milliet não expõe somente os valores culturais e políticos que norteavam a geração de Antonio Candido e do grupo *Clima*. Mais do que isso, podemos encontrar no interior dos seus argumentos, o modo como pensava o dever do homem de cultura. Na conjuntura internacional aberta pelo final da guerra mundial e nos limites da sociedade brasileira, entrava em cena o intelectual que postulava a reforma da sociedade via organização da cultura e da conduta moral dos indivíduos. Com um forte tom ilustrado, Milliet defendia a ampla reformulação dos valores, idéias e posicionamentos como meio de reverter a barbarização do cotidiano produzida nos "anos maus". Seu objetivo é o de "salvar a civilização" através da construção da "democracia efetiva" (DC.III:182), como afirmou num artigo escrito na mesma tonalidade. Portanto, para Milliet é através da criação de uma **elite representativa** que a sociedade, no seu conjunto, pode ser restabelecida, repensada em novos valores e princípios. Como deixou claro, a esperança que possuía na geração do grupo *Clima* estava fundada na operação da cultura, na revisão de valores, na atualização do passado cultural recente. Em uma palavra, a virtude intelectual que Sérgio Milliet via surgir nos trabalhos dos jovens universitários era um novo processo de **formação da cultura**. A respeito da tese de Antonio Candido sobre o método crítico de Silvio Romero, Milliet afirma que tal obra "revela, na sua síntese segura, na sua exposição sistemática, e na sua erudição discreta, um talento

crítico de primeira ordem, talvez mesmo de uma qualidade ainda inédita no Brasil" (DC.IV:183).

Foi com entusiasmo que Milliet entendeu as novas características do trabalho intelectual que a geração universitária estava implantando na cidade de São Paulo. Não seria exagero afirmar que foi Sérgio Milliet o primeiro crítico a entender e valorizar a superação cultural produzida pelo novo estilo de raciocínio, mais afim com as questões políticas e culturais do tempo. No artigo "O ato crítico, Antonio Candido afirma que no estudo da obra de Sérgio Milliet importa entender a segurança com que analisou, no momento da publicação, nomes como o de Clarice Lispector, João Cabral de Mello Neto, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Roger Bastide, Emilio Willens entre outros. Ao nosso ver, seria de atualidade engrossar a lista com o próprio nome de Antonio Candido e, de um modo geral, da revista *Clima*. Mas isso é matéria para um outro trabalho a ser desenvolvido.

NOTAS

- (1) A idéia da história como "imenso matadouro" pertence à Hegel, desenvolvida nas *Licções sobre a filosofia da história universal*.
- (2) A expressão "mundo em ruínas" pertence à Ernst Bloch. Usamos no sentido de caracterizar a completa ruptura da realidade que assistiram os homens que viveram as duas guerras mundiais. A respeito da frase ver Lukács in *Thomas Mann*, p.121.
- (3) Sartre, J.P.- *Qu'est-ce que la Littérature?*, Situations II, França, Gallimard, 1968, p.242.
- (4) Milliet, S. - *Diário Crítico*, vol.I, p.207-208.
- (5) Bosi, A. - *Moderno e modernista na literatura brasileira*, in *Céu, Inferno*, Editora Atica, São Paulo, 1988, p.115.
- (6) Candido, A. - *Prefácio* in Duarte, P. *Mário de Andrade por ele mesmo*, Hucitec & Secretária Municipal de Cultura, São Paulo, 1985, p. XIII.
- (7) Freud, S. - *Consideraciones de actualidad sobre la Guerra y la Muerte*, in *Obras Completas*, tradução de L.L.Ballesteros y de Torres, Madrid, Espana, Editorial Biblioteca Nueva, 1981, t.II, p.2117.
- (8) Conforme espero ter esclarecido, não é minha intenção realizar aqui uma análise exaustiva de toda a obra de Sérgio Milliet. Alguns temas não serão discutidos: a análise de seus poemas, de sua crítica de artes plásticas e a participação na fundação e direção de instituições como na Escola de Sociologia e Política, na Biblioteca Mário de Andrade e no Museu de Arte Moderna.
- (9) Milliet, S. - "Ares da Europa", in *Ensaio*, São Paulo, Brusco, 1938, p.230-251.
- (10) Halévy, E. - *L'ère des tyrannies. Etudes sur le socialisme et la guerre*, Nrf, Paris, 1938.
- (11) Canetti, E. - "Hitler por Speer" in *A consciência das palavras*, tradução Márcio Suzuki e Herbert Caro, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p.176.
- (12) Lins, A. - *Jornal de Crítica*, 3a série, São Paulo, Livraria José Olympio editora, 1944, p. 208.
- (13) Milliet, S. - *Diário Crítico*, vol.I, 2a edição, São Paulo, Livraria Martins & Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p.7.
- (14) Mann, Th.- *Le Journal du Docteur Faustus. Le Romam d'un Romam*, tradução de Louise Servicen, Paris, Plon, p.39 e 61.

(15) Candido.A. - "O Ato Crítico" in *A Educação pela Noite & outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1987, p.122.

(16) Uso livremente a epígrafe citada por Adorno na primeira parte de *Minima Moralia*. De Adorno também nos apropriamos da noção de "vida prejudicada" (*beschädigten Leben*) motivo central do livro escrito durante a segunda guerra mundial.

(17) Milliet,S.- Idem, vol.I, p.147 e 151.

(18) A respeito da censura imposta pela Ditadura do Estado Novo, e interessante o relato de uma carta resposta de Mário de Andrade para Milliet em 1940:

Sua carta por dois lados amarga e desesperada, me encontra bem distante. Não tem dúvida nenhuma que topo a idéia de uma correspondência mais nutrida em que nos confidenciaremos as nossas impressões... atrasadas do tempo novo que está vindo. Mas topo não tanto porque essas impressões não podem ser publicadas mais, como especialmente porque cada vez mais sinto a necessidade de me resguardar no silêncio mais íntimo das cartas.

Muito embora não temos conhecimento dos motivos escritos por Milliet para Mário de Andrade (as correspondências de Milliet devem estar lacradas como parte do testamento de Mário de Andrade no IEB/USP) acreditamos que essa carta marcou profundamente o espírito crítico de Sérgio Milliet por dois motivos. O primeiro, diz respeito a necessidade de ocultar-se, de viver nos limites da lógica da noite imposta pela ditadura que ameaçava com repressão, censura, aposentadorias e demissões os contrários ao golpe de 1937. O segundo, porque na leitura da carta é nítida a expressão de amargura, desencanto, auto-penitência e mutilação na escrita e na vida pessoal de Mário de Andrade. Talvez esses tenham sido os pressupostos da atitude de rever o modernismo, principalmente a contribuição de Mário de Andrade, que abraçou firmemente a partir da década de 40. Logo, os depoimentos e testamentos que marcaram os anos quarenta, por incentivo do próprio Milliet, podem ser entendidos como uma arma de combate que nascia na cultura contra a ditadura.

Sobre a carta, ver Duarte,P. *Mário de Andrade por ele mesmo*, Hucitec & Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 1985, p.332 s.

(19) Expressão de Roberto Schwarz, adaptada para meus propósitos. Conferir *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, São Paulo, Duas Cidades, 1990, p.185.

(20) A citação dos versos de Carlos Drummond de Andrade encontra-se no *Diário Crítico*, vol.II, p.149.

(21) Andrade,M.de - *Elegia de Abril* in *Aspectos da Literatura Brasileira*, São Paulo, Martins, 1974, p.193 a 194.

(22) Milliet, S. - op cit., vol.II, p.39 a 41.

(23) Milliet, S. - op cit., vol.I, p.89-90.

(24) Candido, A. - O ato crítico, op. cit., p. 125.

(25) Usamos a expressão de Adorno "assimilar e reelaborar o passado", que se encontra presente no texto *Was bedeutet: Aufarbeitung der Vergangenheit. Eingriffe. Gesammelte Schriften*, Suhrkamp, 1980, p.555-572. O termo de Adorno impõe uma perspectiva histórica e filosófica. É uma categoria vinculada com a memória (*Erinnerung*) e não é possível compreendê-la na sua expressividade como uma mera visão de passado. Ao contrário, *Aufarbeitung der Vergangenheit* é uma tentativa de reelaboração e reflexão crítica do passado, onde o intelectual busca dar nome ao que até então não possuía sentido. Logo, na sua perspectiva está o "próprio paradoxo da filosofia que deve dizer por meio de conceitos o que não se pode dizer precisamente por meio do conceitos, dizer o indizível", como afirma Adorno. Trata-se, portanto, do combate no campo da cultura contra as forças interessadas na destruição da memória (*Zerstörung von Erinnerung*).

Nos limites deste trabalho, pretendemos usar a categoria de Adorno no sentido de "assimilar e reelaborar o passado" na seguinte hipótese: para os homens que viveram os acontecimentos bestiais da primeira metade do século, o passado permaneceu profundamente vivo em sua memórias, quer tenham desejado ou não. A força de tais acontecimentos, nunca antes vividos em tamanha escala de destruição de valores e vidas, marcaram profundamente qualquer ato ou perspectiva objetiva ou subjetiva. Os que procuraram conservar na memória as experiências vividas, e que dispunham de critérios que lhes permitiam refletir e ordenar suas lembranças podem nos ajudar a entender um pouco das contradições desse século. Essas pessoas, mesmo que não tenham no seu arcabouço teórico a força para nomear o indizível, ao menos, puderam lançar as gerações futuras para um novo e mais rico ângulo analítico. Quem efetuou tal ação, e acreditamos que Sérgio Milliet o fez, realizou, nos seus limites, uma assimilação do passado evitando que a memória fosse destruída, debilitada.

(26) Candido, A. - O ato crítico, op.cit., p.126.

(27) Milliet, S - Diário Crítico, vol.II, p.16.

(28) Milliet, S.- Idem. vol.III, p.132.

(29) Nogueira, M.A. - *Os anos trinta*, revista *Perspectiva*, nº11, 1988, p.98.

(30) Milliet, Diário Crítico, vol.II, p.40.

(31) Cruz Costa, J. - *Contribuições à história das idéias no Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, p.434.

(32) Cavaleiro, E. (org) - *Testamento de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, p.9.

(33) Não nos interessa desenvolver uma análise detalhada de todos os depoimentos contidos no livro *Testamento de uma Geração*. Para tanto, seria necessário um conhecimento de literatura comparada que não possuímos. Desse modo, nos limitamos a indicar algumas semelhanças dos depoentes sobre o movimento modernista de 22.

Para Abguar Bastos, o modernismo foi "um fenômeno de inquietação mundial" e "nascia dentre as calamidades econômicas e morais que solicitavam reformas em todos os quadrantes das atividades pátrias". Abguar Bastos, afirma que "dizer que o modernismo caducou e é uma blague tratar-se dele agora, é não compreender que o modernismo não foi uma escola, nem um clube, nem um divertimento literário: foi uma ânsia de libertação do sentimento nacional, foi uma explodir da sensibilidade asfixiada". Numa frase importante, conclui seu depoimento nas palavras: "o modernismo não é um ato teatral. É um processo".

Para Afonso Arinos de Mello Franco, o modernismo "foi, afinal, um esforço para dar cor e substância nacionais à literatura brasileira. É sem dúvida que inegável que também o Modernismo derivou das novas correntes estéticas européias. Mas exatamente por se tratar de um movimento integral de libertação, não estando preso a nenhum cânone rígido, como o parnasianismo ou o simbolismo, encontrou mais facilmente que estes o caminho brasileiro".

Dos que depuseram, parece ser Tristão de Ataíde quem entendeu com maior penetração o que era proposto pelo depoimento "procurar o que está esquecido, resumir o que está disperso, recordar..." acrescentando que o autor está a exigir o "pudor, enfim, de fazer o que afinal de contas é uma verdadeira confissão pública" (33). Recordar o que passou nos anos vinte e trinta e o que ocorre nos anos quarenta, esse foi, sem dúvida, o interesse que motivou Sérgio Milliet e Edgar Cavalheiro para criarem o *Testamento de uma Geração*, uma forma encontrada para aproximar os homens de cultura com os problemas da sociedade brasileira.

(34) Milliet, S. - *Meu depoimento* in Cavalheiro, E. (org) - *Testamento de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, p.240.

(35) Idem, *ibidem* - p.243.

(36) Milliet, S. - *Diário Crítico*, vol.II, p.313-314.

(37) Idem, *ibidem*, vol.II, p.314-315.

(38) Andrade, M.de - *Elegia de Abril* in *Aspectos da Literatura brasileira*, p.186.

A respeito da auto-crítica de Mário de Andrade proferida na Casa dos Estudantes em 1942, provavelmente, o trecho que causou a crítica de Milliet foi esse:

Mas estou convencido de que devíamos ter nos

transformado de especulativos em especuladores. Há sempre jeito de escorregar num ângulo de visão, numa escolha de valores, no embacado duma lágrima que avolumem ainda mais o insuportável das condições atuais do mundo. Não. Viramos abstencionistas, abstênicos e transcendentistas *. Mas por isso mesmo que fui sinceríssimo, que desejei ser fecundo e joguei lealmente com todas as minhas cartas à vista, alcanço agora esta consciência de que fomos bastante inatúis. Vaidade, tudo vaidade... Tudo o que fizemos...Tudo o que eu fiz foi especialmente uma cilada da minha felicidade pessoal e da festa em que vivíamos. É aliás o que, com decepção açucarada, nos explica historicamente. Nós eramos os filhos finais de uma civilização que se acabou

*"Uns verdadeiros inconscientes", como já falei uma vez...

Milliet contesta Mário de Andrade ao dizer que nem tudo era "jeunesse dorée" nos jovens que fizeram o movimento de 22 e que participaram dos acontecimentos políticos da década de 30. Todavia, o mesmo tom de amargura, no qual Mário de Andrade de auto-mutila, também foi duramente usado por Sérgio Milliet. Arriscamos dizer, que Milliet compartilha a idéia de que forma, de fato, os "filhos finais de uma civilização" e os recém-nascidos de um novo e cruel tempo histórico. Talvez nesse paradoxo da sociedade paulistana e do tempo histórico do capitalismo imperialista esteja guardado muito o que pode explicar suas trajetórias e suas idiossincrasias.

(39) Na verdade, a frase é de Antonio Candido e diz respeito a figura de Mário de Andrade, como podemos ver:

Mário estava passando naquele momento pela fase que se pode chamar didática, - muito crente no papel social das luzes, na função de instituições como a Universidade e o Departamento de Cultura, que ele organizara e vira se esfrangalhar em parte. Andava preocupado com a consolidação da vida intelectual no Brasil e relativamente crítico em relação aos aspectos lúdicos da Semana de Arte Moderna.

Assumimos a alteração da crítica de Antonio Candido e a supressão do nome de Mário de Andrade por Sérgio Milliet por dois motivos. Primeiro, porque Milliet foi um dos principais homens de cultura que debateu nos anos trinta e quarenta a questão da função do intelectual e das instituições culturais, como o próprio Antonio Candido deixa claro, por exemplo, nos ensaios *O Ato Crítico* e *O Congresso dos Escritores*. Segundo, a trajetória Milliet e a de Mário de Andrade nos anos citados, por vezes é muito estreita e similar, principalmente, sobre a função crítica e responsável do intelectual na sociedade.

A respeito do seqüestro do crítico ausente, no qual esperamos não

ter cometido mais de um crime, conferir os ensaios de Antonio Candido "Clima" e "O congresso de escritores" in *Teresina etc.*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p.160.

(40) Milliet, S. - *Diário Crítico*, vol.II, p.315-316.

(41) Milliet, S. - *Idem*, vol.I, p.110.

(42) Neme, M. - (org.) *Plataforma de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, p.10.

(43) Machado, L.G. - *Depoimento* in Neme, M. - (org.) *Plataforma de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, p.25.

(44) *Idem*, *ibidem*, p.27-28.

(45) *Idem*, *ibidem*, p.28.

(46) Candido, A. - *Depoimento* in Neme, M. - (org.) *Plataforma de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944, p.31.

(47) *Idem*, *ibidem*, p.31.

(48) *Idem*, *ibidem*, p.33.

(49) *Idem*, *ibidem*, p.35

(50) As frases de Antonio Candido estão presentes no artigo "Clima" in *Teresina etc.*, p.160. Em um outro ensaio, Antonio Candido exprime com maior consistência a afirmação de que interessava para a sua geração o modernismo como atitude mental:

Naquele tempo, 30 e 40, alguns modernistas se empenharam a fundo na reflexão ideológica ou mesmo na ação política, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. E isto nos aproximava deles, porque o nosso entusiasmo pela Semana de 22 era em parte devido ao fato de esses próceres feito semelhante evolução; e ao fato de se ligar ao espírito deles o grande poeta político que foi naquele momento Carlos Drummond de Andrade, um de cujos livros, *Sentimento do Mundo*, teve de sair em edição restrita e privada, e cujos poemas posteriores sobre a matéria social circulavam dactilografados. Talvez tenhamos até ficado mais com o modernismo como crítica do que com o modernismo como invenção

A respeito, conferir de Antonio Candido, *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.66.

(51) Candido, A. - *Depoimento* in Neme, M. - (org.) *Plataforma de uma geração*, p.35-36.

(52) Candido,A. - *O ato crítico* in *A Educação pela Noite*, São Paulo, Atica, 1987, p.123..

(53) Milliet,S. - *Diário Crítico*, vol.II, p.316.

(54) Candido,A. - *Depoimento* in Neme,M. - (org.) *Plataforma de uma geração*, p.37.

(55) Idem, ibidem, - p.40.

(56) Milliet,S. - *Diário Crítico*, vol.IV, p.93-94.

UM PONTO DE CHEGADA

Como procuramos demonstrar nos capítulos anteriores, nosso objetivo foi o de percorrer a trajetória de Sérgio Milliet, tomando como intervalo temporal os anos vinte e o final da segunda guerra mundial, e sem pretensões exaustivas. A variedade de assuntos examinados trouxe-nos como consequência um certo abuso da abstração e uma heterogeneidade de posições. Ao longo desse estudo, procuramos entender um pouco da história do modernismo tomando como argumento a recordação crítica do passado desenvolvida por Sérgio Milliet em suas obras principais. Para tanto, seguimos uma idéia cara para uma tradição do marxismo que vê na recordação do passado uma forma que preserva a história. Segundo Marcuse:

A lembrança é um modo de dissociação dos fatos, um modo de "mediação" que quebra, por alguns instantes, o poder onipresente dos fatos dados. A memória recorda o terror e a esperança passados. Ambos voltam à vida, mas enquanto, na realidade, aquele ressurgem em formas sempre novas esta permanece uma esperança. E, nos acontecimentos pessoais que reaparecem na memória individual, os temores e as aspirações da humanidade se reafirmam - o universal no particular (...) E' a história que a memória preserva. (1)

Se as feridas do espírito podem ser curadas, então, é indispensável a recordação e o entendimento crítico do passado. De certo modo, foi essa a tônica que percorremos nos três capítulos dessa dissertação, o estudo da experiência vivida por Sérgio Milliet durante um intervalo delimitado. A escolha de tal tempo, serviu para demonstrar a profunda vinculação de nosso autor com o movimento da história. Numa breve síntese, poderíamos dizer que a fortuna crítica de Sérgio Milliet está na capacidade de rever e refletir os dramas pessoais e coletivos vividos em meio as ondas de destruição de valores

e de vidas. Essa tendência aparece progressivamente ao longo de sua obra, tendo início no ensaios socio-culturais e sendo aperfeiçoada nos Diários Críticos. Nesses livros, uma outra característica salta aos olhos do leitor atento, ao mesmo tempo que Sérgio Milliet exerce a crítica é ele próprio objeto a ser criticado. De certo modo, essa estranha fórmula onde sujeito e objeto estão mesclados aparece constantemente na sua escrita. Acreditamos que isso tenha a ver com a profundidade da história na sua vida é na da sua geração. Os homens que viveram boa parte de suas vidas sob o signo da destruição, tiveram que resignar-se a refletir sobre um passado presente, dito de outro modo, cicatrizado em suas almas. O peso insuportável da história nunca pôde ser suavizado, esquecido ou mesmo ignorado. Na vida desses homens o preço pago pela sobrevivência tornou-se mais caro, dilacerador.

É nesse sentido que procuramos demonstrar na trajetória de Milliet a presença da mutilação como uma consequência inevitável na sua vida. Foi o que vimos nos capítulos anteriores, principalmente na análise do romance *Roberto* onde o personagem é um ser que não se encontra, ficando preso nas barreiras de suas contradições. O que aparece exposto como personagem artístico, revelava ser o maior drama do próprio autor. Numa passagem de alto valor sintético, escrita num livro de quase todo de memórias, Milliet afirmava que "faltou-me apenas a força de ir até as últimas consequências do rumo que escolhido. É de que me penitencio" (2). Triste drama de consciência, para o intelectual que escreveu certa vez que "a grande vitória a que pode aspirar um homem é exatamente não se enganar na sua própria realização". (3)

Para finalizar, recorremos a uma análise de Carlos Drummond de Andrade, escrita a propósito do livro de poesia Quinze poemas. Numa carta enviada para Milliet em 1953, Carlos Drummond afirma:

Que vida profundamente vivida há neles. pelo coração, pelo espírito, pelos sentidos! É uma sabedoria, que outros chamarão de triste, mas que eu encontro serena e iluminada por uma invencível consciência humana. Consciência de nosso ofício de homem, de nossa condição ao mesmo tempo fugitiva e permanente. (4)

Na frase endereçada para Milliet, oculta-se uma condição particular de existência do intelectual na sociedade atrasada e dependente. A condição "ao mesmo tempo fugitiva e permanente" expõe a fratura da difícil condição do intelectual contido numa dupla clausura: nos desencontros entre a responsabilidade e a falta de perspectivas, o intelectual padece da triste figura da solidão. Na geração dos primeiros modernistas, uma outra frase de Carlos Drummond de Andrade serve para caracterizá-los:

O que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão (5)

Como última especulação sobre o modernismo e Sérgio Milliet, será um mero acaso o esquecimento de vários participantes do movimento pelo conjunto da cultura brasileira, mesmo quando ainda estavam vivos? Como podemos entender, no caso de nosso autor, que foi um dos mais atuantes modernistas e o que mais longe conduziu suas conquistas e valores tenha sido esquecido?

Com essas palavras terminamos nosso trabalho, tendo a convicção que somente realizamos uma parcela pequena do que foi prometido, deixando promessas para outras investigações.

NOTAS

- (1) Marcuse, H. - O homem Unidimensional. A ideologia da sociedade industrial. 4^a ed., Zahar editores, trad. Giasone Rebuá, 1964, p.104.
- (2) Milliet, S. - De Ontem, de Hoje, de Sempre. São Paulo, Liv. Martins, 1963, v. II, p.122.
- (3) Milliet, S. - **Meu depoimento**, in Edgar Cavalheiro (org) *Testamento de uma Geração*, p.243.
- (4) Andrade, C. Drummond de - Carta à Sérgio Milliet datada de 28-05-1953 e reproduzida in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, vpl. XXXI, número especial, Junho, Agosto, Setembro, 1972.
- (5) Sobre o verso de Carlos Drummond de Andrade, ver Milliet, S. in *Diário Crítico* v. II, p.149

CRONOLOGIA

1898 - Nascimento.

1912 - Viaja para a Suíça onde inicia o curso de Ciências Econômicas e Sociais na Escola de Comércio e, posteriormente, na Universidade de Berna.

1918 - Integra a direção da revista *Le Carmel* com Charles Baudoin e outros

1921 - Viaja ao Brasil e participa da Semana de Arte Moderna recitando versos escritos na Europa

1923 - Retorna à Europa onde participa do grupo literário da revista *Lumiere*.

1924 - Regressa definitivamente ao Brasil.

1927 - Participa da gerência do *Diário Nacional* juntamente com Mário de Andrade

1933 - É secretário da Escola de Sociologia e Política

1935 - Participa da criação e organização do *Departamento de Cultura* da Prefeitura de São Paulo, junto com Paulo Duarte, Mário de Andrade e Rubens Borba de Moraes.

1936 - Inicia a publicação de ensaios socio-culturais reunidos nos livros *Marcha à ré*, *Ensaio e Roteiro do Café*.

1938 - Começa a escrever diariamente sobre arte e literatura no jornal *O Estado de São Paulo*.

1940 - Desenvolve o hábito de escrever diários sobre arte, assuntos do cotidiano, literatura.

1940-1956 - Publica em dez volumes os *Diários Críticos*, sua principal obra que reúne desde análises sobre a produção cultural brasileira e internacional até debates com os novos movimentos artísticos que surgiam.

1957- 1966 - Trabalha como tradutor de escritores da língua francesa, principalmente de Montaigne, Pascal, Rousseau, Sartre, Simone de Beauvoir, Gide, Debret e vários outros.

1966 - Falecimento na cidade de São Paulo.

I - OBRAS DE SÉRGIO MILLIET

Par le Sentier. Geneve, Edition du Carmel, 1917.

Le départ sous la pluie. Edition du groupe littéraire "Jean Violette"
Geneve, 1ªed.,1919.

Terminus seco e outros cocktails. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1932.

Poemas Análogos. São Paulo, Niccolini & Nogueira, 1ªed.,1927.

Roberto. São Paulo, Niccolini & Nogueira, 1ªed.,1935.

Marcha à ré. Rio de Janeiro, José Olympio, 1ªed.,1936.

Ensaio. São Paulo, Brusco, 1ªed.,1938.

*Roteiro do Café e outros ensaios: contribuição para o estudo da
história econômica e social do Brasil.* São Paulo, Ed.Hucitec
/INL, 1982 (2ªed.), 1938 (1ªed.).

O Sal da Heresia. São Paulo, Departamento de Cultura, 1ªed.,1941.

Fora de Forma. São Paulo, Ed.Anchieta, 1942.

Oh! Valsa Latejante. São Paulo, 1943.

Poesias. Rio de Janeiro, Globo, 1946.

Panorama da Moderna Poesia Brasileira. São Paulo, Documentação, 1952.

De ontem, de hoje, de sempre. São Paulo, 2 vol., 1960-1962.

4 ensaios (livro póstumo), São Paulo, Martins, 1967.

Diário Crítico. v.I - 1940-1943. intro. Antonio Candido, 2ªed., São
Paulo, Martins, 1981.

Diário Crítico. v.II - 1944. 2ªed., São Paulo, Martins,1981.

Diário Crítico. v.III - 1945. 2ªed., São Paulo, Martins,1981.

Diário Crítico. v.IV - 1946. 2ªed., São Paulo, Martins,1981.

Diário Crítico. v.V - 1947. 2ªed., São Paulo, Martins,1981.

Diário Crítico. v.VI - 1948. 2ªed., São Paulo, Martins,1981.

Diário Crítico. v.VII -1949. 2ªed., São Paulo, Martins,1982.

Diário Crítico. v.VIII - 1951. 2ªed., São Paulo, Martins,1982.

Diário Crítico, v.IX - 1953-1954. 2ªed., São Paulo, Martins, 1982.

Diário Crítico, v.X - 1955-1956. 2ªed., São Paulo, Martins, 1982.

II- OBRAS GERAIS

ADORNO, T.W. - *Intervenciones*. tradução Roberto J. Vernengo, Caracas, Monte Avila, 1969.

_____ *Was bedeutet: Aufarbeitung der Vergangenheit. Eingriffe. Gesammelte Schriften*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 1980, p.555-572.

_____ *Minima Moralia*, tradução de Norberto S.Paz, Caracas, Monte Avila, 1975.

_____ *Consignas*, tradução de Ramón Bilbao, Buenos Aires, Amorrortu, 1973.

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. - *Dialéctica del Iluminismo*, tradução de H.A.Murena, Buenos Aires, Sur, 1971.

AMARAL, A. - *Artes Plásticas na Semana de 22*. São Paulo, Edusp, Editora Perspectiva, 1ªed., 1972.

ANCONA LOPES, T.P. - *Mário de Andrade: ramais e caminhos*, São Paulo, Duas Cidades, 1ªed., 1972.

ANDRADE, M.de - *Aspecto da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 5ªed. 1974.

_____ *O Empalhador de Passarinho*. São Paulo, Martins, 3ªed. 1972.

_____ Sérgio Milliet in *Revista Nova*, São Paulo, 1932, ano 2, nº6.

_____ *Taxi e crônicas do Diário Nacional*, São Paulo, Duas Cidades, 1976.

ARANTES, P.E. - *Sentimento da Dialética na experiência intelectual brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

- _____ *O Bonde da Filosofia*, in Maria Antônia: uma rua na contramão Org. Maria C.L. dos Santos, São Paulo, Livraria Nobel, 1988.
- _____ *Jean Maugue e a USP*, in Novos Estudos Cebrap, no 23, março de 1989.
- AUERBACH, E. - *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BASTIDE, R. - *Brasil: terras de contrastes*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 5ª ed., 1959.
- _____ *Histoire d'un amour déçu*, in Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, v. XXXI, São Paulo, 1972.
- BENJAMIN, W. - *Teorias do fascismo alemão. Obras Escolhidas*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____ *Experiência e Pobreza. Obras Escolhidas*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____ *A doutrina das semelhanças. Obras Escolhidas*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____ *O Narrador. Obras Escolhidas*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____ *Dos iluminaciones sobre André Gide, Imaginación y Sociedad*, traducción de Jesus Aguirre, Espanha, Taurus, 1980.
- _____ *Sobre la situación social que el escritor francés ocupa actualmente. Imaginación y Sociedad*, traducción de Jesus Aguirre, Espanha, Taurus, 1980.
- _____ *O caráter destrutivo. Obras Escolhidas*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BERRIEL, C.E.O. - *Dimensões de Macunaima: Filosofia, Gênero e Época*. Tese de Mestrado apresentada para o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. 1987.
- BOBBIO, N. - *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*, tradução de Marco Aurélio Nogueira, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1986.
- _____ *Intelletuali e vita politica in Italia*.

BOSI, A. - *Céu, Inferno*. São Paulo, Atica, 1988.

_____ *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.

BRITO, M.S. - *História do Modernismo brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.

CANDIDO, A. - *O ato crítico, A Educação pela Noite*, São Paulo, Atica, 1987.

_____ *Teresina etc.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

_____ *Brigada Ligeira*, São Paulo, Martins, 1945.

_____ *O observador literário*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1959.

_____ *Ensaio Paulistas*. São Paulo, Anhembi, 1958.

_____ *Depoimento para Mário Neme in Plataforma da nova geração*. Globo, Porto Alegre, 1945.

_____ *A sociologia no Brasil in Enciclopédia Delta Larousse*, v.IV, 2ªed., Ed. Delta, Rio de Janeiro, 1964.

_____ *Literatura e Sociedade*. São Paulo, C.E.N., 5ªed. 1976.

_____ *Generosas Obsessões*, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, nº40, 1979.

_____ *Prefácio para Mário de Andrade por ele mesmo*. Org. Paulo Duarte, São Paulo, Hucitec, 1985.

_____ *Prefácio para Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, Sérgio Micelli, São Paulo, Difel, 1979.

_____ *Recortes*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CANETTI, E. - *A consciência das Palavras*. Tradução de Márcio Suzuki e Herbart Caro, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

_____ *A língua absorvida*. tradução de Kurt Jahn, São Paulo, Companhia Das Letras, 1989.

CARDOSO de MELLO, J.M. - *O Capitalismo Tardio*. São Paulo. Brasiliense, 8ªedição, 1982.

- CARONE, E. - *A Primeira República*, São Paulo, Difel, 1969.
- CAVALHEIRO, E. - *Testamento de uma geração*, Porto Alegre, Globo, 1944.
- CRUZ COSTA, J. - *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Civilização brasileira, 1967.
- _____ *Pequena História da República*, Civilização brasileira, 1968.
- _____ *O pensamento brasileiro*. São Paulo, I.E.L-USP, 1971.
- _____ *Alguns Aspectos do pensamento brasileiro*, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, nº7, 1945.
- DUARTE, P. - *Mário de Andrade por ele mesmo*, São Paulo, Hucitec, 1985.
- FAORO, R. - , Porto Alegre, Globo, 2 vol. 7ªed. 1987.
- FAUSTO, B. - *A Revolução de 1930*. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- FERNANDES, F. - *Evocação de um passado recente*. São Paulo, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, nº40, 1979.
- FREUD, S. - *El porque de la guerra, Obras Completas*, traducción de Luis Lopes Ballesteros y de Torres, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1981.
- _____ *Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte, Obras Completas*, traducción de Luis Lopes Ballesteros y de Torres, Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.
- _____ *Lo Perecedero, Obras Completas*, traducción de Luis Lopes Ballesteros y de Torres, Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.
- _____ *El Poeta y los sueños diurnos, Obras Completas*, traducción de Luis Lopes Ballesteros y de Torres, Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.
- GAY, P. - *A Cultura de Weimar*, tradução de Laura L.da Costa Braga, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

- GONÇALVES, L.R. - *Sérgio Milliet, Crítico de arte*. São Paulo, Edusp/Perspectiva, 1992.
- GOMES, P.E.S. - *Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente*, Rio de Janeiro, Embrafilame/Brasiliense, 1986.
- HABERMAS, J. - *Perfiles Filosóficos - Políticos*, Traducción de Manuel J. Redondo Espanha, Taurus, 1975.
- HALEVY, E. - *L'ère des tyrannies. Etudes sur le socialisme et la guerre*, Nrf, Paris, 1938.
- HOLLANDA, S.de - Discurso na Academia Paulista de Letras, Revista da Academia Paulista de Letras, ano XXII, no 67, 1962.
- HORKHEIMER, M. - *Sociedad en transición: estudios de filosofía social*, traducción de Joan G. Costa, Espanha, Península, 1972.
- _____ *Para la crítica de la razón instrumental*, traducción de H.A. Murena, Buenos Aires, Sur, 1973.
- _____ *Historia, Metafísica y escepticismo*, traducción de María del R. Zurro, Espanha, Alianza Editorial, 1982.
- IANNI, O. - *A ideia de Brasil moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- JARDIM de MORAIS, E. - *A Brasilidade Modernista*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1978.
- KRAUS, K. - *Ditos e Desditos*. trad. de Marcio Suzuki e Werner Löwenberg, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- LAFETA, J.L. - *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1974.
- LUKACS, G. - *Thomas Mann, Obras Completas*, traducción de Jacob Munoz Barcelona- México, Ediciones Grijalbo, 1969.
- _____ *El asalto a la Razón: la trayectoria del Irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Barcelona- México, Ediciones Grijalbo, 1972.
- _____ *Breve Histoire de la Littérature Allemande (du XVIII siècle à nos jours)*, França, Les Editions Nagel, 1949.

- _____ *La théorie du Roman*, traduit par Jean Clairevoye, Geneve, Editions Gonthier, 1963.
- LUZ, N.V. - *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo, Difel, 1961.
- MACHADO, L.G. - *Depoimento para Mario Neme in Plataforma da nova geração*. Globo, Porto Alegre, 1945.
- MANN, T. - *Le journal du Docteur Faustus*. Traduit Louise Servcen, Paris Plon, sem data.
- MARCUSE, H. - *La doctrina de los impulsos y la libertad*, in *Freud en la actualidad*, edición de Th.W.Adorno e W.Dirks, Barcelona, Barral, 1971.
- _____ *La idea de progreso a la luz del psicoanálisis*, in *Freud en la actualidad*, edición de Th.W.Adorno e W.Dirks, Barcelona, Barral, 1971.
- _____ *O homem unidimensional. A ideologia da sociedade industrial*, Rio de Janeiro, Zahar, 4ªed., 1973.
- MAUGUE, J. - *Sigmund Freud*, in *O Estado de São Paulo*, 8-10-1939.
- MELLO e SOUZA, G.de - *Exercícios de Leitura*. São Paulo, Duas Cidades, 1980.
- MITSCHERLICH, A. - *Vers la Société sans Peres*, Traduit par Maurice Jacob, Paris, Gallimard, 1963.
- MORAES LEONEL, M.C.de - *Estética*, São Paulo, Hucitec, 1984.
- NEME, M. - *Plataforma da nova geração*, Porto Alegre, Globo, 1945.
- NOGUEIRA, M.A. - *Os anos trinta. Revista Perspectiva*, São Paulo, Unesp, 1988.
- ORTEGA Y GASSET, J. - *Espana Invertebrada*, Madrid, Revista de Occidente 11ªedición, 1959.
- _____ *La Rebelión de las Masas*, Lima, Editorial Universo, 1975.

- PRADO, P. - *Província & Nação: Paulística e Retrato do Brasil*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- SARTRE, J.P. - *Qu'est-ce que la Littérature?* Situations II, Gallimard, França, 1968.
- SCHAWARTZMAN, S. - *Tempos de Capanema*. São Paulo, Edusp, 1984.
- SCHWARZ, R. - *Ao vencedor as batatas*, São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- _____ *Um Mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1990.
- _____ *Que horas São?*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- ROSENFELD, A. - *Texto e Contexto*. São Paulo, Perspectivas, 1976.
- VARIOS - *Brasil Primeiro Tempo Modernista 1917-1929*. Documentação, IEB/USP. 1972.
- VARIOS - *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1946.
- VARIOS - *KLAXON*, São Paulo, 1922-1923.
- VARIOS - *ESTETICA*, Rio de Janeiro, 1924-1925.
- VARIOS - *TERRA ROXA e OUTRAS TERRAS*, São Paulo, 1927.
- VARIOS - *CLIMA*, São Paulo, 1941-1944.
- VIANNA, O. - *Evolução do Povo Brasileiro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.
- _____ *Instituições Políticas Brasileiras*, (2 vol.), São Paulo, Edusp, 1987.
- WISNIK, J.M. - *O Coro dos Contrários*, São Paulo, Duas Cidades, 2ª edição 1983.